

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO: JOSÉ BARÃO ♦ EDITOR: MANUEL RODRIGUES ÁLVARES ♦ DELEGAÇÕES: LISBOA - TELEF. 31839 - FARO - TRAV. DO PÉ DA CRUZ, 5 ♦ AVENÇA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA PRINCESA, 54 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO - TELEFONE 254 ♦ OFICINAS: EMPRESA LITOGRAFICA DO SUL, LIMITADA - V. R. S. ANTÓNIO

NO LIMIAR DE OUTRO ANO

ENTRA hoje *Jornal do Algarve* no seu quinto ano. Fazer anos de vida talvez não entristeça, mesmo que os anos tenham sido difíceis e trabalhosos de vencer. Chega-se ao dia de hoje um pouco mais cansado, com uma porção maior de desilusões e com uma documentação menos abonatória do discernimento mental de certos homens. Mas chega-se também ao dia de hoje com a certeza de que valeu a pena empreender a difícil caminhada na qual, felizmente, não nos têm faltado acompanhantes, comungando conosco na fé e no entusiasmo de engrandecermos a nossa pequenina pátria, de proporcionarmos à sua gente meios materiais que lhe aliviem as carências e de lhe estimularmos o desejo de mais se ilustrar para mais valer. A certeza de que temos agido equilibrada e honestamente chega para nos sentirmos em paz com a nossa consciência.

Ao entrarmos num novo ano de luta queremos reiterar o nosso apreço e o nosso agradecimento aos nossos leitores e anunciantes — as duas únicas e exclusivas forças materiais sustentáculo do *Jornal do Algarve* — aos nossos estimados colaboradores que muito têm contribuído para o prestígio do jornal provincial e às oficinas gráficas que tanto esmero põem na sua execução. E não queremos esquecer os nossos colegas do Algarve pela boa camaradagem e pela defesa em que também se empenham daquilo que para nós está acima de tudo — o Algarve.

A unidade «modesta» não produz mais caro que a unidade «grande» além de que, na laboração da pequena fábrica, o próprio industrial intervém pessoalmente — diz-nos o industrial conserveiro sr. João Hugo Estrela Pestana



João Hugo Estrela Pestana

por JOÃO TRIGUEIROS

LHAO vive das indústrias da pesca e das conservas de peixe. Elas amparam todas as outras actividades industriais e comerciais. É sabido. No princípio do ano passado, o eco de alguns fracassos tranqüilizou a população. Previa-se a derrocada. Depois, mercê de vários factores, a nuvem negra do pessimismo dissipou-se.

A situação de suspense (como agora dizem os babáus) despertou a minha curiosidade. Quis conhecer o que se passou no período fabril de 1960/61.

Para mitigar o vício, ancestral, de jornalismo, apeteceu-me uma entrevista.

Isto de entrevistas jornalísticas, (a quem as sofre) pertence ao número das pequenas torturas que a vida impõe, como provar um fato, cortar o cabelo (quando há!) ou tirar um dente...

Escolhi a «víctima». Recaiu a escolha num dos mais modernos industriais da praça. O seu caso, é deveras interessante. Formado, por uma escola superior, com vista à administração ultramarina, as contingências do destino integraram-no, como sócio-gerente, numa firma industrial conserveira. Estudou, observou, aplicou-se e, hoje, sabe

(Conclui na 12.ª página)

Para quando a Escola Técnica de Olhão?

FOCAR uma vez por ano um assunto que está na vanguarda de todas as aspirações dos municípios dum importante núcleo populoso.

(Conclui na 12.ª página)

O preço da água em Mértola

A CERCA da nossa local sobre o preço da água em Mértola, recebemos do sr. Eduardo José Raposo, presidente da Câmara Municipal daquele concelho, a seguinte carta que esclarece o assunto:

Sr. director do Jornal do Algarve

Lemos com interesse a notícia publicada no número 207 de 11 de Março do ano corrente do jornal de que v. é mui digno director, e, por que dessa notícia se infere que o seu autor, ou está mal informado ou pretende desvirtuar a realidade, muito grato ficarei a v. se fizer publicar a seguinte nota:

A Câmara Municipal de Mértola, tendo tido conhecimento da notícia publicada no Jornal do Algarve de 11 do corrente mês, vem esclarecer que:

O serviço domiciliário de abastecimento de água à vila de Mértola

(Conclui na 14.ª página)



ESQUEMA DA ACÇÃO PARA O FOMENTO DA PESCA DO ATUM NA COSTA ALGARVIA, PELO DR. A. SOUSA PONTES.

(Ler na 10.ª página)

As danças do Oriente, pela sua expressão plástica e pela sua fantasia, são muito do agrado das gentes ocidentais. Dai que tenham sempre acolhimento amigo os grupos de coreografia que visitam a Europa. Encontra-se agora em Londres um «ballet» japonês que muito tem impressionado os londrinos pela extraordinária execução dos seus bailados. Vemo-lo aqui numa cena realmente fantástica. As bailarinas são lindas, destacando-se Tomooka Hatsue (Miss Japão), à esquerda e Katarina Miiko, duas graciosas aves humanas.

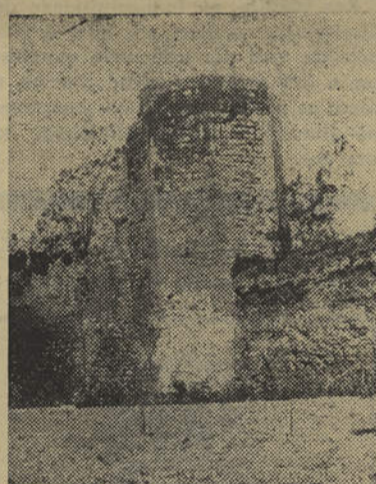
UMA PÁGINA INÉDITA DA HISTÓRIA ÁRABE DO ALGARVE

A REVOLTA DE TAVIRA CONTRA OS ALMOÁDAS

Durante dezasseis anos Al-Wuhaybi procurou fazer de Tavira a sede de um principado independente do Sotavento algarvio

Artigo de JOSÉ D. GARCIA DÓMINGUES

Exclusivo para o JORNAL DO ALGARVE em homenagem ao seu director, José Barão



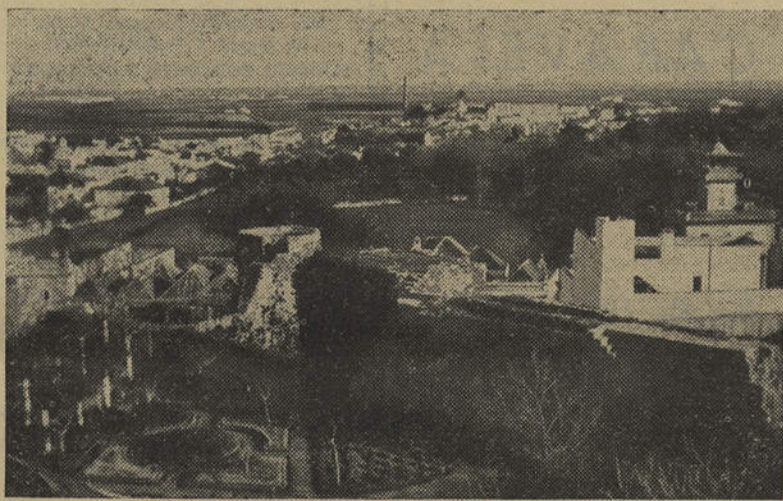
Torre das Guinas do castelo de Tavira, construção requintada da arquitectura militar muçulmana

NOS meus estudos sobre a história árabe do Algarve poucas vezes encontrei referências a Tavira. Os autores árabes falam muito de Silves e de Santa Maria do Algarve (Faro) mas pouco ou quase nada de Tavira ou de quaisquer outras povoações do Sotavento. Apesar de tudo, há neles algumas referências a Tavira sobretudo a revoltas aí registadas e ainda a um tal Abu Othman Said Ibn Hákim que foi um sábio notável, mais tarde rei da Minorca, nas Baleares e era natural de Tavira.

Na «Crónica dos Reis de Portugal» de que a «Crónica da Conquista do Algarve» é uma parte, conta-se, com alguns pormenores, a maneira como D. Paio Peres Correia tomou Tavira ao senhor dela Aben Favila.

E é tudo, aproximadamente, quanto se sabe sobre Tavira na época árabe. Sucede, porém, que o aparecimento de novos cadernos do «Bayan Al-Mugrib» de Ibn Idhari Al-Marracuxi nos permite conhecer hoje, com alguns pormenores, a revolta de Tavira contra os almóadas, sem dúvida a mais importante revolta desta cidade na época árabe. Parece-nos que é esse, hoje, o acontecimento mais significativo da história de Tavira na época árabe. Sobre o assunto escreve o historiador português arábista espanhol...

(Conclui na 11.ª página)



Aspecto de Tavira vendo-se no primeiro plano as muralhas do castelo e a Torre das Guinas

A expressiva homenagem prestada ao sr. major Mateus Moreno na Casa do Algarve



A mesa da presidência do almoço de homenagem ao sr. major Mateus Moreno, na Casa do Algarve

Alcançou o esperado brilho a homenagem prestada na Casa do Algarve ao sr. major Mateus Moreno, presidente honorário da nossa agremiação regionalista, pois a ela se associaram os elementos mais preponderantes da nossa colónia em Lisboa e os representantes de diversas casas regionais. Presidiu o sr. conselheiro dr. Bernardino de Sousa Carvalho, ladeado pelo homenageado, pelas sr.ªs D. Rosário Fernandes Salgado Moreno, D. Maria da Luz de Deus Ponce de Carvalho, D. Maria Eugénia Martel Correia e D. Isabel Seita Monteiro e sr. deputado coronel Sousa Rosal e dr. Ferreira de Almeida. Entre o expediente figuravam saudações dos srs. governador civil do nosso distrito, dr. Júlio Dantas, deputado eng. Sebastião Ramires, Julião Quintinha, drs. Mário Lister Franco e Jaime Rua, João Trigueiros e Grupo dos Amigos do Museu Regional de Lagos.

A falta de espaço, que neste número do *Jornal do Algarve* assume proporções aflitivas, impede-nos de circunstanciar, com a merecida pormenorização, tudo o que se disse em louvor dos méritos do preiteado. Nomearemos, no entanto, alguns dos oradores que depuseram o seu testemunho de admiração e apreço pelo sr. major Mateus Moreno, focando os seus predicados em que se avolumam a bondade, a compreensão e o fervor regionalista.

(Conclui na 14.ª página)

Este número do JORNAL DO ALGARVE tem 24 páginas.

O problema hoteleiro de Vila Real de Santo António

o nosso prezado colega «Diário da Manhã», num artigo acerca de Vila Real de Santo António, diz que a linda terra fronteiriça «carece de um hotel, dado que o edifício onde funcionou o único que existia na vila, está encerrado há muito, havendo uma promessa do seu actual proprietário de o reabrir brevemente. Mas só promessa.

«Monte Gordo — prossegue — uma das suas freguesias, caminha para se tornar cada vez mais uma esplêndida zona de turismo, com

uma boa unidade hoteleira e outra em perspectiva e um magnífico parque de campismo, que está a ser ampliado, ficando um dos melhores do País. Aqui se nota igualmente a falta de um hotel mais modesto ou de pensões que possam servir a classe média, a não ser que se recorra às pensões de Vila Real de Santo António...»

Não é preciso acrescentar que o jornal lisboeta tem razão e que é indesculpável que perdurem as lamentáveis deficiências hoteleiras que aponta.

ATÉ QUE ENFIM

pela dr.ª MARIA ODETE LEONARDO DA FONSECA

E o que diz a isso a Direcção-Geral dos Serviços Florestais?

O nosso prezado colega «Notícias do Algarve» pela pena do sr. Valentim da Cruz, dá o alarme da destruição que está a sofrer, devido ao ataque da «procecionária», a mata de Vila Real de Santo António que se estende pela faixa litoral, deste a Ponta da Arca até próximo de Cacela. Trata-se de um

(Conclui na 11.ª página)

REINA a maior alegria por toda a nossa Província com a anunciada construção do Liceu Feminino, em Faro, e, bem assim, a restituição do glorioso nome de João de Deus à fachada do seu actual Liceu, em Santo António do Alto. Nestas colunas batemo-nos por estes assuntos e razão sobeja nos assiste, pois, para cantar a nossa satisfação. Sabíamos que, tarde ou cedo, estas justas aspirações seriam uma realidade e, embora conhecedores dos esforços despendidos pelo sr. dr. Baptista Coelho, ilustre governador civil do Algarve, a cuja acção ficamos, por certo, a dever este melhoramento, insurgiram-nos na sessão solene do 1.º de Dezembro,

(Conclui na 9.ª página)

A saúde é a maior riqueza

Cuide dos pés

Os pés são o eixo mais importante do corpo. O pé perfeito deve ter o dorso alto e a curva normal da planta. Para melhorar os pés há vários movimentos de ginástica. Além disso, é preciso fazer massagens e cuidar da sua higiene: limpeza, cuidados com as unhas e com a pele.

Cuide da boa posição. É preciso que o peso do corpo seja normalmente distribuído pelos pés para que o andar seja elegante e não haja deformidades nos pés e no corpo.

CRÓNICA DE FARO



por ENCARNAÇÃO VIEGAS

O espectáculo cinematográfico

A PENAS uma casa de espectáculos, uma única numa cidade onde labutam cerca de trinta mil almas e que por força desse solitarismo tem sobre si o encargo, o pesado encargo de proporcionar ao público farense o recreio espiritual necessário e indispensável e a cultura inegável através da arte.

Assim, noite após noite por volta das nove horas muitos são os que tomam o rumo da Rua de Santo António em busca do seu passatempo favorito — o cinema — uns pela necessidade de passar o tempo, outros porque para eles o cinema constitui uma verdadeira paixão, verdadeira idolatria, e outros ainda que ali, na obscuridade da sala de projecção, apenas procuram «não ter de pensar».

Existe assim uma diversidade de conceitos no que se refere à forma como deve ser encarada a sétima arte, dado que, cada um encara o espectáculo cinematográfico pelo ângulo mais compatível com a sua sensibilidade. Todavia terá de buscar-se a verdade, ou melhor, a ideia que poderá explicar este interesse colectivo pelo cinema, de molde a poderemos analisar o que de mau ou bom nos apresentam.

Encarando o cinema como modo de «passar tempo» desaparecem implicitamente a obrigatoriedade de uma programação cuidada em que o sentido artístico é subjugado pelo intuito comercial (filmes mais baratos mesmo de menor categoria). Esta situação pode bem servir para os aficionados do cinema, para aqueles que apelidamos de morfinómanos do cinema. Sob a influência do seu estado de espírito no momento da análise, obscurecendo-se-lhes as faculdades, aceitam por bom tudo quanto lhes advenha daquilo de que gostam. Mas há ainda os que gostam do cinema-arte, aqueles que apreciam o sentido estético, a capacidade interpretativa, todos os pormenores que podem proporcionar o prazer intelectual.

As empresas exibidoras quase nada interessa este último tipo de espectador. É mais conhecedor e por norma mais exigente. Bons filmes representam maiores encargos e os exibidores não podem esquecer o seu intuito lucrativo, o rendimento do capital aplicado nem isso seria lógico ou racional. O cinema é uma indústria de que vivem muitos milhares de pessoas.

Por esta intenção lucrativa justifica-se então a fraca programação que se observa no único cinema que possuimos? Não, de modo nenhum. A empresa cinematográfica que explora o Cinema Santo António cabe uma responsabilidade maior do que a outras de grandes capitais, ou mesmo cidades onde exista mais do que um cinema. Os monopólios — embora neste caso, accidentais — impõem obrigações que se têm de respeitar e assim, por essa mesma imposição embora mais moral que coerciva, deverá a empresa de Faro cuidar da programação dos seus espectáculos. O facto de se encontrar sem competidor não quer dizer que tenha de nos impingir todos os filmes que lhe aprouver (é ver a frequência com que se exibem aqui filmes de «western»). Tem de haver também um pouco de consideração por quem paga e mesmo reconhecendo que os «cow-boys» enchem o cinema, os outros, os filmes de reconhecida categoria também proporcionam boas bilheteiras como se tem verificado mesmo considerando acréscimos do preço dos bilhetes.

A nós parece-nos que se houvesse outro cinemazinho tudo se passaria melhor. É que a emulação ainda é um grande estímulo.

Deseja vestir bem? Com elegância e bom gosto?

Vista na

Alfaiataria Dynia

Telefone 156

Rua Teófilo Braga, 59

Vila Real de Santo António

LOTARIA DA PÁScoa

Na lotaria de ontem da Misericórdia de Lisboa foi premiado com 200 contos o N.º 23612, vendido pela feliz Casa da Sorte, nossa anunciante.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Dr. Alberto Iria

A convite do governo norte-americano e como bolseiro do Instituto de Alta Cultura, parte na segunda-feira para os Estados Unidos o nosso comprouviano sr. Dr. Alberto Iria, director do Arquivo Histórico Ultramarino, que vai àquele país estudar os arquivos e bibliotecas.

Partidas e chegadas

Estiveram em Lisboa de visita à Exposição Portuguesa de Embalagem os srs. José Gomes Cumbreira, Sebastião Santos Silva e Joaquim de Almeida Mortágua, sócios da Empresa Lito-GRÁFICA DO SUL, Lda., e os técnicos da mesma empresa srs. Jorge Alberto Farinha e Francisco Aguilera Cardoso.

= Acompanhada de seus filhos José Manuel e Maria Manuela, foi a Lisboa a sr.ª D. Rosário Moreno Campinas, esposa do nosso assinante sr. José dos Santos Campinas.

= Foi a Lisboa o nosso assinante em Vila Real de Santo António, sr. José do Carmo Parra, e visitou o Jornal do Algarve, gentileza que agradecemos, o sr. Alvaro Duarte Gomes, nosso dedicado correspondente em Alagoas.

= Em gozo de férias encontram-se em Bias do Norte (Olhão), Albufeira e Armação de Pera, respectivamente, os nossos assinantes srs. Joaquim Pereira das Neves, Francisco Romão Matias Gonçalves e Manuel de Lima Ricardo.

= De visita a sua família, encontra-se em Vila Real de Santo António a menina Neusa do Carmo Lorador Perrolas, estudante, residente em Almada.

Doentes

Foi submetida a uma intervenção cirúrgica que decorreu com felicidade, a sr.ª D. Isabel Rocha de Sousa Carvalho, esposa do sr. conselheiro dr. João Bernardino de Sousa Carvalho.

= Tem estado enferma a sr.ª D. Beatriz Madeira Lúcio Alves, esposa do nosso assinante sr. José Lúcio Alves Júnior.

Duarte Pinto de Macedo

AGRADECIMENTO

Sua família, na impossibilidade de directamente o fazer por falta de dinheiro, vem por este meio manifestar o seu profundo agradecimento a todas as pessoas que se incorporaram no funeral e a acompanharam na sua dor.

JORNAL DO ALGARVE lê-se em todo o Algarve.



Hotel Condestável
1.ª Classe - A

Um dos mais modernos hotéis de Lisboa e o mais central

MÁXIMO CONFORTO E DISTINÇÃO

Todos os quartos com casa de banho, rádio, telefone e aquecimento

Televisão || Ar condicionado

Alojamento desde 90\$00 - Casal 135\$00

RESTAURANTE-BAR
Requitado serviço de cozinha

Telefone 33922 - Teleg. CONDOTEI

TRAVESSA DO SALITRE
(Avenida da Liberdade)
LISBOA

Alvará de Estiva e Filetagem
Vende
M. Rodrigues Pereira — Olhão

As três vilas que o Infante D. Henrique possuiu no Algarve

Na última sessão da Academia Portuguesa de História o académico correspondente, nosso comprouviano, sr. Dr. Alberto Iria, fez uma comunicação acerca de As três vilas do Infante D. Henrique no Algarve. Começou por afirmar que, como já largamente e documentadamente provou em trabalho publicado em 1956 pelo Instituto de Alta Cultura, foi no Algarve, em especial na região Lagos-Sagres, que D. Henrique, embora fortemente vinculado ao Norte do País, pelo nascimento, baptismo e senhorio de numerosas terras, encontrou o ambiente geográfico e social mais próprio e a gente marítima mais sabedora, tradicionalmente preparada e experimentada, como aliás era notório na sua época, para fazer do extremo sul do Portugal, como de facto fez, o fulcro inicial dos Descobrimentos Marítimos.

Depois de demonstrar, com base em Zurara, a importância excepcional de Lagos, como principal porto de armamento das caravelas descobridoras, afirmou que «não foi Lagos a primeira vila que D. Henrique possuiu no Algarve», mas sim aquela que fundou e edificou no global Cabo de Sagres — a actual Ponta deste nome — com o nome de Vila do Infante, cuja importância histórica descreveu a largos traços. E sobre esta vila afirmou que, não obstante as diversas formas pelas quais foi conhecida e chamada, Vila do Infante e Vila de Sagres, identificam-se numa só vila. «No estado actual da questão e dos conhecimentos históricos, para cujo esclarecimento me parece — disse — ter já contribuído decisivamente, assim nos autorizam a afirmar os testemunhos coevos henriquinos e pós-henriquinos, as antigas e modernas noções corográficas, geográficas, cartográficas



CANTO DO TARECO

O caso em si é de tal modo surpreendente que dispensa comentários. Limitamo-nos portanto a referir-lo: Manuel Arenas conta sessenta e cinco anos, nasceu em Ciudad Real e é varredor da Câmara Municipal de Madrid, cidade para onde se transferiu em 1925, a experimentar fortuna. Até aqui nada de extraordinário. O maravilhoso começa agora.

Um humilde varredor possui uma biblioteca composta de 1.500 volumes, figurando entre eles livros de Papini e Eça de Queirós — os dois autores seus preferidos — Bossuet, Daudet e São Tomás. O seu amor aos livros manifestou-se em criança, lendo tudo que apanhava à mão. Mais tarde começou a frequentar a Biblioteca Nacional mas como o tempo de que dispunha era pouco, resolveu fazer a sua biblioteca à custa de enormes sacrifícios. Antes de ser varredor empregara-se como livreiro. Um dia viu na montra de uma livraria um volume que o deslumbrou. «Hei-de adquiri-lo» — disse de si para si. Ganhava então quatro pesetas diárias e o livro custava 250 pesetas. Soluções para adquirir a obra que o enfeitara — três meses a pão e água, e adquiriu o livro.

Manuel Arenas é solteiro e vive num quarto onde tem uma estante repleta de livros que se amontoam também por toda a casa até quase tocar o tecto. Geralmente lê ao domingo, dia de descanso, entreteendo-se com a leitura durante dez horas seguidas. Já fez o seu testamento. A sua única propriedade são os livros, todos encadernados. Destinou-os a local onde sejam bem acolhidos e estimados e onde haja a garantia de que sejam lidos. E comenta para o jornalista: «Vivemos numa sociedade materialista. É indispensável fomentar o amor aos livros».

Como dissemos no começo, este facto surpreendente dispensa comentários. — MINON.

LOTAS DO ALGARVE

de 16 a 22 de Março
Portimão

TRAINEIRAS:
Brisamar 5.900\$00
N.º Sr.ª da Graça 1.700\$00
Maria Odete 720\$00
Total 6.320\$00

de 2 a 16 de Março
Tavira

Artes diversas 94.265\$00

Santa Luzia

Artes diversas 75.113\$00

Cabanas

Artes diversas 24.578\$00

Praia de Salema

Artes diversas 57.040\$00

NECROLOGIA

João Lázaro da Ponte
Em Mem Moniz (Paderne), faleceu o sr. João Lázaro da Ponte, de 80 anos, viúvo, proprietário, natural de S. Brás de Alportel, pai das sr.ªs D. Maria da Purificação Pontes, D. Celeste Pontes Gomes e D. Gabriela Pontes Barreira, sogro dos srs. José Lopes Rosa da Ponte, Abel Guerreiro Gomes e Manuel da Silva Barreira e avô das meninas Maria Madalena Pontes Louro, Maria Manuela Pontes Barreira e Maria Margarida Pontes Rosa da Ponte. O corpo foi transferido para a Igreja de S. Sebastião, de S. Brás de Alportel, e após ser rezada missa de corpo presente procedeu-se ao funeral para o cemitério local.

Tomé José Martins
Em Moscavide, onde residia, faleceu o sr. Tomé José Martins, de 78 anos, carpinteiro naval, natural de Castro Marim. Deixa viúva a sr.ª D. Vicência dos Ramos Martins e era pai da sr.ª D. Ester dos Ramos Martins Domingues, casada com o sr. Francisco José Domingues, funcionário do Instituto Nacional de Estatística, avô da menina Maria Martins Lancinha Domingues e do sr. José Martins Lancinha Domingues, mecânico de instrumentos de precisão dos T. A. P., casado com a sr.ª D. Maria Ema Valdez Saraiva Lancinha Domingues, funcionária da subdelegacia do Liceu D. Filipa de Lencastre.

Também faleceram:
Em SILVES — o sr. António Martins Baião, de 84 anos, corticeiro, casado com a sr.ª D. Beatriz da Conceição Marques e pai das sr.ªs D. Laura, D. Maria e D. Amélia Monteiro Baião e do sr. Joaquim Martins Baião.
Em LISBOA — a sr.ª D. Ludovina da Conceição Vieira, de 80 anos, viúva, natural de Silves, mãe da sr.ª D. Angela Vieira Garcia de Almeida e dos srs. José Vieira Garcia e Garcia Vieira Serro.
— a sr.ª D. Maria Bárbara Lino, de 91 anos, viúva, natural de Monchique.

— o sr. Francisco Ribeiro Fernandes, de 59 anos, escritor do Comissariado do Desemprego, natural de Vila Real de Santo António.
— a sr.ª D. Emília de Jesus Barreiros Leal, de 60 anos, viúva, natural de Loulé, mãe do sr. Francisco Barreiros Leal, empregado no comércio, casado com a sr.ª D. Margarida Neves Leal, irmã dos srs. Alexandre Joaquim Barreiros, Francisco Joaquim Barreiros, industriais, José Joaquim Barreiros e Manuel Joaquim Barreiros, comerciantes no Rio de Janeiro.
— o sr. João Horta, de 60 anos, natural de Tavira, reformado da G. N. R.

— o sr. António Joaquim dos Santos, de 45 anos, natural de Monchique.
— o menino Manuel Simão Costa Fernandes, de 13 anos, natural de Olhão, filho do sr. Manuel José Fernandes.

Em ALMADA — a sr.ª D. Rita Ezequiel dos Ramos, de 68 anos, natural de Castro Marim, casada com o sr. Alvaro Macedónio Viegas, mãe da sr.ª D. Maria do Carmo Ezequiel Ramos Silva e dos srs. Desidério Eugénio Viegas, José António Viegas e António Alvaro Viegas.

As famílias enlutadas apresentam **Jornal do Algarve** sentidos pésames.

MOVIMENTO PORTUÁRIO

Vila Real de Santo António
de 16 a 22 de Março

ENTRADOS: Português «Mira Terra», de 563 ton., de Lisboa, vazio; Arrastão grego «Evrídkiki», de 360 ton., de Gibraltar, vazio; português «São Macário», de 1039 ton., de Lisboa, vazio; italiano «Génova», de 497 ton., de Leixões, com carga em trânsito; português «Maria Christina», de 549 ton., de Lisboa, vazio.

SAÍDOS: «Maria Christina», «Mira Terra» e «São Macário», todos para Lisboa, com minério; «Evrídkiki», para o alto mar, vazio; «Génova», com cortiça e conservas, para Marselha e Génova.

Manuel da Silva Domingues

ESTÂNCIA E SERRAÇÃO
MECÂNICA DE MADEIRAS
AVENIDA DA REPÚBLICA
TELEFONE 12
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

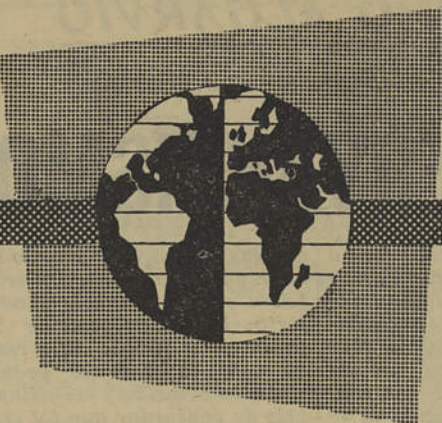
EQUIPAMENTOS RAINBIRD
PARA
REGA POR ASPERSÃO

- OS MAIS SIMPLES
- OS MAIS LEVES
- OS MAIS ECONÓMICOS

ORÇAMENTOS GRÁTIS

Viveiros do Falcão CARNIDE-LISBOA

PANORÂMICA



COM A COLABORAÇÃO DOS SERVIÇOS CULTURAIS DA SHELL PORTUGUESA

O PAPEL DOS «PIPE-LINES» A sensação de fome não provém do estômago mas do cérebro

HA 7.000 anos, os chineses usavam já «pipe-lines» de bambu, numa antecipação da cadeia de tubos de aço que constitui os «pipe-lines» de hoje.

Embora seja geralmente mais barato transportar petróleo a granel por mar, os «pipe-lines» são nalguns casos muito económicos, especialmente quando a alternativa para uma curta viagem por terra é uma longa viagem por mar de muitas milhas de distância. Um bom exemplo de economia é o «pipe-line» de 1.609 quilómetros, existente na Arábia Saudita, que pou-

dados, de 9 a 12 metros de comprimento, e de diâmetro que varia de 15 a 77 centímetros. Normalmente, as juntas são soldadas no local, mas num caso recente, as secções foram reunidas em grandes armazéns, ao longo do percurso, onde eram soldadas em secções cujo comprimento ia até 144 metros. Depois transportavam-nas para as posições onde seriam instaladas por meio de tractores e ali eram novamente soldadas.

Quando os «pipe-lines» estão sob a terra, o que acontece sempre que é necessário evitar perturbar as

As pessoas obesas comem mais, não pela sua condição de gordura, mas porque a alteração e «confusão» de certas substâncias químicas do organismo impedem o normal funcionamento do centro cerebral que comanda as necessidades de alimentação e determina o momento em que as refeições devem ser suspensas.

Numa conferência da Associação Médica dos Estados Unidos, o dr. Albert J. Stunkard, cientista da Universidade de Filadélfia, salientou que os «centros de comando» destas necessidades estão localizados no hipotálamo.

É o hipotálamo que determina as sensações de fome e de sede, entre outras, da mesma forma que «diz» quando o estômago já recebeu suficiente alimento, ou bebidas — acrescentou o dr. Stunkard.

No caso dos obesos, porém, parece existirem certos agentes químicos que alteram o equilíbrio das reacções nervo-

sas do hipotálamo, fazendo funcionar aquela região cerebral por forma a dar aos pacientes a contínua sensação de fome.

O dr. Stunkard aconselhou os médicos a, quando tratem doentes obesos, procurarem, em primeira análise, averiguar da estabilidade do seu sistema nervoso central, visto estar provado que a sensação de fome, sobretudo, não provém do estômago, mas do cérebro.

Indivíduos que sofreram a ablação do estômago continuaram a ter a mesma sensação de fome que sentem as pessoas normais e, segundo ficou demonstrado em experiências laboratoriais, com cobaias cujos estômagos foram privados do feixe nervoso que os envolvia, o cérebro continuou a comandar as necessidades vegetativas do organismo.



Um duche improvisado num acampamento da Birmânia



Um «pipe-line» serpenteando pela selva

pa uma viagem de 9.654 quilómetros e o pagamento das taxas de travessia do Canal de Suez.

Os «pipe-lines» modernos, de aço, consistem numa série de tubos sol-

comunicações à superfície ou cumprir certos regulamentos, têm que suportar as propriedades extracorrosivas do solo e são, por isso, previamente embalados em papel à prova de corrosão. Essa embalagem inclui um revestimento de betume e uma ou mais camadas de feltro embebido em betume ou fibra de vidro.

Nalguns «pipe-lines» o óleo corre pela força da gravidade mas geralmente é auxiliado, na sua marcha, pelas estações de bombagem. As grandes linhas de tubo, espalhadas ao longo de centenas de quilómetros, têm várias estações de bombagem, localizadas de longe em longe. Na maioria dos «pipe-lines» actuais, as estações de bombagem são automáticas.

Os diferentes produtos podem ser bombeados em sequência, através de um «pipe-line», apenas com uma leve contaminação no local de junção, mas os produtos devem ser movimentados a um mínimo de velocidade. As partes contaminadas são retiradas no fim do dia e limpas separadamente.

Mesmo com a planificação mais cuidadosa, a colocação do «pipe-line» é uma tarefa muito dispendiosa. O sistema de «pipe-lines» que liga Abqrig, no Golfo Pérsico, a Sidon, na costa do Mediterrâneo, custou 18 milhões e quatrocentos mil contos, cerca de 6.400 contos por cada 1.600 metros. Embora a despesa inicial de um «pipe-line» seja enorme, tem a vantagem de custar menos a manter do que o transporte do petróleo por estrada ou caminho de ferro. Outras vantagens são a capacidade do «pipe-line» para transportar grandes quantidades de combustível continuamente e a relativa facilidade de alinhá-lo a sua capacidade de transporte com o aumento de bombagem. O «pipe-line» também não é afectado pelo estado do tempo, da maneira como o são outras formas de transporte.

Daí a tendência moderna para utilizar «pipe-lines» quando se trata de grandes distâncias terrestres, e camiões e vagões de caminho de ferro para distâncias mais pequenas, como seja a refinaria, os locais de distribuição e as estações de serviço.

Até parece mentira

Em Charleston, Carolina do Sul, um gatuno que não encontrou dinheiro na caixa da Southern Seat Cover Co., levou cinco cheques que depois devolveu, pois não os pôde cobrar.

* O operador da televisão americana Jim Trueblood foi encarregado de filmar o primeiro dia de serviço da policia feminina Viola Terrozel, que logo se estreou multando um carro que estava mal arrumado. Proprietário: Jim Trueblood.

* Em Nova Iorque, na ilha Staten, foi suspensa a inauguração de uma nova estação de bombeiros, que custara uma fortuna porque se verificou que não obedecia a todas as exigências da inspecção de incêndios.

* A actriz Estelita Rodriguez obteve o divórcio de Alfonso Halfss, alegando que o marido não a deixara comprar creme para o rosto, obrigando-a a usar azeite, à falta de melhor.

Não fumem os cigarros até ao fim

Em dezasseis países a mortalidade entre os homens devida ao cancro do pulmão está intimamente relacionada com o consumo de cigarros no último quarto de século — informa o relatório anual da Campanha Britânica Contra o Cancro.

No documento aponta-se, porém, uma excepção: os Estados Unidos, onde a mortalidade é inferior ao que seria de esperar atendendo ao consumo de cigarros. E isto porque existe ali o hábito de deitar fora grandes pontas de cigarros.

De facto, está demonstrado que o cigarro torna-se mais pernicioso à medida que as suas dimensões diminuem.



O costureiro italiano Luciani criou este original casaco

SERVINDO A LAVOURA

O GRUPO DE COMPANHIAS ROYAL DUTCH/SHELL E OS PRODUTOS QUÍMICOS PARA A AGRICULTURA

pelo eng.-agr. EDUARDO CAUPERS

É um facto largamente conhecido ser o Grupo Royal Dutch/Shell uma entidade que se dedica desde há muitos anos à prospecção, extracção, refinação e venda de petróleos; é todavia menos conhecida a maneira como o Grupo Royal Dutch/Shell veio a interessar-se pela produção e venda de produtos fitossanitários.

Por alturas de 1910, um pomareiro da Tasmânia utiliza, por curiosidade, um óleo lubrificante na pulverização de árvores de fruto, ao que parece com bastante êxito. O facto foi levado ao conhecimento de uma companhia petrolífera australiana — a Neptune Oil Company — que não tardou a desenvolver a sua actividade na experimentação e venda de caldas oleosas para pulverização de árvores de fruto. Em 1925, a Neptune Oil Company, fundindo-se com a Shell C.º of Australia, veio tornar o Grupo Shell automaticamente interessado na produção e venda dessas caldas oleosas. Por outro lado, verificava-se que se podiam combater eficazmente as larvas de mosquitos nas águas estagnadas, pulverizando essas áreas com um produto obtido da destilação do petróleo a que se chamou Malariol. Também o reconhecimento de que o petróleo, quando utilizado como dissolvente de pequeníssimas quantidades de piretro, constituía um poderoso insecticida doméstico, veio tornar ainda mais fortes as ligações do Grupo Shell com o campo dos insecticidas.

Com a introdução dos insecticidas organo-sintéticos, logo após a segunda guerra mundial, foram completamente alterados os conceitos de luta

antiparasitária até então existentes. Ao Grupo Shell ofereciam-se dois caminhos: ou continuar com os produtos clássicos até ali existentes, ignorando a chegada dos novos insecticidas organo-sintéticos, ou alargar imediatamente os seus esforços no sentido de vir também a fabricar produtos organo-sintéticos. Foi adoptada esta segunda atitude e, para isso, foram criados os Centros de Investigação Agrícola de Modesto (U. S. A.) e de Woodstock (Inglaterra). Também nos Laboratórios de Amsterdão ficou a trabalhar uma equipa de investigadores e biólogos.

Que todos estes esforços de investigação foram coroados de êxito, prova-o a larga gama de produtos técnicos e formulações de que o Grupo Shell dispõe actualmente, bem como o desenvolvimento de algumas novas técnicas de aplicação de produtos que os Laboratórios da Shell criaram e aperfeiçoaram.

Assim, no campo dos insecticidas, o Aldrin, o Dieldrin e o Endrin têm vindo a desempenhar papel de relevo em todo o Mundo: o Aldrin, como o mais eficaz dos insecticidas do solo e como o insecticida mais prático e económico na luta antiacridiana; o Dieldrin em numerosas pragas agrícolas e, sobretudo, no campo da saúde pública, onde se considera que já salvou alguns milhões de vidas pelo seu efeito no combate aos mosquitos transmissores da malária; o Endrin, como insecticida versátil da Agricultura, com larga aplicação em culturas tropicais, tais como o café, cacau, cana sacarina, algodão, etc. Ainda re-

(Conclui na 4.ª página)

ANEDOTAS

O professor, eternamente distraído, é convidado para um jantar de cerimónia. Claro que chega atrasado e, muito confuso, senta-se no lugar que lhe fora reservado, precisamente ao lado de uma encantadora mulher.

Vendo-o assim tão perturbado, a beleza resolve dirigir-lhe a palavra:

— Lembra-se de mim, professor?

— Não, minha senhora.

— Mas como? Há apenas três anos perguntou-me até se eu queria casar consigo?

— E o que é que respondeu?

Um indivíduo senta-se à mesa de um restaurante e, depois de examinar a lista, escolhe o almoço que pretende. Passam-se dez minutos e, em vez da comida, surge o criado com a conta.

— Essa é boa! exclama o cliente — Então ainda nem sequer comi e já você vem com a conta!

— E sempre assim cá na casa quando o cliente pede cogumelos, responde impassível o criado.

Um cidadão que pela primeira vez viaja num grande paquete decide, para esquecer a hipótese de enjoar, ir até ao bar tomar umas bebidas. Pouco a pouco o álcool e o balanço dão conta dele, cai estatelado no chão, e é levado em braços para a cabine.

No dia seguinte acorda, ainda mal refeito, para ouvir a voz do vizinho de beliche, que lhe pergunta:

— Então o que foi aquilo ontem à noite?

— Nada, absolutamente nada. Se calhar julgou que eu estava bêbado, não? Pois fique sabendo que me lembro de tudo, tudo...

E, indignado, faz um esforço de memória e prossegue:

— Só há uma coisa de que não me recordo bem: quem pagou o taxi que me trouxe aqui para casa?

CORRIDINHO ALGARVIO

(IMPRESSÕES E COMENTÁRIOS)

CONSERVANTISMO TURÍSTICO

LI no nosso jornal a local sobre a falta de luz que certos imperitinentes vinham notando na estação do caminho de ferro, na cidade de Faro. Exigências! Não concordou com a vossa crítica, tão severamente pejorativa. A empresa ferroviária, se procede assim, lá se entende e eu entendo que ela está colaborando na Operação Algarve-Turismo.

Através do País vai uma azáfama diabólica tendente a civilizar burgos e aldeias. Pois se a brotoeja civilizadora já cá chegou, ao longinquo Algarve... Por este andar, não tarda que as localidades e as gentes de aquém e para além-Caldirão se equiparem, ao melhor que existe além-fronteiras. O País, reduzidas ao mínimo as antiquilhas e as velharias, perde o pitoresco.

As instalações ferroviárias, na capital do distrito e em muitas outras terras do Algarve, conservam o seu belo aspecto de antanho. Por isso, considero benemérita e conservadora a empresa concessionária dos caminhos de ferro porque reage, corajosamente, contra a onda avassaladora das boas tradições. Sim, senhores! Cultiva com amor o retardamento da avalanche do progresso, que sujeitos de mau gosto impulsionam.

Vejamos: o turista que desembarque de noite em Faro sai da estação, entra na Avenida da República e encontra essa artefactiva feérica iluminada. Que piada tem aquilo? É um pormenor que se observa em qualquer terra civilizada... Dentro da estação, sim. A coisa tem originalidade. Média luz. Ambiente do século passado. Mistério. O forasteiro que seja dotado de um pouquinho de imaginação, poderá, sem aumento de taxa, dedicar-se a divagações românticas ou mesmo téticas, enquanto aguarda o comboio. Se for devoto de Cupido, então... Ora, esta faceta turística não se aprecia em qualquer outra cidade. É o edifício?! Upa! Mantém-se, intacto, invariável, tal como se encontrava há, talvez, meio século. Faz a Cêpê muitíssimo bem! Ampliar e melhorar aquele soberbo exemplar arquitectónico seria estragar-lhe a fisionomia. Arcaico e belo; para gozo do turista.

Vocês falaram na sala de espera da primeira classe? Que têm vocês que dizer da sala de espera de primeira classe? Cumpre a rigor

as suas obrigações. Quando há muito movimento de mercadorias, por feiras e festas, aquela quadra confortável e esteticamente notável, presta-se à função de arrecadação de volumes. Não se pode exigir mais nem melhor, coitadinha! Háveis de concordar que tal coisa não podemos observar em qualquer outra cidade. É uma curiosidade local. A bem do turismo. Então, para onde vão os passageiros de 1.ª? Nessas e noutras ocasiões os passageiros de 1.ª vão divertir-se para o pátio a que dão o nome pomposo de sala de espera de 3.ª classe. Ali, no Inverno, servem-se duchas de ar frígido. Gratuitos! Sistema homeopático para curar os ataques de gripe.

O estégio naquele rico salão, por via de regra, faz-se a pé firme porque os bancos são poucos. É uma medida higiénica. Enrija. A raça degenera. O pessoal, sentado tornar-se-ia indolente. Há que cuidar paternalmente da saúde dos passageiros...

Há mais: abrindo para o Largo da Estação, uma única porta (existem duas) está ao serviço para a entrada e para a saída de tanta gente que no edifício se movimentam. Também uma única porta (aliás, meia porta) das quatro portas que existem abre para a gare. Frequentemente, junto das portas, com tranquila natura-

lidade estacionam mirones e outros tipos que nada têm que fazer no local. Não são passageiros, nem funcionários. Por isso, no momento da chegada, até à partida das formações, o trânsito faz-se em condições semelhantes às que notabilizam os desafios de futebol. Coisa igual não podemos gozá-la em qualquer outra estação ferroviária citadina.

Mas, há mais... Nas automotoras e nos combóios onde se pode transitar de umas carruagens para as outras, os passageiros de 1.ª (onde alguns comodistas se refugiam) são — quantas vezes — invadidos por malta juvenil, turbulenta e insolente. Não são raros os singulares espectáculos de batuque cafreal. Tudo a bem do turismo e sem aumento de preço! Que mais querem?

Mas, há mais... Habitualmente, os compartimentos de 1.ª servem de corredores de ingresso ou de saída, dos passageiros de terceira, porque as portas de comunicação não são fechadas à chave: alta novidade para gáudio dos turistas estrangeiros. Nas suas terras (salvo em casos de força maior) os passageiros só frequentam a classe a que o seu bilhete dá direito.

Etc., etc., etc.
Tudo, a bem do turismo!
Algures, Março de 1961

FIXE

Prefira sempre os seus Seguros num bom Agente e numa boa Companhia, para segurança das suas apólices.

PROCURE

ANTÓNIO SOARES

Com escritório de Comissões e Representações

RUA { DE AVEIRO, 15
DO BRASIL, 56

— Telefone 118 —

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

A EMISSORA NACIONAL E O ALGARVE

A propósito do Emissor Regional do Sul da Emissora Nacional, recebemos de um nosso assinante de Faro a seguinte carta:

Sobre o já tão debatido problema da falta de um verdadeiro programa regional oferecido a todo o Algarve pela E. N., através do seu emissor instalado em Faro, permito-me solicitar-lhe, sr. director, um breve espaço do Jornal do Algarve, para nele perguntar — e responder quem o possa fazer e queira, para elucidação da população algarvia — o seguinte:

1.º — Sendo o Emissor Regional de Faro um dos mais antigos instalados no País pela E. N., por que motivo outros de mais recente criação já têm, ao contrário do que sucede com o de Faro, programa próprio?

2.º — Acaso os administradores responsáveis da E. N. terão chegado à conclusão de que os algarvios podem considerar como programa regional um serviço de 10 escassos minutos (das 19,50 às 20 horas) em que o Emissor de Faro lhes concede: um pouco de corridinho; resumo noticiário (a quase totalidade transcrita do Diário do Governo) e a já muito velha e estafadíssima «breve rubrica de antologias»?

3.º — O Algarve (um dos distritos com mais elevado número de contribuintes da E. N. — creio que o 4.º) não merecerá, de vez, sem mais delongas, sem mais debates, lhe seja concedida mais alguma coisa além daquele programazinho de aldeia?...

Grato pelo seu bom acolhimento e publicação desta carta, digno-se v. aceitar os meus respetos e protestos de elevada consideração.

Atenciosamente,

(a) José S. Teixeira

MANUEL DA SILVA NOYREPARAÇÕES
RÁDIO-ELÉCTRICAS
ACESSÓRIOS PARA
RÁDIOS
E
AUTOMÓVEIS

Telefone 236

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

SERVINDO A LAVOURA

(Conclusão da 3.ª página)

centemente começou a ser produzido, pelo Grupo Shell, o «Phosdrin», insecticida organofosfórico que, embora bastante tóxico para o homem, é considerado o mais seguro do ponto de vista do consumidor dos produtos tratados, devido à rapidez com que desaparecem das plantas tratadas quaisquer resíduos desse insecticida.

Filarmónica Silvense

Foram eleitos os corpos gerentes da Filarmónica Silvense, os quais ficaram assim constituídos:

Direcção — Presidente, José Lopes Correia dos Reis; vice-presidente, António S. Pedro; secretários, António José Lopes e João do Carmo; tesoureiro, José da Costa Sabas e vogais, Joaquim Gonçalves Correia e Adriano Machado do O. Assembleia-geral — Presidente, dr. Mário Ramires; vice-presidente, Carlos Nicolau; secretários, João Pereira da Silva e Alvaro Loureiro Baptista; Conselho fiscal — Arão da Luz Rocha, Luís dos Santos Gonçalves e José Paula Guerreiro.

DE TUDO PARA TODOS



Eis três cortes do modelista Rapuano, de Roma, moderníssimos e originais. O da esquerda é branco e azul, o do centro é em tashina branca de quadrados miudinhos vermelhos, e o da direita é branco.

A quadra de hoje

Leva-se a vida num amargo pranto,
E os anos passam em cruel sofrer!
Pra que é chorar e sofrer tanto e tanto,
Se um dia, enfim, havemos de morrer?

Lutgarda Guimarães de Caires

Também na cozinha se

pode ser artista

Sopa de amêijoas — 1 quilo de amêijoas, uma folha de louro, duas colheres de natas cruas, pão frito, q. b., uma colher de maizena, uma colher de manteiga, 1 decilitro de vinho branco, 1 ramo de salsa.

Lavam-se bem as amêijoas, deita-se-lhe o vinho branco, salsa, louro e levam-se a abrir ao lume. Assim que estiverem abertas, retiram-se do lume, tiram-se as conchas e engrossa-se o molho com uma colher de manteiga e outra de maizena, acrescentando-se ainda com duas colheres de natas cruas. Têm-se fatias fininhas de pão frito em manteiga que se põem numa terrina juntamente com as amêijoas. Deita-se por cima o molho, abafa-se a terrina e serve-se.

O doce nunca amargo

Bavaresa de laranjas — É um bolo muito indicado para um jantar fino. Espreme-se o sumo de uma laranja e de metade de um limão. Coloca-se numa panela 250 gramas de açúcar e quatro gemas, misturando bem; em seguida, acrescenta-se o sumo. Coloca-se uma panela ao lume, em banho-maria, misturando continuamente com a colher de madeira até que o conjunto tome aspecto de creme.

Tira-se do lume, sempre mexendo; acrescentam-se 25 gr. de gelatina molhada antes em água fria e derretida em um copo de creme Chantilly. Molhe com água fria uma forma e deite nela a bavaresa. Ponha no frigorífico por algumas horas e retire da forma.

Normas de etiqueta social

Os aperitivos servem-se antes das refeições e geralmente são ligeiramente amargos. Os muito secos destinam-se a abrir o apetite. Costuma-se servir aperitivos acompanhados de salgadinhos, ovos, peixes, etc.. Sirva os «drinks», bem frios ou gelados, sobretudo no Verão.

Há duas maneiras de apresentar ementas numa mesa de jantar: ou se adoptam as ementas individuais ou apenas duas ou três espalhadas sobre a mesa. Existe uma maneira delicadíssima de homenagear os nossos convidados. Oferecer ementas em folhas de pergaminho filetadas de ouro e escritas pelo próprio punho da dona de casa.

A rapariga que deseja oferecer uma boa impressão, não deve nunca usar calças compridas quando se tratar mesmo de festas íntimas em casa de amigos ou de companheiros de colégio. A etiqueta moderna aboliu e com justa razão o traje de rigor, quando se trata de reunião de colegas que procuram divertir-se na intimidade do lar. Mas não deve exagerar essa liberdade que nos oferecem os tempos modernos. Um simples vestidinho de algodão, sapatos baixos, ausência de meias, tudo isso é permitido. Mas conservar a feminilidade é prova de bom-gosto e de educação.

Alguns pensamentos

Não basta arrependermos-nos do mal causado, mas do bem que deixamos de fazer. — Lemontey.

* Não sonhes boas acções, mas pratique-as todos os dias. — Kingsley.

* É preciso crer no bem para poder praticá-lo. — De Bonald.

* O aperto de mão, como sinal de fé e confiança, fazia parte do simbolismo do Direito romano. — Eduardo Gibbon.

E agora não ria!

— Joãozinho: como é que tu num fato escuro trazes um remendo claro?

— É que não é um remendo: sou eu!...

SIMRAD

SONDAS PARA PESQUISA DE PEIXE

SONDAS NORMAIS

SONDAS ASDIC

BASDICS

SONDAS COM REGISTADOR DE LINHA BRANCA

SONARES



UMA GAMA COMPLETA DE MODELOS PARA PROFUNDIDADES ATÉ 320 BRAÇAS

UMA SONDA PARA CADA FIM...!

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

SOCIEDADE OCEÂNICA DO SUL, S. A. R. L.

RUA BARATA SALGUEIRO, 55-1.º

TELEF. 49122/5 — LISBOA

CAI-LHE O CABELO?...
TEM CASPA?...
É CALVO?...

USE

VITABOLBO

E TODOS ESSES MALES DESAPARECEM

CADA EMBALAGEM 100\$00

(RESITUI-SE A IMPORTÂNCIA NO CASO DE NÃO SE VERIFICAREM RESULTADOS FAVORÁVEIS)

Rep. Excl.: **Produções Sande Freire**

Av. Alm. Reis, 94, 4.º-Esq. — Telef. 734208 — LISBOA

Dist. Geral: **Farmácia Lobel**

Rua Infantina 16, 98-B — Telef. 638807 — LISBOA

Depositário e Distribuidor no Porto:

Depósito Farmacêutico

Rua da Ponte Nova, 54, 1.º — Telef. 24471 — PORTO

PASSE A USAR **VITABOLBO** E DEIXARÁ

DE SER CALVO, O CABELO NÃO LHE

CAIRÁ E FICARÁ SEM CASPA

ÊXITO ABSOLUTO NO CONTINENTE,

ULTRAMAR E ESTRANGEIRO

UMA RIQUEZA TURÍSTICA ESQUECIDA

A MATA DA CONCEIÇÃO

DE CADA vez que se pretende reclamar o Algarve, como fonte de belezas naturais que é, vêm ao de cima, como factores de primeira grandeza, Sol e clima, praias e campo, afabilidade de seu povo e... flores de amendoeira.

Sabemos que todos os elogios à paisagem nunca são de mais. Todos quantos visitem este pedaço de Portugal do extremo Sul apreciam por seus próprios olhos quanto a Natureza foi grata para a terra algarvia. A sua situação geográfica para tanto a valoriza. Voltada ao Sul, num paralelo favorecido, a nossa Província está sendo «descoberta» pelos forasteiros portugueses e estrangeiros. De Inverno, raramente os temporais possuem a violência dos verificados em tantas partes do Mundo. E, de Verão, não há pedaço de litoral algarvio que não permita a qualquer um banhar-se sem mais preocupações que as naturalmente existentes do saber ou não saber nadar. Porque, no que respeita a «zonas perigosas», ou «estados de mar» desfavoráveis, tais preocupações não existem em toda a extensão da costa algarvia.

Durante parte do Inverno deste «país do Sul», um grande cartaz ajuda o do clima temperado: — o cartaz das amendoeiras em flor. Ele tem sido, e continuará a ser, sem contestação, um belo quadro de beleza natural, o embelezamento florido das árvores sem folhas e rebentando flores por todos os lados, com chapadas de brancura e perfume ornamentando a paisagem. Mas, a par desta riqueza da propagação do Algarve, que é da mais justa, uma outra existe, sem a sombra do reclame que as amendoeiras floridas têm: — a da Mata da Conceição! Raramente se fala nela. É muito de tempos a tempos que apa-

rece uma vózinha esganiçada a levar até junto de cada um o que há de fascinante neste pequeno-grande pedaço da terra algarvia, perdido da vista de quase todos os visitantes, quer nacionais, quer estrangeiros.

Num momento em que se pretende valorizar, a sério, o turismo algarvio, achamos que quem suprir nesta séria questão deverá mandar proceder a um consciencioso estudo das condições turísticas algarvias para se poder tirar, delas, todo o partido que os seus amplos recursos permitem. Assim não sendo, achamos que grande parte das múltiplas belezas de que o Algarve é possuidor passarão pela malha das comissões de turismo de cada local onde estiverem situadas.

A Mata da Conceição, um pedaço de «paraíso perdido» ali para as bandas serranas de Cacela-Tavira, só é conhecida para os de mais perto, que lá vão passar a tarde de domingo, num recreio total, paradisíaco! Muito extensa, recordada de múltiplos caminhos, a Mata da Conceição oferece um maravilhoso espectáculo visual. Um sem-fim de acácias floridas, no amarelo vivo encantador, alarga-se para todos os lados da paisagem. Para qualquer ponto que o visitante estenda o olhar extasiado, o longo mar de amarelo-vivo, rasgado do

verde da folhagem, atrai a atenção-desejo de «sentir», de «palpar» o fofo lençol vegetal. A água de beber, fresca e muito boa, existe em alguns poços, entre eles o da casa do guarda. Ladeando a Mata, um ribeirinho assinala a sua presença com o seu motivo de frescura e tranquilidade. E para realçar ainda mais o valor paisagístico desse imenso lençol verde-amarelo de beleza, dois cerros muito elevados, bastante íngremes, fazem de varandim sobre o maravilhoso quadro campesino.

Se a época de floração plena das amendoeiras vai de meados de Janeiro a meados de Fevereiro de cada ano, a floração das acácias da Mata da Conceição estende-se de Fevereiro a Abril. E faz pena que, havendo a dois passos da estrada nacional um paraíso de beleza e de cor, de calma e de reconforto, o mesmo esteja esquecido. Esquecido não só para os algarvios, para os portugueses, como, em especial, para as muitas centenas de turistas estrangeiros que visitam o Algarve durante a época em que o frio, a neve e os temporais assolam furiosamente numerosos pontos do Mundo.

Quem se dispõe a batalhar, a sério, pela valorização turística da Mata da Conceição?

ANTÓNIO DO RIO

LA DE VIDRO EM PASTA PARA ISOLAMENTO DO SOM, CALOR E FRIO EM:

Câmaras Frigoríficas, Construção Civil, Construção Naval, Estufas, Caldeiras

E TODO O GÉNERO DE ISOLAMENTO INDUSTRIAL

Wandschneider & Cia., Lda.

Rua Cândido dos Reis, 74-2.º Telef. 50702 PORTO

Brincadeira que redonda em tragédia em S. Bartolomeu de Messines

S. BARTOLOMEU DE MESSINES — Junto a um prédio do sr. João Rodrigues Figueira Santos, nesta povoação, encontrava-se num carro um tambor de 200 litros, cheio de água, que para seu governo, um empregado daquele sr. ali deixara, devidamente escorado.

Três rapazitos, porém, José da Palma Gonçalves, de 5 anos, filho do sacristão sr. Manuel Rodrigues Gonçalves e de sua esposa sr.ª D. Custódia Adelina, um seu irmão gémeo e outro mais, foram brincar para o carro e lembraram-se de tirar-lhe os descansos, do que resultou desandar o tambor da água, entalando de encontro ao chão, a cabeça do José da Palma Gonçalves, que teve morte imediata. A ocorrência impressionou profundamente a população local. — C.

6.000 CONTOS

ATENÇÃO — Para a lotaria da PASCOA tem à venda o 1.º prémio

JOSÉ LUÍS RIBEIRO

Vila Real de Santo António

Trespassa-se

Fábrica de malas em laboração, por motivo de doença do proprietário.

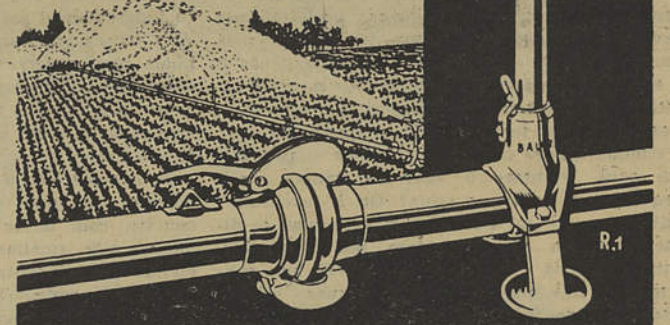
Informa-se nesta Redacção.

rega por aspersão

SISTEMA **BAUER**

colha mais gastando menos

ouça a nossa Secção Técnica



REPRESENTANTE: **ENG. GUSTAVO CUDELL**

PORTO - Apartado 248 - R. do Bolhão, 157 - Telef. 23484 - 20282 LISBOA 5 - Av. Alm. Gago Coutinho, 1C (ao Arreiro) - Tel. 710342

OFERECE-SE UMA MÁQUINA FOTOGRÁFICA

A quem adquirir durante os meses de Março e Abril, uma PHILISHAVE, a máquina eléctrica de barbear mais rápida, asseada, eficiente e silenciosa do Mundo, e ainda a possibilidade de assistir à final da «Taça de Portugal» em futebol, com todas as despesas pagas.

Independentemente destas ofertas, todos os compradores ficam habilitados aos sensacionais brindes oferecidos pela PHILIPS, como sejam: Televisores, conjuntos de utilidades domésticas e viagens a Barcelona por ocasião da Feira Internacional, com todas as despesas pagas.

Vendas a prestações mensais de 50\$00

Pedidos para o agente oficial da PHILIPS

José Guerreiro Martins Ramos

Rua Conselheiro Bivar, 52

Avenida Marçal Pacheco, 38

FARO

LOULÉ

Farmácia CARMO

DEPÓSITOS DE PRODUTOS QUÍMICOS E ESPECIALIDADES FARMACÊUTICAS

José Graciliano Vieira Carmo

TELEFONE 31

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

LÃS A PESO PARA TRICOT

AS MELHORES QUALIDADES DE FIOS DENTRO DOS MELHORES PREÇOS DE FÁBRICA

ÚLTIMAS NOVIDADES EM

LÃS FRANCESAS PINGUIN
PICAUD
CHAT BOTTÉ

E DAS MELHORES FÁBRICAS DE MILÃO!

JOSÉ AIRES DA SILVA

Rua Augusta, 270-1.º LISBOA

Se tem máquina de tricotar ou costuma gastar bastante lâ convém consultar-nos imediatamente.

NYLON, FIOS E CABOS

Bóias de plástico e cortiça, fios, redes de algodão e nylon, cato, etc.

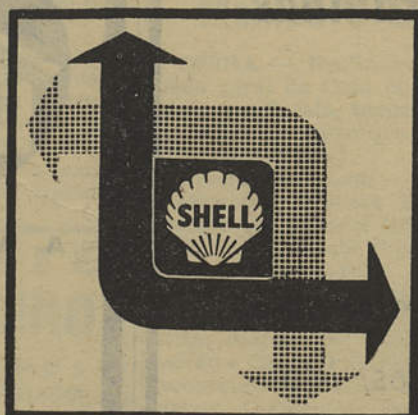
Descontos aos revendedores — Apartado 2309 — Lisboa-2.



quando viajar...

...procure o símbolo dos Centros de Informação Turística Shell, assinalados pelo emblema das setas cruzadas. No decurso da sua viagem terá, por certo, necessidade de informações sobre hotéis, estado das estradas, etc.; a Shell dar-vos-á a assistência necessária.

SHELL PORTUGUESA, S. A. R. L.



DOCES REGIONAIS DO ALGARVE:

O melhor sortido encontram V. Ex.ª na **CASA AMÉLIA TAQUELIM GONÇALVES**, (CASA DOS DOCES REGIONAIS), Rua da Porta de Portugal, 13-1.º - Telefone 82 - LAGOS. Remessas para todo o País

DO FOLCLORE ALGARVIO

E O CORRIDINHO?!

O *corridinho*, retintament' algarvio, bulicoso, alegre, sempre jovem, irreverente como a gente moça, parece ter sido votado ao ostracismo, «ele» que é um pedaço vivo deste Algarve poético e luminoso!

Vem isto a propósito da ausência praticamente total do *corridinho* nos bailes das colectividades de recreio, quer no Carnaval quer no S. João. Neste mundo de contra-sensos em que vivemos, aquele facto pode ser considerado de somenos importância, coisa de ordem secundária, mas parece-nos que nós, algarvios, não podemos ficar indiferentes a essa apatia, que não tem justificação possível. Fossem quais fossem as «tintas» que se usassem para «pintar» o porquê — se acaso o houvesse — de tal ausência, nunca se encontraria uma razão forte, das tais que resistem a toda e qualquer argumentação, que admitisse a falta

do *corridinho* nas sociedades recreativas. O *corridinho* — todo vertigine e graça — cujo fluido contagiante é capaz de pôr em movimento novos e velhos num rodopio são e envolvente, e que devia surgir sempre nos bailes algarvios como nota permanente do folclore deste jardim polícromo que é o Algarve, tornou-se quase inteiramente silencioso, e, a continuar assim, terá todo o aspecto dum proscrito...

O folclore é tradição a que se deu corpo e alma e nasceu do povo. E o *corridinho* integra-se perfeitamente nessa tradição e nela tem lugar inalienável. Porquê o seu esquecimento? A quem atribuir culpas? As colectividades recreativas? Aos grupos musicais? Ou à juventude? Talvez as culpas se dividam por este trio, indispensável na conjuntura, mas cremos não errar se dissermos que a maior dose deve caber — ó paradoxo! —

José Augusto Pescada Júnior

à própria mocidade, que se tem deixado prender por certas danças de importação, como o «rock and roll», antimusical, grotesco e... «delinquentes», em prejuízo do *corridinho*, que, além de português, traz consigo um caudal inesgotável de boa música. Abandoná-lo é prestar um péssimo serviço ao folclore algarvio, de que é legitimamente o melhor embaixador. Que meditem nisto as sociedades de recreio e os grupos musicais; e, quanto à gente moça, está muito a tempo de redimir-se do seu erro indesculpável se, como esperamos, acariñar sem reservas o *corridinho*, dançando-o arduamente nos bailes, quer em salas quer ao ar livre.

Cá ficamos com a esperança de que este convite, com laivos de apelo, seja finalmente ouvido pela juventude, para que, como certa personagem, não fiquemos a «bradar no deserto», inutilmente...

O CANTAR DO GALO E O NOVO DIA

(DE UMA VELHA LENDA CHINESA)

FOI há muitos milhares de anos.

Muitas e muitas luas se passaram depois que isto aconteceu.

Só nos velhíssimos textos sagrados, gravados na pedra e conservados misteriosamente pelas avós das avós das feiticeiras do grande império esta narração se encontra escrita, mas desses livros por muito que se tenha procurado, ninguém sabe o que foi feito deles. Apenas na memória de alguns letrados ou dos narradores de histórias que assentam banca junto ao mercado, ou ainda dos que vão distrair os frequentadores das casas de chá, dela pode haver lembrança, pois foi muito antes da dinastia dos Ming, e ainda os homens não tinham reinem imperadores, nem existiam os mandarins, pois nesse tempo só deviam obediência ao chefe da família.

Nesse tempo longínquo existiam nove sóis que mal a manhã rompia apareciam no horizonte lançando sobre a Terra o calor dos seus raios, os quais, incidindo sobre os homens, os animais e as plantas, faziam com que as ervas dos prados se estiolassem, as fontes secas-

sem, dando origem a que os animais não pudessem trabalhar, morrendo de fome e sede, o mesmo sucedendo aos homens que, lamentando a aridez e a esterilidade a que tudo ficava reduzido, viam a vida, a alegria desaparecer aos poucos, e até nas árvores ressequidas da floresta os pássaros deixavam de fazer os seus ninhos.

Um dia, um dos homens, já farto de pensar no assunto e talvez mais esclarecido que os seus companheiros, pede a convocação do conselho dos anciãos e expõe-lhe a gravidade da situação, que a continuar, faria desaparecer toda a vida da face da Terra.

Recebida com interesse a sua comunicação, começaram a surgir as dificuldades para resolver o problema, pois cada um emitia o seu parecer, que por muito engenhoso que fosse esbarrava sempre com a dificuldade da execução.

Alvitrava um que se fizessem esteiras de junco e que fossem espalhadas pela Terra de modo a encobrirem os raios solares; dizia outro que se refugiassem nas cavernas das montanhas os homens e os animais e só aparecessem à noite quando o Sol se escondesse.

Até que um velho, já muito velhinho, de longas barbas brancas, e de muita experiência de vida, falou assim:

«Ouvi, meus filhos, todas as vossas opiniões, mas por mais esforços que empregueis, por mais voltas que derdes à vossa inteligência jamais conseguireis fazer algo de útil para remediar a vossa triste situação. No entanto, lá para as bandas do Oeste, onde começam as serras que vão dar à montanha sagrada, existe um gigante cujo poder é imenso, e só ele vos poderá valer. Ide em sua procura, contai-lhe as vossas tristezas e as vossas desgraças e pedi-lhe em nome da deusa da montanha, que vos proteja. Ficai certos, que se lhe pedirdes em nome da deusa da montanha ele fará por vós o que lhe for possível».

Foi recebida com aplausos por todos esta ideia e trataram imediatamente de se dirigir ao encontro do gigante da montanha sagrada.

Uma vez chegados expuseram ao gigante a sua situação e pediram-lhe em nome da deusa da montanha que os protegesse.

O gigante prometeu que tudo faria para lhes minorar o sofrimento e dirigindo-se à sua gruta trouxe um enorme arco e as setas gigantescas com que se servia. Carregado o arco, feita a pontaria, ele ia descarregando sobre os sóis as suas setas que à medida que atin-

giam o alvo, estilhaçavam-no, espalhando-se os seus fragmentos no espaço.

Sucedeu assim com oito dos sóis e o nono, ao ver a sorte dos seus irmãos, fugiu aterrorizado, escondendo-se por detrás das altas montanhas que ficam antes do tecto do Mundo.

Depois que o Sol se escondeu, os homens que até ali celebravam com músicas e descantes a vitória do gigante, viram que anoitecera súbitamente e o manto escuro das trevas descera sobre a Terra, o frio entrava-lhes nos corpos e os animais assustados não se podiam deslocar dos locais em que se encontravam. Uma grande desolação invadiu novamente a alma dos homens e um frio de morte ia a pouco e pouco gelando-os de pavor, até que um dos mais atilados lembrou que se convidassem as aves cantoras para que com os seus gorjeios fossem chamar o Sol, pois não lhe desejavam fazer mal.

Veio o rouxinol e esse exímio cantor dos bosques ensaiou os seus trinos, exibiu os seus melhores gorjeios, mas o Sol não apareceu. Vieram depois a calandria, o melro, a cotovia, o pintassilgo, enfim, vieram todos os pequenos e os grandes cantores alados e o Sol nunca se resolveu a aparecer; até que alguém se lembrou de chamar o galo, pois ao ouvir a sua voz talvez o Sol se resolvesse a aparecer.

Veio o galo então, e lançou para o ar o seu cantar um pouco rouco, pouco melodioso, mas forte como um apelo ou toque de clarim. A este cântico o Sol apareceu no horizonte, pois o cantar do galo encerra em si não só a vaidade de ser o rei da capoeira, o orgulho de ser o mais bonito, mas também a ternura e o carinho pelos seus.

A aparição do Sol foi saudada com ruidosas manifestações de alegria, com músicas e descantes; todos à uma entoaram cânticos em louvor do Sol, os homens, as aves e os animais retomaram a sua alegria de viver, pois o calor agora já servia para amadurecer a fruta nas árvores, aquecer os animais sem os fazer sofrer as torturas da sede e sem que secassem as fontes.

Desde então para cá todas as manhãs antes do romper da alva ouve-se cantar o galo chamando os homens para o trabalho, avisando-os de que um novo dia vai começar.

JOSE MARTINS

JORNAL DO ALGARVE
lê-se em todo o Algarve.

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

2.ª publicação

Por este Juízo e Secção de Processos, pendem uns autos de Falência Sumária decretada a requerimento de Clemente & Filhos, Limitada, sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede nesta vila e no respectivo apenso de Prestação de Contas apresentadas pelo administrador da massa falida, senhor José Cândido Monteiro, solicitador nesta comarca, correm éditos de OITO DIAS, citando os crédores da massa falida bem como esta, para, no prazo de CINCO DIAS, que começará a contar-se da 2.ª e última publicação deste anúncio, dizerem o que se lhes oferecer acerca das referidas contas, nos termos do que dispõe o art.º 1.235.º do Código de Processo Civil.

Vila Real de Santo António,
4 de Março de 1961.

O Chefe da Secção de Processos,

(a) Vítor Carlos Pontes Vilão

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

(a) Joaquim Augusto Valente

Cantante

ANTÓNIO ROMBA

AGENTE

SINGER

RÁDIO-TELEVISÃO

RELÓGIOS

Telefone 62

MÉRTOLA

CAFÉ IMPÉRIO

Sob a direcção de

JOSÉ JOAQUIM PAULO VIEGAS

BOM SERVIÇO DE PASTELARIA E CONFEITARIA

Magnífico CAFÉ de lote especial

BILHARES • ÓPTIMA COMODIDADE

Telefone 87 — Praça Marquês de Pombal

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



QUAL DESTES CURSOS LHE INTERESSA?

Seja qual for, escreva imediatamente à

Escola Nacional de Contabilidade

(Fundada em 1945)

Telefone 73 28 80

Director: Prof. Lourenço de Carvalho (com o curso de Ciências Pedagógicas da E. L. L.)

Ensino pelo correio, completado com visitas aos alunos

Av. Praia da Vitória, 19 — LISBOA

ESTABELECEMENTOS LITOGRAFICOS

RAMIREZ, PEREZ, CUMBRERA & C.ª

CASA FUNDADA EM 1890

Sede: Vila Real de Santo António (Portugal)

— Telefones 15 e 181 —

SUCURSAIS { Olhão e Portimão (Portugal)
Ayamonte (Espanha)

Litografia sobre Folha de Flandres

FABRICAÇÃO DE:

Chaves, Pregos e Grelhas para Sardinhas

LATAS

Construção de latas para conservas de peixe em azeite e salmoura. Latas para Tomates, Azeites, Azeitonas, Man-teigas, Cafés, Óleos e para quaisquer outros produtos.

ORIENTAL

É uma SAPATARIA em Portimão, no Largo França Borges, que tem sempre os modelos mais recentes de CALÇADO.



NOBRE

A MAIOR ORGANIZAÇÃO ESPECIALIZADA NA PROVÍNCIA

CASA NOBRE

(Fundada em 1886)

FARO

Rua de Santo António, 12
Telefone 186 (P. P. C.)

PORTIMÃO

Rua de Santa Isabel, 47
Telefone 385 (P. P. C.)

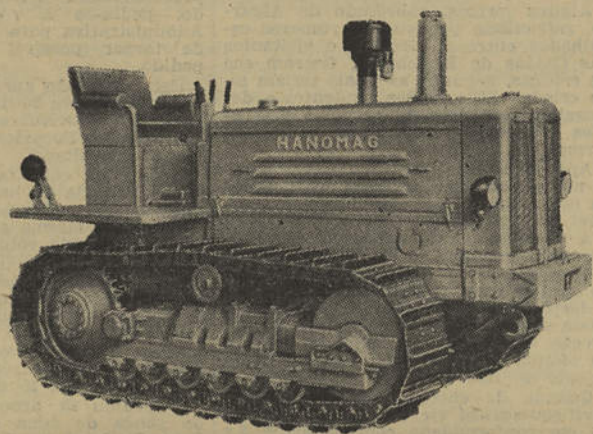
MÓBILIAS

DECORAÇÕES

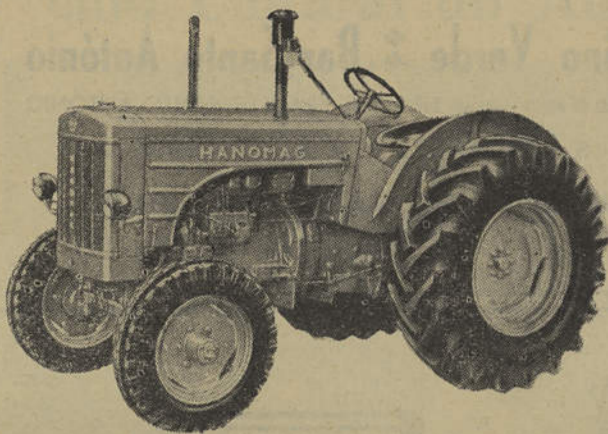
TUDO PARA O LAR

SENHORES LAVRADORES E EMPREITEIROS DE TRABALHOS AGRÍCOLAS

Prefiram o melhor equipamento



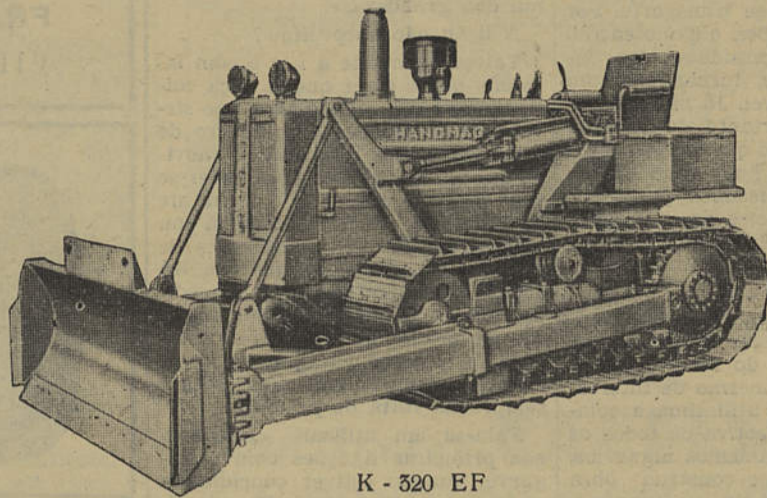
K - 320 E



R - 545



RHEINSTAHL HANOMAG



K - 320 EF

TRACTORES HANOMAG DE RODAS E RASTO, COM ALFAIAS PARA TODOS OS TRABALHOS

CONSULTEM OS REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

SOCIEDADE INDUSTRIAL AGRO-REPARADORA, LIMITADA

ASSISTÊNCIA TÉCNICA ESPECIALIZADA

80-B, 80-C, AVENIDA ALMIRANTE REIS, 80-D, 80-E
Telef.: 52360 - 53135 - 55354 — Teleg.: AGROPEÇAS
Apartado 1341 LISBOA - 1

COMPLETO STOCK DE PEÇAS

Loulé... em retrato



A aldeia da Tor que é sem dúvida o núcleo mais importante da freguesia de Querença sob o ponto de vista urbanístico, populacional e comercial, não tem correio diário com Loulé. Quando tanto se fala em que o desenvolvimento dos serviços e das distribuições está a ser objecto de aturada preocupação dos C. T. T. e que, mercê dessa vontade de servir, os correios estão a progredir, parece já fora dos nossos dias ouvir-se afirmação tão chocante. Mas é assim mesmo.

A correspondência segue de Loulé, em três malas, destinadas a Ponte da Tor, Monte das Figueiras de Baixo e Povo de Querença. Aberta no posto de registo da Ponte a que é destinada a este sítio, que dista menos de um quilómetro da aldeia, é a desta última entregue a uma pobre mulher analfabeta que, para a distribuição, tem de se socorrer da ajuda de quem o não seja, dando a escolher a cada um as cartas que lhe correspondem e pedindo indicação sobre as restantes. Como ainda tem de ser portadora da outra mala, sucede que leva as cartas para outros sítios e só no regresso inicia os seus trabalhos de distribuição, pela forma bizarra que descrevemos. Ora, para uma aldeia da importância da Tor isto é francamente deplorável.

Dizem-nos que tudo tinha fácil remédio, pois bastaria acrescentar ao giro do carteiro de Clareanes, os sítios de Amendoeira e Porto Nobre, que ficam quase na sua rota e determinar que o carteiro de Querença, liberto daqueles dois sítios fizesse em sua substituição Ponte da Tor, Tor e Monte das Figueiras de Baixo.

Dizem-nos ainda que o giro do carteiro de Clareanes está bastante sobrecarregado, pois tem de fazer também Cruz da Assumada. Mas isto é que parece não ter justificação porquanto Cruz da Assumada recebe e expede diariamente uma mala para Loulé.

Aqui deixamos o caso tal qual nos foi relatado pelos mais importantes comerciantes do sítio, deveras penalizados com o que se passa.

Impressionava, fortemente, a passagem diária das procissões «ad petendam luviam» que cruzavam a vila a caminho da Nossa Senhora da Piedade.

Os campos mostravam um aspecto desolador. Toda a seara estava amarelecida resistindo debilmente à prolongada seca que já durava alguns meses. Ainda as que mais resistiam eram as trigoas. As de java e ervilha, podem considerar-se perdidas em grande parte, sobretudo nas terras menos ricas de humo. Mas, no domingo, choveu copiosamente antes da meia-noite e a chuva foi bendita. Houve pessoas da vila e do campo que se levantaram para ver chover e ter a satisfação de ver correr a água do céu, pelas valetas, valas, regueiras e riachos.

Quanta satisfação trouxe esta paradoxal entrada da Primavera! Nunca foi tão promissora a entrada desta estação primordial do ano!

Pouco percebemos dos regulamentos de campeonatos de futebol.

Mas temos ouvido afirmações violentas contra a direcção do clube local por ter desistido do campeonato da Terceira Divisão. Dizem-nos que o facto acarreta sanções pesadíssimas, como a de estar dois anos sem tomar parte em novos prêmios. Será assim?!

Achamos que muita responsabilidade deve caber a quem ordenou que tal acontecesse e não mediu os inconvenientes da atitude tomada. Quer-nos até parecer que ela não está de harmonia com a ética desportiva, pois julgamos que um dos preceitos mais de recomendar é o de saber perder.

Na última semana foi roubada mais uma bicicleta motorizada.

Um indivíduo de freguesia limítrofe do nosso concelho, veio a Loulé e trouxe a sua motorizada, que teria apenas uns 15 dias de compra. Deixou-a debaixo do arco enquanto foi a uma repartição e tanto bastou para que um meliante a levasse. Foi encontrada no dia seguinte na Campina de Cima abandonada e sem gasolina.

É de lamentar que não haja uma pessoa que tenha presenciado, não dizemos já o roubo no local mais central da vila, mas, pelo menos, o facto pouco comum de abandonar-se uma bicicleta motorizada durante o dia.

Há que despertar as populações no sentido de se perseguir o delinquente ou delinquentes que se entregam a estas actividades perigosas e criminosas, para que tenham o devido correctivo.

Já se encontram em Loulé muitos dos alunos universitários que vêm passar as férias da Páscoa. Já se nota maior animação pelos cafés, mais rapaziada a passear, mais animação nas raparigas.

Já se fala num monumental baile dos estudantes para domingo de Páscoa, já se aventam nomes de orquestras, já se estudam programas e decorações, já se sente, enfim, a vibração da mocidade estudantil.

Também as «músicas» já entram em regime de ensaios apertados para as festas da Mãe Soberana, já se acendeu novamente a rivalidade entre os da Nova e da Velha (eu pus por ordem alfabética para evitar melindres), rivalidade que, no fundo, contém a filosofia da sua existência.

REPORTER X

TINTAS «EXCELSIOR»

ANTIGO LOTE DE CAFÉ CHAVE D'OURO

MAIS DE 50 ANOS AO SERVIÇO DO PÚBLICO

Serve-se à chávina e vende-se a peso em todo o País

Preparadores: VILARINHO & SOBRINHO, LDA.
Janelas Verdes — Lisboa



BANCO DO ALGARVE

SEDE EM FARO

Agências em LOULÉ e PORTIMÃO Correspondência Priv.ª em OLHÃO

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Infiltrações de água que provocam desmoronamentos em Armação de Pera

ARMAÇÃO DE PERA — As 3 horas da madrugada de segunda-feira devido à chuva ter corrido por vala que fora aberta junto aos alicerces das moradias, para colocação da canalização de água nesta terra, ruiu os prédios do sr. José Martins Capinha e da sr.ª D. Maria José Estanislau e parte duma parede do prédio do sr. Joaquim Ricardo, que ameaça ruir também, estando todos os prédios a seguir na iminência de cair em devido às chuvas. Felizmente não se registaram desastres pessoais além do susto e incómodos sofridos pelos sinistrados, o que não quer dizer que tal não venha a suceder dando o perigo em que se encontram as outras moradias.

Não se compreende que, sendo de areia o subsolo desta povoação a Junta Autónoma das Estradas mande que se abram as valas junto aos alicerces dos prédios dando como resultado o que está a acontecer, e acontecerá se os trabalhos

continuarem no mesmo processo. Reclamamos contra tal decisão, pois é bem triste ver-se a desolação desta pobre gente que, além de perder os seus lares têm de andar altas horas da noite debaixo de chuva, com risco da própria vida, a bater à porta dos vizinhos pedindo agasalho. Não compreendemos esta falta de respeito pela propriedade alheia só porque se faz um pouco mais de despesa com a abertura da vala na rua. — C.

Casa do Algarve de Manica e Sofala

BEIRA — Realizou-se a assembleia geral da Casa do Algarve de Manica e Sofala, tendo sido eleitos os corpos gerentes que ficaram assim constituídos:

Assembleia geral — Presidente, Maximiano Baptista Leiria; vice-presidente, Manuel Gonçalves; secretários, Henrique Ramos e Pedro do Carmo Alexandre. Direcção — Presidente, João Machado Valente; vice-presidente, João da Silva Cabrita; secretários, António Neves Leitão e Cândido da Rosa Calvário; tesoureiro, Reinaldo dos Santos; vogais, Diamantino dos Santos e Diamantino Moreira; suplentes, José de Jesus Patrício e Manuel Guerreiro Martins. Conselho fiscal — Edmundo Romão Jorge, presidente; Sebastião Correia Dourado, relator; e Constantino Romão Jorge, vogal.

Novo pároco em Almansil

S. BRAS DE ALPORTEL — Foi nomeado prior da freguesia de Almansil, na igreja de S. Lourenço, o rev. António Inácio, que exerceu por longos anos o cargo de coadjutor em S. Brás de Alportel, e, muito recentemente em Olhão.

Na sua missão espiritual em S. Brás de Alportel, e ainda como professor do ensino secundário no colégio S. Brás, a sua acção foi tão fecunda e notável, que deixou uma profunda saudade, tornando-o credor da simpatia e admiração de quase toda a população são-brasense. Por tal facto, a nomeação do prestigioso sacerdote, atraiu à histórica igreja de S. Lourenço, monumento nacional de rara beleza, numeroso grupo de admiradores, que se deslocaram propositadamente de S. Brás de Alportel para cumprimentar e felicitar respetivamente o seu antigo pastor. Uma deputação dos bombeiros desta localidade, sob o comando do sr. Manuel Pires Rico, assistiu perfilada no altar-mor à sua primeira missa.

Na sua prática, com a pequena igreja a regurgitar de pessoas de

todas as condições sociais, o novo prior, emocionado, agradeceu a presença dos bombeiros e do seu comandante, prometeu toda a sua dedicação aos novos paroquianos, saudou a espontânea manifestação de carinho dos são-brasenses, entre os quais se destacavam figuras do maior relevo social, como os srs. drs. Mário Dinis Porto, delegado de Saúde, Esteves Matos Prouença, conservador do Registo Civil, Francisco de Sousa Bazílio, secretário da Câmara, Peres Fialho e José Mora Fêria, presidente da comissão concelhia da U. N., e chefe de conservação das Estradas, Matias de Almeida, Anselmo Bruno Pinto, Lázaro Sousa Costa, António Botinas, Jorge Gouveia, João Martins Dias e António José Pires Bica.

PERDEU-SE

Entre Loulé e Quarteira, uma roda completa de automóvel, equipada com pneu «Mabor» M — 500 X 525 X 550/15. Gratifica-se Manuel Carvalho, motorista de praça, Quarteira.

Casa dos Pescadores de Olhão

Praça da Restauração, 21

OLHÃO

José Rodrigues Marques

DESPACHANTE OFICIAL

Consignatário de navios e mercadorias

TELEGRAMAS: JOSÉ MARQUES

— TELEFONE 23 —

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Casa do Pessoal da Caixa de Previdência dos Empregados de Escritório e dos Organismos Corporativos

Centro de Alegria no Trabalho n.º 392
Rua Luz Soriano, 53-2.º — LISBOA

Ex.º Senhor
Gerente da Pensão Mateus
Vila Real de Santo António

Para os devidos efeitos incluso se remete a V. Ex.ª a importância de 26\$40 (vinte e seis escudos e quarenta centavos), em selos do correio, conforme nos foi solicitado.

Não queremos deixar de aproveitar esta oportunidade para agradecer a maneira simpática e verdadeiramente acolhedora como fomos recebidos na pensão que V. Ex.ª mui dignamente dirige, a qual nos proporcionou momentos que ficarão para sempre gravados na nossa memória.

Não há dúvida que a servir assim, a Pensão Mateus, só glorifica a Indústria Hoteleira Nacional, e pena é que nem todos os industriais procedam do mesmo modo.

a) João Almeida Freire

ALGARVE 1965

O Aeroporto do Algarve

GRANDE parte das viagens turísticas no Mundo são hoje feitas de avião, por se tratar de um rápido meio de transporte. Por esta e outras razões, o avião entrou nos hábitos e necessidades dos viajantes e turistas, tornando-se um bem imprescindível. Já não se concebe zona importante de turismo sem um aeroporto que a sirva. Sendo o Algarve, já hoje, zona importante, com amplíssimas perspectivas para o futuro, é preciso que o Aeroporto de Faro, que irá servir toda a Província, não tarde mais a concretizar-se.

Dado que os benefícios resultantes da obra, depois de concluída, irão muito além do âmbito regional, tornando-se mesmo de interesse nacional, será utilíssima a colaboração real e efectiva de todos os municípios e organismos algarvios, a fim de que se construa obra grandiosa e digna da sua função e não uma pequena «coisa» para suprir apenas as necessidades de momento; porque construir para o futuro é sempre mais económico.

Se bem que «aeródromo» e «aeroporto» tenham a mesma significação há certa tendência para designar pelo primeiro nome os de somenos importância nas instalações e pistas de aterragem e pelo segundo os mais capacitados para o serviço de passageiros. Sendo assim, o que nós necessitamos é de um aeroporto e não de um aeródromo. Isto não são exigências minhas, mas exigências que o futuro imporá em breve espaço de tempo, e que já hoje se fazem sentir, porque, formando-se com frequência nevoeiro no Aeroporto de Lisboa os aviões das carreiras internacionais têm de ir aterrar a Casablanca ou Madrid, quando muito bem o podiam fazer no Aeroporto do Algarve, se para isso estivesse apetrechado, uma vez que por cá são raros os dias de nevoeiro.

Há dias tratando assunto em que se sugeria construir algo com capacidade folgada para as necessidades actuais, o que era rebatido por indivíduos agarrados a projectos mais acanhados, um jornal diário de Lisboa comentava como exemplo o que passamos a transcrever, por coadunar-se perfeitamente com o assunto tratado:

«A propósito, recordemos que quando o falecido engenheiro Duarte Pacheco mandou construir o Aeroporto de Lisboa não faltou quem o acusasse de... sofrer de «mania das grandezas» esbanjando milhares de contos — diziam — para que lá de vez em quando ali pousasse um avião.

Homem de larga visão e de forte personalidade, Duarte Pacheco levou a sua ideia por diante, pouco se importando com o zumbido dos descrentes e maldizentes. Pois bem: poucos anos depois da sua morte o aeroporto teve de ser ampliado e de então para cá já por duas vezes se teve de alargar as instalações.

Isto, repare-se, apesar do pro-

jecto primitivo enfermar da «mania das grandezas».

A lição não aproveitou?

Talvez aproveite a nós e com isto não quero dizer que se faça coisa monstruosa mas apenas que sirva as necessidades dum futuro de cada vez maior progresso e movimento. Se não for possível fazer-se tudo de uma vez, dado o montante da obra, que se faça desde já um traçado de pistas e instalações de grande capacidade, o qual se irá completando por escalões, à medida que as necessidades surjam, a fim de não ter de procurar-se soluções de emergência que às vezes custam a encontrar mas pecam sempre na falta de perfeição.

Fala-se em utilizar «Dacotas» nas primeiras ligações com o Algarve, quando estiver concluída a pista. Para começar ainda se aceita mas para continuar por muito tempo, não, porque enquanto os turistas ingleses, franceses e americanos viajarão até Lisboa em jactos recordistas de velocidade, terão de fazer uma viagem até ao Algarve, em quase tanto tempo como o que levam de Paris a Lisboa, mas com muito menos conforto.

Por que não pensar-se desde já em estudar a possibilidade de vir a adquirir aviões velozes e versáteis como o «Caravelle»? Estes aviões, com capacidade para 80 passageiros, tornariam mais económicas as tarifas e poderiam ser utilizados no trajecto Porto-Lisboa-Faro e ainda em circuitos, pelo futuro Aeroporto da Madeira, Tânger, Casablanca, alguns espanhóis e até mesmo os do Sul de França, para trazer os «grandes» turistas dum Riviera já saturada para um Algarve novinho em folha. A título de curiosidade acrescenta-se que estes aviões, voando a 800 km./h. cobrirão a distância Lisboa-Faro em apenas 20 minutos e Porto-Lisboa, em 25 minutos.

Sim, deve considerar-se isto e a utilização de aviões modernos, porque se assim não se proceder cair-se-á num chamado «retrocesso do progresso».

É necessário tudo isto, pois assim corresponder-se-á aos investimentos hoteleiros feitos ou já em projecto na nossa Província. E se o Aeroporto do Algarve for uma realização impecável e progressista, imagine-se o estímulo que irá dar à concretização de novos empreendimentos!

O Aeroporto de Faro será obra de lucro assegurado e em 1965, assim o esperamos, estará integrado nas rotas turísticas das grandes companhias mundiais de aviação, que trarão ao Algarve milhares de turistas de todos os pontos da Terra.

Dezenas de hotéis na costa algarvia, magnificamente apetrechados, alojarão os turistas que levarão do Algarve o incomensurável prazer de ter visitado uma das mais belas, variadas, luminosas e acolhedoras regiões do Mundo.

por HORÁCIO NEVES BACELADA



El Camino Verde Bar Santo António

GASA DE PASTO - Rua de Aveiro - Telefone 257 Na PRAIA DE SANTO ANTÓNIO

ÓPTIMAS REFEIÇÕES /// MARISCOS FRESCOS

FRANCISCO G. GAGO DA SILVA
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



PIRELLI

PNEUS ANTI DERRAPANTES

Um esclarecimento da Direcção-Geral de Minas acerca das Caldas de Monchique

Recebemos o «Boletim de Minas» n.º 8 do qual e acerca das Caldas de Monchique, vamos transcrever o que no mesmo se diz, tanto mais que o esclarecimento visa o nosso jornal, embora não o particularize:

Alguns jornais, sobretudo do Algarve, reflectindo persistentes rumores espalhados entre os doentes e visitantes das Caldas de Monchique, fizeram eco de críticas, segundo as quais teriam sido criadas dificuldades tendentes a demorar a resolução de algumas pretensões requeridas por aquela estância termal.

Apenas com intuito elucidativo parece-nos dever dar algumas explicações na esperança de que elas dissipem qualquer mal-entendido.

A Comissão Administrativa das Caldas de Monchique só em 10 de Maio de 1960 apresentou à aprovação os modelos de rótulos para as suas garrafas, e isto a despeito de repetidas vezes assediada nesse sentido, durante as visitas de inspecção e, também, no acto da entrega da oficina de engarrafamento em 29 de Agosto de 1959.

Quando da entrega dos documentos verificou-se não vir o processo instruído em conformidade com os art.ºs 3.º e 4.º do decreto-lei n.º 15.401, de 17 de Abril de 1928, sendo de notar que, apesar disso, e para se evitarem demoras, o processo teve imediato seguimento para a Direcção-Geral de Saúde, entidade que por lei tinha de ser consultada sobre o assunto.

Em 28 de Julho de 1960 foi o processo presente ao Conselho Superior de Minas e Serviços Geológicos, ficando decidido que, com as alterações sugeridas pela Direcção-Geral de Saúde, podia ser aprovado o rótulo relativo à água vendida tal qual brota da nascente. Esta

decisão foi tomada por unanimidade, e dela se deu conhecimento à Comissão Administrativa das Caldas de Monchique, em 12 do mês seguinte.

No referente ao rótulo para água gasificada, uma vez que a instalação não estava licenciada, e devido ao facto do processo estar deficientemente instruído, pediu-se à respectiva Comissão Administrativa para completá-lo, a fim de tornar possível a apreciação do pedido.

Esta Comissão apresentou os boletins das análises em 26 de Setembro de 1960 e, em 3 de Novembro, o processo estava no Conselho Superior de Minas devidamente consultado.

Apesar da colheita da água não ter sido efectuada de harmonia com as regras usuais, o Conselho aprovou os rótulos nessa mesma sessão, também por unanimidade de votos.

Não obstante o primeiro rótulo ter sido aprovado em 28 de Julho, conforme acima se disse, as «maquetas» para a execução do mesmo só vieram ao exame obsequioso desta Direcção-Geral em meados de Novembro de 1960. A revisão das provas desse rótulo só foi pedida oficialmente em 15 de Dezembro.

O pedido de aprovação do preçário da venda de água deu entrada nesta Direcção-Geral em 9 de Dezembro. Por unanimidade foi aprovado pelo Conselho Superior de Minas em sessão de 15 desse mesmo mês.

Em nenhum dos casos indicados houve a menor divergência quanto à resolução a tomar.

Visado pela delegação
de Censura

EMPRESA DE PESCA DE AVEIRO

Praça Eng. J. Frederico Ulrich, 10 — AVEIRO

End. Telegráfico «SALGUEIROS»

Telefones 23111/2/3

PESCA DO BACALHAU
PESCA DO ATUM
PESCA DO ARRASTO COSTEIRO

Instalações de Secagem e Conservação de Bacalhau na Gafanha (Aveiro)

Produtores de Óleo de Fígados de Bacalhau, tipo Medicinal

FROTA ACTUAL

6 Arrastões da Pesca do Bacalhau
1 Navio da Pesca do Bacalhau à Linha
2 Atuneiros
2 Arrastões da Pesca Costeira

A sua fábrica de conservas, em Agadir — Marrocos, a

SOCIÉTÉ CHERIFIENNE DES ENTREPRISES DE PÊCHE AVEIRO - MAROC
Rue Appert

Produz os seguintes produtos:

Sardinha — Cavala — Atum (White Meat), em azeite puro de oliveira e óleo de amendoim, nas seguintes marcas registadas:

“Liberator” - “Delmónaco” - “Limão” - “Aveiro”

ESTABELECIMENTOS “IMPÉRIO” PARA BEM SERVIR

Fazendas, calçado e mercearias - telef. 165

Mercearias, louças, vidros, cerveja, águas minerais e petróleo - telef. 45

Instalações de gasóleo e óleos (cais comercial) - telef. 120

Pastelaria Império - telef. 186
(os melhores produtos)

Óculos CASA SERRA

A CASA QUE COM 40 ANOS DE EXISTÊNCIA, É SOBEJA GARANTIA DE BEM SERVIR!

QUER OUVIR MELHOR?

A CASA SERRA é a única representante no Algarve dos afamados aparelhos auditivos Micro-Som Assistência garantida.

Comprando na Casa Serra, óculos, relógios e aparelhos para ouvir, compra melhor e mais barato.

Rua Ivens, 24-26 — Telefone 680 — FARO

ESTA CIDADE DE FARO...

Era uma menina graciosa e pacatinha, vivendo calmamente o seu dia-a-dia molengão e provinciano. Alegre mas modesta. Poucas relações. Um viver chão, parado, de adolescente que não cresce.

Mas um dia... Um dia, a cidade-menina venceu o raquitismo. Começou a crescer. Desatou a espigar. Deram em apertar-lhe os corpetes das vielas estreitas, sentiu-se agastada na cinta pequena dos seus limites.

E a cidade, tontinha e vaidosa, deixou de ser a «miúda» enfezada, calma e recolhida.

Não, ainda não é verdadeiramente uma senhora. Mas é uma moçoila desenvolvida, que quer ser grande e bonita. Vai-se-lhe formando o busto das novas construções, harmoniza-se-lhe a linha do seu traçado urbano. Defeitos? Muitos ainda. Aquelas sardas... As feias sardas daqueles casebres anacrónicos mesmo no rosto da cidade só o tempo as apagará. E também me quer parecer que a cachopa entorta um pouco os olhos! O alinhamento de algumas das suas artérias deixa-me realmente essa sensação de estrabismo...

Mas deixemo-la crescer, refinar-se no seu progresso, tomar as formas agradáveis que promete, e a menina pálida e feinha será um dia... uma cidade de três assobios!...

M. Z.

1.º aniversário da delegação de Faro do «Jornal do Algarve»

A coincidir com o 4.º aniversário do nosso jornal, a Delegação de Faro também soprou a vela dos doze meses de vida. E enquanto formulava intimamente os desejos para o futuro que a praxe recomenda nestas festivas ocasiões, olhou também a sua actividade no ano que se encerrava. E fez o balanço.

Um ano depois das primeiras linhas saídas da casita manhosa de ar boémio (só o ar...) da Travessa do Pé da Cruz, alguns metros de prosa sobre motivos farenses passaram já pelas colunas do jornal. Nada de brilhante. Mas alguma coisa de útil, e tudo no intuito honesto de servir a cidade.

Ao entrar no 2.º ano de vida, a delegação de Faro de *Jornal do Algarve* deseja ampliar e aperfeiçoar a sua acção, sem que veja como conveniente qualquer alteração na linha de conduta que vem seguindo: lutar pelos interesses da cidade capital da Província, indiferentes ao azedume e má vontade com que essa orientação possa ser olhada em sectores de diferente ângulo visual ou com interesses menos latos a defender.

ATÉ QUE ENFIM

(Conclusão da 1.ª página)

(Quando da 3.ª Romagem dos Antigos Alunos a Faro) contra o facto de a cidade de Braga ter já começado a construir o seu Liceu Feminino embora houvesse mais raparigas matriculadas no nosso do que lá. E, estranhando a diferença de tratamento para uma região e para outra perguntáramos mesmo: «Será que as vozes de Braga chegam mais depressa à capital do que as emitidas em Faro? Precisar-se a mulher algarvia de dar melhores provas do seu aproveitamento intelectual do que tem dado?»

Pouquíssimos meses bastaram para que todos exultássemos de júbilo com esta justa deliberação e essoutro gigantesco traço de união entre Lisboa e o Sul do País — a ponte sobre o Tejo.

E o nosso regozijo leva-nos a pensar, novamente, na sugestão que lançáramos, na dita sessão comemorativa do 1.º de Dezembro, em Faro. Que figura feminina, de algarvia, merecerá, com justiça e sem paixões ou partidarismos, ser a patrona do novo liceu? Não conheço grande número de vultos da nossa Província mas creio que não será fácil descartar outra vida mais humanamente vivida em prol da instrução e dos problemas femininos do que a dessa ilustre filha de Vila Real de Santo António, Lutgarda de Caires. Não se limitou a compor versos de que publicou cinco livros além dos seus escritos em prosa que, em Portugal e no Brasil, mereceram rasgado êxito. Colaboradora assídua de revistas e jornais, ganhou brilhantemente, em 1923, o 1.º prémio nos Jogos Florais de Ceuta, certame internacional de larga projecção. E tão retumbante foi este seu êxito que o rei de Espanha fez vir a Lisboa uma delegação de oficiais, para entregar a distinta algarvia aquele prémio, no Museu do Carmo, onde ficou exposto ao público.

Mas que dizer da sua acção benemérita? E da sua acção social? Resta, da primeira, essa solidária festa anual que o «Diário de Notícias» continua a promover: «O Natal dos hospitais». Tão aceites eram as suas ideias sobre a valorização da mulher e a necessidade da instrução que o dr. Diogo Leote, ministro da Justiça, em 1911, a convidou, oficialmente, a sugerir novas soluções para certos problemas sociais sobre que incidia a sua aguda inteligência e observação. Tão humana era a sua visão dos problemas cruciais, que hoje continuam a assoberbar a sociedade, tais como os da instrução da mulher, assistência, regeneração, profilaxia contra o crime, delinquência infantil, desigualdade de direitos

A CIDADE ILUMINA-SE!

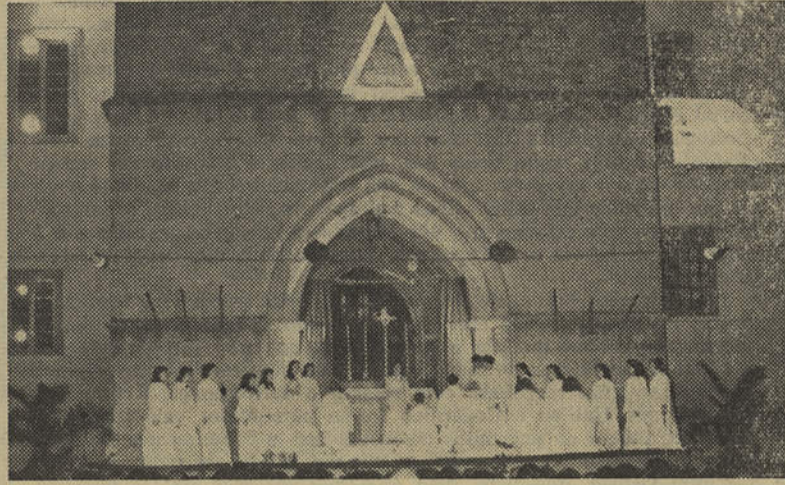
Deixava sempre má impressão no visitante a iluminação pública em Faro. Era assim, a modos de vila peculiarmente provinciana, condenada à modorra dum ténue vislumbro de luz, mas de luz fornecida por poucas «velas». Artérias importantes havia, onde a «honra do convento» era salva pela iluminação particular — montras, relemes, etc. Noutras constituía autêntica aventura o trânsito, depois do sol-pôr.

Cursos de língua alemã em Faro

O Instituto Alemão em Faro informa que está aberta a inscrição para o terceiro trimestre do curso de língua alemã no consulado da República Federal da Alemanha, em Faro, Travessa da Conceição, 4.

As inscrições podem ser feitas na segunda e terça-feira, e em 4 e 5 de Abril, das 10,30 às 12 e das 17 às 18,30, aceitando-se ainda alunos para um novo curso de principiantes a começar nos primeiros dias de Abril.

O Grupo de Teatro do Circulo Cultural do Algarve



Uma cena da peça de Calderon de la Barca «O Grande Teatro do Mundo», interpretada ao ar livre, no Largo da Sé, em Faro, pelo Grupo de Teatro do Circulo Cultural do Algarve

HOJE, algo se fez de diferente. A Avenida da República é artéria de certo modo graciosa e bem iluminada. Seguiu-se-lhe a baixa citadina — a Praça D. Francisco Gomes, como «sala de visitas», alindou-se e iluminou-se à altura da sua importância. Agora, foi a vez da Rua de Santo António, a artéria cosmopolita do burgo, e das suas vizinhas — Ruas da Marinha, Ivens, D. Francisco Gomes, etc. E já se trabalha afinadamente noutra zona, cuja inauguração está prevista para breve, que se engloba magnificamente neste plano. Referimo-nos à Avenida 5 de Outubro (até que enfim!), Avenida de Olivença, Ruas Duarte Pacheco, Manuel de Arriaga e do Ferregial. A obra continua e oxalá prossiga, no ritmo de que a cidade necessita! Esta é mais uma obra que se realiza sob a útil administração do sr. dr. Gordinho Moreira, que continua insuflando à cidade uma onda de progresso, a todos patente.

Muito há ainda a fazer neste capítulo. Negá-lo, seria trair a verdade. Mas o que se tem feito faz-nos acreditar em que a empresa de dotar a cidade com uma rede de iluminação pública à altura da sua importância citadina, será em breve uma realidade!

JOÃO LEAL

A. Vieira Rodrigues IMPORT.-EXPORT.

Exportador do figo selecto do Algarve e da esplêndida pasta — **Marca «CATALINA»** —

Conservas de Peixe

Escritório e Armazém:

Rua Augusto Rosa, 32-34 Teleg. **Amigues** — Telef. **35345**

LISBOA 2

Armazém de frutos:

ARMAÇÃO DE PERA Telefone **44**

vernador civil. E porque me parece um problema feminino, dirijo-me às minhas comprovincianas e aguardo as suas sugestões. **Maria Odete Leonardo da Fonseca**

FARO tem tradições teatrais. É uma verdade que por vezes se cita, a propósito de mais um empreendimento ou de qualquer facto em que se relacione a cidade sulina e a arte de Talma. Várias gerações de amadores, ilustram a vida local e o certo é que, nos últimos tempos se tem trabalhado com afinco neste capítulo da actividade cultural. Recordamos, além da presença de alguns grupos de amadores, o ciclo vicentino que há alguns anos a Escola Técnica de Faro promoveu, o espectáculo que no ano findo apresentaram, o nível e orientação das representações anuais do Liceu e as realizações de certa monta que a Escola do Magistério Primário tem empreendido. Na realidade, o teatro dos estudantes farenses algo tem feito e interessante seria que essa actividade continuasse.

Dos grupos de amadores, dois houve que se destacaram pelas possibilidades evidenciadas, mérito artístico dos seus componentes e valor das suas iniciativas. Referimo-nos ao Grupo de Teatro do Circulo Cultural do Algarve e ao Teatro de Amadores de Faro (TAF), ambos laureados nos concursos de arte dramática do S. N. I.

Hoje, vamos falar precisamente do primeiro destes elencos — o *Grupo de Teatro do Circulo*, que muito tem feito em prol do teatro em Faro, que é de certo modo um orgulho da cidade e nos tem dado dos mais belos momentos cénicos a que o público farenses tem assistido.

Nasceu este grupo do dedicado amor ao teatro da família Coroa — os distintos amadores sr.ª dr.ª Maria Amélia Coroa, seu esposo o sr. dr. Emílio Campos Coroa e sr. eng. José Campos Coroa, os quais uniram em seu redor, um grupo de jovens, entusiastas e animados da melhor boa vontade de aprender e de fazer teatro autêntico, daquele teatro de que verdadeiramente necessitam a bem do espírito e duma maior evolução cultural. E graças à orientação seguida e ao desejo de continuidade — «haver sempre algo para fazer» tem sido um pensamento do grupo, os espectáculos têm-se desdobinado e demonstrado as verdadeiras possibilidades do elenco.

A primeira obra a encenar, foi precisamente a conhecida peça «Quando a verdade mentes», que então mereceu o justo aplauso do público local. Isto aconteceu em 1958 (data de início das actividades cénicas do grupo em referência). Seguiu-se com certa audácia a peça de Calderon de la Barca «O Grande Teatro do Mundo», que consti-

(Conclui na 19.ª página)

Onde se irá jogar basquetebol?

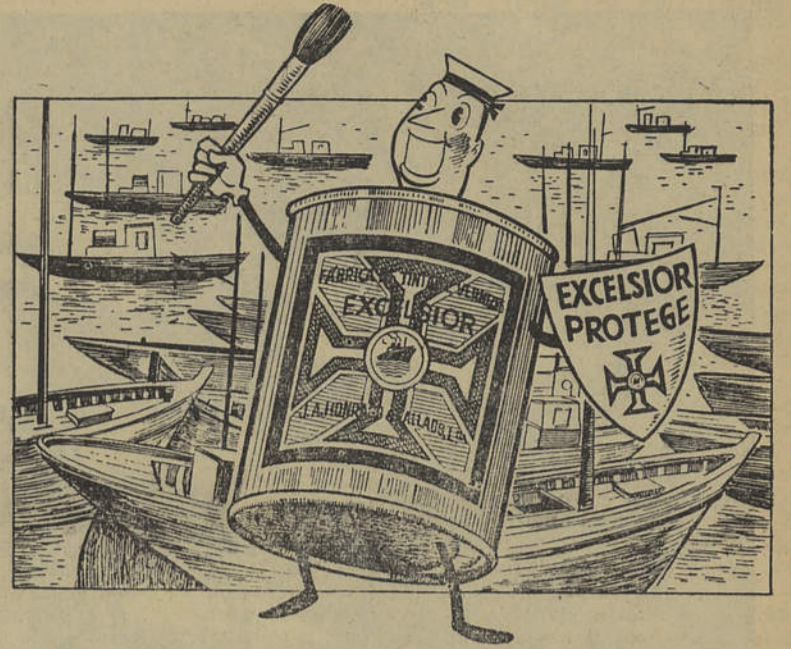
Muita gente o ignora e nós mesmos o desconhecíamos, mas a cruel realidade é que Faro, capital do distrito e da Província, cidade que luta titanicamente por evoluir e engrandecer-se, que ao movimento desportivo, aquela «malta» que gosta da bola, quer jogar com os pés ou com as mãos também deve algo do respeito com que já é olhada «lá fora», apenas tem um único recinto, onde legalmente se pode jogar o basquetebol: o campo do C. F. Os Bonjoanenses já que o parque da Alameda foi considerado incapaz para a prática da modalidade. Corre porém o recinto bonjoanense o risco de desaparecer se considerarmos a tendência para novas construções que se verifica na zona do Bom João e ao que parece a disposição de proprietário em vender o terreno para tal efeito.

Quando existia o Parque Letes, aqui no centro da cidade, ainda se podiam disputar jogos à noite, mas o Letes...

E. V.

EXCELSIOR

o escudo que defende e protege os seus barcos



USE TINTAS EXCELSIOR
J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.
Travessa do Giestal, 4 — LISBOA

O DESPORTO NA CIDADE

Três clubes — Três situações diferentes

FARENSE — no alvorecer de uma nova era?
S. L. FARO — o acordar da águia adormecida
OS BONJOANENSES — o caso de um bairro... «bairrista»

Acompanhando o progresso que, em quase todos os sectores de sua actividade, Faro vem registando, também o desporto caminha para uma projecção sem paralelo no passado.

Façamos uma curta análise do momento actual das três colectividades que servem o desporto farenses.

SPORTING CLUBE FARENSE

Pode muito bem vir a verificar-se esta época o que de há largos anos a esta parte vem sendo o sonho grande do clube e da cidade: a subida à 1.ª Divisão do futebol nacional. Ano após ano, tem o Farense lutado abnegadamente por esse alvo dominante da sua actividade, mas sempre um motivo ou outro, várias vezes a asa do infortúnio, tem adiado esse momento que será para a cidade o repicar festivo de um velho sonho realizado.

Nesta altura (a cinco jornadas do fim) a equipa do clube comanda a classificação da zona Sul do Nacional da 2.ª Divisão, de parreira com o risonho Olhanense, e com escasso avanço sobre o Vitória de Setúbal, seu próximo visitante. Um encontro de onde talvez dependa o êxito ou o fracasso dos seus esforços. Embora mantenha em actividade mais uma secção (a de basquete) o futebol domina por completo neste momento a vida do Farense.

SPORT LISBOA E FARO

Os «encarnados» da capital do Algarve (colectividade que é a filial n.º 1 do Sport Lisboa e Benfica) parecem ter despertado de um longo e apagado período de inércia. E bem verdade que o clube nunca abandonou por completo as práticas desportivas mas em nível quase sempre demasiado modesto, aparte o caso da actividade brilhante da sua secção náutica. De há uns tempos para cá, contudo, começou a notar-se um entusiástico esforço de ressurgimento por parte dos seus dirigentes e apaniguados, que culminou com o regresso do clube à prática do futebol, por enquanto apenas com uma equipa «júnior» que se classificou em 2.º lugar no «Regional», qualificando-se assim, com brilhantismo, para o «Nacional» da categoria.

Esperamos agora que o Sport Lisboa e Faro (aliás, Sport Faro e Benfica, segundo decisão de uma

recente assembleia geral) não esmoreça no seu esforço de valorização.

C. F. OS BONJOANENSES

Avenida acima, rumo ao Liceu, ali à direita, naquele aglomerado que grita modernismo pela esbelteza de linhas das novas construções, situa-se o bairro mais bairrista da cidade, aquele que apesar da heterogeneidade dos seus habitantes, mantém os mais vincados elos que caracterizam uma comunidade.

Ali naquele bairro, no Bom João não podia faltar a pincelada desportiva, a manifestação da juventude, o interesse pela cultura física e assim já lá vão vinte e cinco anos nasceu o Atlético Clube Bonjoanense que seria depois o actual C. F. Os Bonjoanenses ainda quando o bairro não tinha o seu aspecto de hoje e se não encontrava verdadeiramente integrado na cidade.

Com o bairro, paralelamente cresceu o clube; o menino de então deu origem ao homem forte e pujante e Os Bonjoanenses firmaram uma posição vencedora no plano desportivo algarvio. E não é ao futebol que devem o respeito com que são considerados. Não. Os Bonjoanenses é um clube de amadores, onde todos defendem a causa comum com dedicação e sacrifício e foi no basquetebol que alcançaram os êxitos maiores. Algumas vezes campeões do Algarve, quer em seniores quer em categorias inferiores que são as que merecem as maiores atenções dos dirigentes bonjoanenses o clube entusiasta do bairro mais bairrista, também tem os seus problemas, um problema comum a todos os clubes que praticam a modalidade na capital do distrito: o campo de jogos. Temem e com razão os homens de Bom João ser o seu actual recinto sacrificado à «febre construtiva» que avassala Faro. E dizem-nos mesmo há poucos dias na sede da colectividade algumas figuras representativas do clube: Se a Câmara nos cedesse o terreno... o resto era connosco e poder crer que Os Bonjoanenses teriam um esplêndido parque de jogos.

Mas os homens de Bom João confiam. Sabem do interesse das entidades pelos problemas desportivos e nós que os conhecemos, que não ignoramos a sua rija tempera de lutadores e o seu entusiasmo, também confiamos...

Os seus olhos merecem melhor

A sua vista é de um valor incalculável! Ao comprar uns óculos escolha o melhor em lentes e armações

ESCOLHA E COMPRE NA

ÓPTICA RUBI

Agente exclusivo em Vila Real de Santo António das lentes «Bausch & Lomb», «Zeiss Télegic», etc.

Rua Oliveira Martins

Telefone 311

Sede: CASA RUBI — Livraria, Papelaria, Utilidades, Brinquedos, etc.

Rua Sousa Martins, 55-57

Vila Real de Santo António

«RABOR»

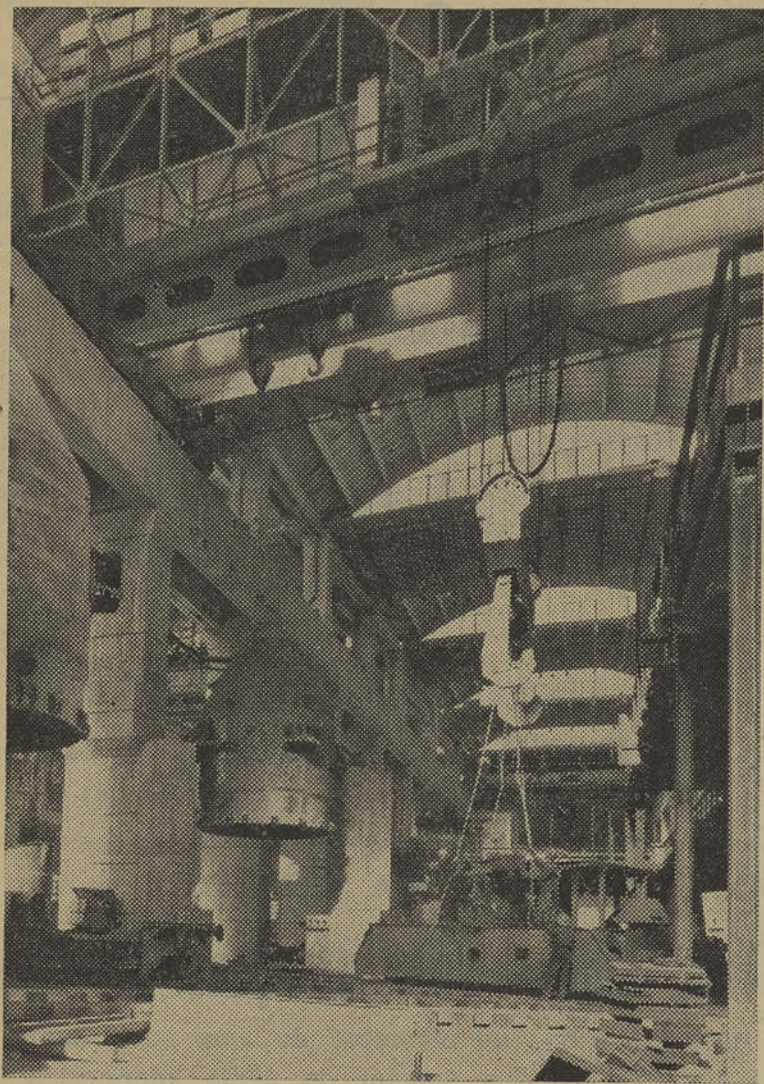
MOTORES ELÉCTRICOS
ELECTRO-BOMBAS
ESMERILADORAS
POLIDORAS
SIRENAS
VENTOÍNHAS DE FORJA

Aparelhagem eléctrica de primeira categoria, fabricada por técnicos distintos em instalações industriais modelares

AGENTES NO ALGARVE:

LUSALGARVE, LDA.
Telefone **354** FARO

As grandes instalações da Siderurgia Nacional



A grande indústria do aço vai começar em breve a laborar em Portugal, desvendando renovadas perspectivas à nossa actividade económica e ao incremento da industrialização. Nesta fotografia representa-se um dos aspectos mais espectaculares do grande empreendimento: a aciaria em fase adiantada de montagem. A gusa, designação técnica do ferro em primeira fundição, que será produzida à base dos minérios de ferro portugueses no alto forno do Seixal, seguirá para a aciaria onde a insuflação de oxigénio puro assegura a purificação do produto pela redução do carbono. Assim será obtido o aço português, em convertidores do tipo LD — que constituem uma das soluções mais modernas e eficientes da indústria siderúrgica. Vê-se nesta imagem um aspecto da montagem do complexo equipamento da aciaria, avultando à esquerda os convertidores e ao centro um transportador do poderoso material fabril destinado às operações de produção do aço. Os convertidores são gigantescos vasos metálicos de forma cilíndrica dentro dos quais é lançada a gusa líquida. Os convertidores instalados pela «Siderurgia Nacional» terão a capacidade de 25 toneladas, elevando-se a cerca de 1.000 toneladas de aço por dia o potencial de produção instalado. A nova indústria, de primacial relevo na marcha da nossa industrialização, iniciará no decurso deste ano as suas actividades produtoras.

Esquema da acção para o fomento da pesca do atum na costa algarvia

pelo dr. A. DE SOUSA PONTES
(consultor técnico do gabinete de Estudos da Pesca)

É com muito prazer que inserimos este trabalho do nosso prezado colaborador e devotado algarvio sr. dr. António de Sousa Pontes, que aos problemas económicos da nossa Província tem dedicado pertinaz e honesto esforço, merecedor da nossa maior simpatia. Vai ele ser presente ao Conselho Superior Regional da Casa do Algarve para que o aprecie e promova um encontro entre práticos e técnicos que troquem pontos de vista tendentes a esclarecer incompreensões suscitadas pelas teorias expostas pelo nosso também prezado colaborador e devotado algarvio, sr. comandante José Salvador Mendes que — a ninguém reste dúvida — deseja, como todos nós, não apenas a salvação das nossas armações mas o revigoramento da sua eficiência, o que equivale a dizer que pretende que essas velhas e simpáticas artes voltem a dar rendimento aos seus empresários, aos pescadores que nelas trabalham e à indústria que labora o seu produto. É uma atitude merecedora de respeito e aplauso.

Não podemos pronunciar-nos sobre as teorias expendidas nem acerca das controvérsias que elas têm provocado porque o nosso desconhecimento em tal matéria é absoluto. O que não impede que nos mostremos partidários de todos aqueles que oferecem teorias originais que no geral são recebidas, com reserva e desconfiança. É bom não esquecer que Galileu e Copérnico foram perseguidos pela Inquisição por discordarem de princípios então assentes e falsos acerca do sistema planetário. O primeiro escapou por um triz de ser reduzido a cinzas num vistoso auto-de-fé. Não queremos incorrer em tal injustiça, obstaculizando quem sugere, de boa fé, teorias que, insulsas para a rotina em que estagnamos, não se mostrem aparentemente práticas na sua execução. Por isso cremos que o melhor meio de se procurar a verdade é estabelecer a discussão e explorar pontos de vista com a total liberdade de cada um emitir os seus pareceres e de se recorrer, em última análise, ao campo experimental para se aclararem dúvidas. A importância do assunto justifica tudo o que se faça para um perfeito esclarecimento. É isso que nós pretendemos e pretendemos todos os que têm a sua vida e os seus interesses ligados à pesca do atum. Ouçamos as partes em desacordo e não condenemos antecipadamente uma delas à purificação por meio de um auto-de-fé que felizmente, nestes atómicos tempos, seria apenas simbólico mas nem por isso menos degradante para o justicado.

e espanhola, o atum de direito atinge a costa sob um ângulo de incidência de 80 graus, ao passo que na costa do Algarve, este ângulo é apenas de 10 graus, ou seja quase tangente à costa.

Daqui resulta que o sistema formado pelo corpo da armação e rabeira, na costa algarvia, tem de ter orientação diferente da orientação existente nas armações das costas dos países vizinhos. Quanto a nós, parecia-nos que este assunto, que envolve problemas de certa transcendência técnica, ganharia em ser discutido no Grémio dos Armadores da Pesca do Atum, entre aquele oficial, os actuais directores e mandadores das armações algarvias e os biólogos e directores das pescarias nacionais, sugestão esta que tem o acordo do referido oficial e do dr. António Miguel Galvão, de Faro, da Companhia de Pescarias do Algarve, conforme carta que me escreveu nesse sentido.

Estão em causa os legítimos interesses do capital accionista algarvio, que pertence a bastantes particulares, que lamentam o estado actual de decadência desta actividade piscatória. E por isso, julgamos que este capital accionista anónimo apoiaria a sugestão apresentada por aquele oficial de marinha algarvio, que se ofereceu até, como é do conhecimento público, para orientar o lançamento de uma pequena armação de atum experimental, feita com material sobran-te das cinco armações algarvias e a assistência técnica e financeira do Grémio dos Armadores da Pesca do Atum, de harmonia, aliás, com o disposto na sua lei orgânica: n.º 3 do art. 5.º do decreto n.º 43.252, de 24/11/1960, que dispõe: «São atribuições e fins deste Grémio, entre outros: Promover, por si ou em colaboração de outros organismos corporativos, o estudo e a adopção de medidas destinadas a melhorar as condições económicas e técnicas da pesca do atum e a fomentar, directa ou indirectamente, o seu desenvolvimento, mediante recursos próprios ou por intermédio de instituições de créditos».

Assim se verificaria se a hipótese do sr. comandante Salvador Mendes estava ou não certa e, em caso afirmativo, ela serviria para alterar o tradicional sistema de lançamento das armações fixas algarvias. Até poderia dar origem ao lançamento de novas armações na costa algarvia, talvez em Sagres, como prevê o estudo teórico do referido oficial.

b) Dentro da orientação desta lei, deveria o capital accionista algarvio, não só o actual, como outro, interessar-se na construção de atuneiros para a pesca do atum à linha, o qual, transportado para as fábricas de conservas algarvias, desse trabalho bem remunerado aos numerosos operários e operárias algarvios.

5 — Indicamos a seguir a pesca mundial de tunídeos em comparação com a que actualmente se pratica no Algarve e nos restantes portos de pesca continentais e insulares, para se ver quanto de atraso e de decadência se vem verificando neste capítulo na nossa Província. É preciso esclarecer que nos tunídeos se englobam as seguintes espécies e similares: atum (incluindo atuarro e cachorreta), albacora, bonito, sarrajão, cavala e sarda. — v. quadro I. Indicamos ainda as actividades piscatórias e conserveiras do Algarve, em comparação com todo o continente, nos triénios de 1950/52 e 1957/59. — v. quadro II e III —, sendo de relevar a capacidade conserveira existente no Algarve e a não utilizada por falta de matéria-prima, que recentemente foi 42% da capacidade de produção total.

Também é de relevar que o Algarve, em relação a todo o continente, dispõe de 50% do número total de operários e outras pessoas ligadas à indústria das conservas.

No quadro IV indicam-se os principais países da pesca dos tunídeos, no triénio de 1957/59, e as suas capturas, em milhares de toneladas; no quadro V indicam-se as grandes pescas nacionais do continente, em comparação com a totalidade das dos tunídeos no Algarve, no mesmo triénio e ainda no quadro VI, a evolução mundial da pesca dos tunídeos nos anos de 1948 e 1953/59, em comparação com igual movimento de pescas no Algarve, discriminando, nesta Província, os tunídeos da cavala e sarda. E, finalmente, indicamos no quadro VII o atum fresco ou conservado pelo frio e pelo sal que importamos do Ultramar e das armações de atum fixas espanholas e marroquinas, no já referido triénio de 1957/59.

Lisboa, 10 de Março de 1961

António de Sousa Pontes

Uma carta do capitão-de-mar-e-guerra José Salvador Mendes

Ex.º sr. dr. António de Sousa Pontes

Mui reconhecido agradeço a oferta do importante trabalho da sua autoria — «A Pobreza e Riqueza do Concelho de Loulé» — em prol da valorização económica do citado concelho e que eu mais uma vez muito apreciei. Bem haja quem assim proceda. Cumpre-me o grato dever de, igualmente, mui reconhecido, agradecer a gentileza e a honra do convite que a Casa do Algarve se dignou dirigir-me por intermédio de v. ex.ª, a fim de nela preferir uma «palestra» sobre a «vida e pesca do atum» e de interesse para as companhias de pescarias concessionárias-arrendatárias dos locais para efeito de lançamento de armações fixas para a pesca do atum, que anualmente exploram, e assim a bem da economia da nossa maravilhosa Província.

Lamento ter de informar v. ex.ª que presentemente não desejo exprimir discussão verbal sobre coisas relativas à vida e pesca do atum. São modos de ver e dos quais não desejo abdicar. Estou porém pronto — e mui gostosamente — a tratá-los apenas por escrito e sem pretensões literárias, para o que nunca tive jeito, mas ainda assim com polidez e sem despeito.

É que alguns cidadãos, lá porque digeriram bem ou mal (não interessa) o que em matéria de ictiologia escreveram certos cientistas estrangeiros, sem que — lamentável é referi-lo — sejam a tal respeito capazes de extrair quaisquer ilacções suas, não admitem que outros cidadãos tenham ideias suas — e só suas — sobre essa matéria, pelo simples facto de eles não

(Conclui na 22.ª página)

MANUEL OLIVEIRA ROSA
DESPACHANTE OFICIAL
Telefones { Residência 223
Escritório 263
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

EMPRESA LITOGRÁFICA DO SUL, LIMITADA
LITOGRAFIA • TIPOGRAFIA • DESENHO • CARTONAGEM
Telegramas: GRÁFICA SUL
Telefone 161 Apartado 28
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

BAMBINA
LÃS PARA TRICOT
FIOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS
Representantes dos fios BRIGITTE e FLAMINE, TWEED, SHETLAND, MOHAIR, SPORT, AUSTRÁLIA, BOUCLET, CHARMELAIN, etc.
— FIO INDUSTRIAL —
PREÇOS DE FÁBRICA
ENVIAM-SE AMOSTRAS E LÃS À COBRANÇA
Avenida Duque de Ávila, 65, r/c
(Junto ao Cinema Aviz)

1 — Estado decadente desta modalidade piscatória no Algarve, através das seculares armações fixas, que já prestaram grande auxílio financeiro ao País, no tempo do Infante D. Henrique, porque foi em parte com o seu rendimento, administrado pela Ordem de Cristo, então com sede em Tomar (a), que o Infante armou as caravelas para as Descobertas. Então o Infante usava receber o terço da pesca desembarcada.

2 — Mais tarde, as armações decaíram, pertencendo ainda ao Estado. Nem a acção administrativa do conde de Castelo Melhor e do conde da Ericeira, nem a de outros estadistas conseguiram tirar delas os rendimentos que já tinham dado em tempos antigos.

3 — Coube ao marquês de Pombal tomar a iniciativa e o comando de uma operação de que havia de resultar o ressurgimento desta tradicional pesca algarvia. Para tanto, reformou a estrutura técnica e financeira que presidia a esta actividade, dotando-a dos meios económicos necessários. Diminuiu impostos que quase a asfixiavam, deu-lhe conhecimentos técnicos actualizados, ao criar a Companhia das Pescarias Reais do Algarve e nomeou seus administradores gente de fora do Algarve, que ele sabia possuir as qualidades de saber, de energia e de comando que o caracterizavam como grande estadista. Na verdade, o seu parente de Pedrógão Grande, José Coelho de Carvalho, que constituiu família, com descendência, no Algarve, foi quem deu notável impulso às pescarias do atum, mesmo depois do abandono do governo e da morte do marquês.

Se repararmos bem, vemos o tempo demonstrar que a decadência da energia das grandes famílias, arrasta para o ocaso empresas que foram outrora prósperas.

No entanto, a obra do marquês de Pombal, estadista esclarecido e uma das mais discutidas figuras políticas do seu tempo, há-de perdurar pelos tempos fora, no Algarve, através da actividade económica de Vila Real de Santo António. Esta vila, de traça pombalina idêntica à da Baixa de Lisboa, foi construída em seis meses, e constitui hoje o concelho mais rico do Algarve, sob o ponto de vista económico, pois apresenta uma densidade de população de 232 habitan-

QUADRO N.º 1
Pesca de tunídeos (atum, incluindo atuarro e cachorreta, albacora, bonito, sarrajão, cavala e sarda)
(Em toneladas)

DISCRIMINAÇÃO	1957	1958	1959
<i>Tunídeos descarregados nos portos portugueses do Continente e Ilhas (a)</i>			
Norte e Centro do Continente . . .	16.912	8.007	1.682
Algarve	1.556	1.904	1.186
Açores	5.511	3.225	6.075
Madeira	2.746	1.256	1.946
Totais	26.705	14.372	10.889
Capturas mundiais de tunídeos (b) . .	1.850.000	1.920.000	1.900.000
Percentagem da pesca portuguesa no total mundial	1,46	0,75	0,57
Percentagem da pesca algarvia no total mundial	0,08	0,10	0,06
Percentagem da pesca algarvia no total português	8,59	15,25	10,89

ORIGEM:
(a) — Estatística das Pescas Marítimas
(b) — Year Book of Fishery Statistics — FAO

QUADRO N.º 2
Actividades piscatórias e conserveiras do Algarve, em comparação com as de todo o Continente, no triénio de 1950/52

Regiões	População existente (a)	Pesca (b)				Conservas (b)					
		Pescadores matriculados	Tonela-gem da sardinha para conserva	Totalidade do peixe	Unidades industriais em laboração	Tonela-gem líquida conservada	Pessoal empregado	Capacidade de produção total (c)	Capacidade não utilizada		
Em todo o continente . . .	7.924.090	35.584	54.010	239.970	970.376	177	33.688	22.535	17.325	104.367	70.679.69
No Algarve	526.805	7.251	11.178	36.384	135.825	75	15.995	10.076	6.796	40.960	24.965.61
Relação entre as duas regiões, em percentagem.	4,1%	20,3%	52,9%	15,2%	14%	41,2%	47,5%	44,7%	39,2%	39,2%	35,3%

(a) — Números obtidos por extrapolação linear, a partir do aumento anual de 1940/50.
(b) — Estatística Industrial do Instituto Nacional de Estatística.
(c) — Compreende, além das unidades de conservas em azeite e molhos, as das outras modalidades. Porém, a capacidade de produção total é apenas referida à da conserva em azeite e molhos.

UMA PÁGINA INÉDITA DA HISTÓRIA ÁRABE DO ALGARVE

A REVOLTA DE TAVIRA CONTRA OS ALMOÁDAS

(Conclusão da 1.ª página)

Huici Miranda, que publicou a tradução dos novos textos, não só na sua «História política del Império Almohade», de 1956 (Tetuão) mas também num artigo vindo a lume em 1959, no fascículo XXIV de «Al-Andalus», a famosa revista da Escola de Estudos Árabes de Madrid e Granada. Nestes trabalhos me baseio para as notas que se seguem.

Os almóadas ocupam o Garbe Andaluz

Como todos sabem, entre o período dos almorávidas e dos almóadas, revoltou-se, em Mértola, contra os almorávidas, Ibn Caci de Silves, chefe dos almuridas que foi secundado por Ibn Almundir em Silves e por Sidra Ibn Wazir em Évora.

Depois de um triunfo brilhante mas passageiro, Ibn Caci, perseguido por alguns dos seus antigos partidários, fugiu para África onde se encontrou com Abd Al-Mu'men, o califa almóada, e lhe propôs a invasão do Andaluz pelos africanos. Algum tempo depois essa invasão foi levada a efeito. Barraz entrou no Andaluz à frente de um poderoso exército almóada de se encontrou com Abd Al-Mu'men no qual também vinha Ibn Caci. Este, com um grupo de adeptos e abnegados, reconquistou a sua cidade de Silves e cooperou com os almóadas para o domínio do Garbe. Perante o avanço almóada, Ibn Wazir que tinha sido o principal inimigo de Ibn Caci, cedeu, submeteu-se aos almóadas em Évora e acabou por se pôr ao serviço dos africanos.

De Évora, os almóadas, depois de terem invernado em Mértola, já também reconquistada, foram sobre Sevilha que conquistaram. Ai se distinguiram pelas suas tropelias dois irmãos do Mahdi Ibn Caci, Abd Al-Aziz e Issá, que acabariam por ser expulsos da cidade.

Em 1151, quando o domínio do Andaluz estava mais ou menos assegurado para os almóadas, Abd Al-Mu'men ordenou que todos os chefes do Andaluz fossem a Salé onde lhe deviam prestar homenagem. Todos foram. Entre eles figuram Ibn Wazir de Évora e um tal Al-Wuhaybi que, então, pela primeira vez aparece como senhor de Tavira. Todos menos um: Ibn Caci, senhor de Silves que já antes se revoltara contra os almóadas e proclamara a sua independência e que nessa altura se aliou com Afonso Henriques, senhor de Coimbra, que recentemente conquistara Santarém, Lisboa e Almada.

Sabemos como foi infeliz Ibn Caci na revolta, pois que acabou por ser morto à traição pelo seu antigo aliado Ibn Almundir que tomou conta do governo de Silves. O governo de Silves passaria, pouco tempo depois, para Ibn Wazir de regresso de África, o qual dominou, a partir de então, todo o território do Sul do Tejo até à costa meridional do Algarve.

Revolta de Al-Wuhaybi, em Tavira

Neste mesmo ano de 1151, sabemos porém que começou em Tavira, a revolta de Al-Wuhaybi contra os almóadas. Há portanto que inferir que Al-Wuhaybi, que prestara homenagem a Abd Al-Mu'men, ao regressar ao Algarve, encontrou qualquer coisa com que não concordou. Qual? A morte à traição de Ibn Caci? O predomínio crescente de Ibn Wazir sobre o Sul? Não sabemos. Mas algo, sem dúvida, devia ter provocado reviravolta tão rápida do senhor de Tavira. Quem era porém este revoltado senhor de Tavira?

Ibn Sâhib As-Salâ, o notável historiador de Beja, chamou-lhe Abd Allah Ibn Ubaid Allah; Ibn Idhari Al-Marracuxi chama-lhe Ah Al-Wuhaybi; Ibn Khalidun Muhib e Amil Ibn Munin e Ibn Al-Khâtib, o célebre historiador granadino do século XIV, Al-Wuhibi.

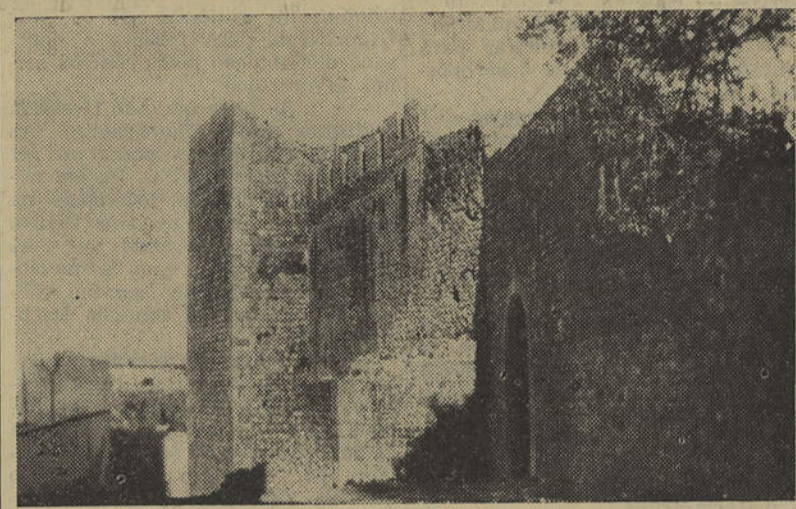
Trata-se, em nosso entender, como no de Huici Miranda, sempre da mesma pessoa cujo nome aparece por vezes alterado, devido sobretudo a erros caligráficos. O historiador mais digno de crédito para a fixação do nome parece-nos ser Ibn Sâhib As-Salâ pois foi contemporâneo dos acontecimentos e eles deram-se numa região bem próxima da sua. No entanto, a persistência de termos como Al-Wuhaybi, Al-Wuhibi, Munib e Munin, leva-nos a pensar que a expressão Al-Wuhaybi (de que Al-Wuhibi, Munib e Munin seriam deformações) tem a sua razão de ser. Al-Wuhaybi seria um título ou um patronímico ligado ao nome autêntico dado por Ibn Sâhib As-Salâ. Assim, o revoltoso de Tavira devia chamar-se Abd Allah Ibn Ubaid Allah Al-Wuhaybi.

Qual o sentido da revolta de Tavira? Pretenderia Al-Wuhaybi continuar a revolta de Ibn Caci de Silves? Ou seria apenas um aventureiro, desejoso de poder e que para esse efeito se haveria aliado com Taxufim Al-Lamtuni que pela mesma altura se proclamara senhor

independente de Mértola que lhe havia sido dada antes por Ibn Caci? Não o sabemos, que o mesmo é dizer, desconhecemos por completo as razões que moveram Al-Wuhaybi a revoltar-se em Tavira contra os almóadas, isto no mesmo ano em que havia reconhecido em Salé a soberania de Abd Al-Mu'men, o califa almóada.

O ataque a Niebla por Al-Wuhaybi

Ora sucedeu que em 1154 (três anos depois do início da rebelião de Al-Wuhaybi), Abd Al-Mu'men, tendo conseguido dominar muitos dos seus inimigos de África, se dispôs a vir à Península Ibérica para fazer face aos progressos dos reis



A entrada para o castelo de Tavira

crístãos que entretanto se haviam apoderado de numerosas praças muçulmanas. Afonso Henriques tomara conta de Santarém, Lisboa, e Almada; Afonso Raimundo, de Castela, seu primo, conquistara Almeria e Raimundo Beranguer IV, conde de Barcelona, tomara Tortosa, Lérida e Fraga.

Por essa mesma altura, Sidra Ibn Wazir, senhor de Évora, Beja e Silves, tornou a África a falar com o califa. Felicitou-o pelas suas vitórias contra os rebeldes africanos e pediu o seu auxílio contra os portugueses de Afonso Henriques que ameaçavam as praças de Évora e Beja. Atendendo aos seus pedidos, Abd Al-Mu'men deu-lhe os reforços solicitados e escreveu pessoalmente aos comandantes de Évora e Beja para que se mantivessem numa defesa intransigente contra os portugueses, pois ele lhes enviaria todos os reforços necessários.

Nesse mesmo ano de 1154, Al-Wuhaybi que se havia proclamado independente em Tavira, desejando, sem dúvida, tornar mais extenso o seu novo principado, atacou a cidade de Niebla, no Rio Tinto, e tomou-a por surpresa. Os almóadas que a possuíam refugiaram-se na alcáçova, onde continuaram a defender-se. Pouco depois, Abu Zakaria Yahya Ibn Ingmur, governador de Córdoba e de Sevilha, pelos almóadas, correu em socorro de Niebla. Parte das suas tropas entraram na alcáçova, reforçando a guarnição almóada e a outra parte retomou a cidade. Al-Wuhaybi teve de fugir, de noite, para escapar ao morticínio e voltou para a sua cidade de Tavira. O governador Ibn Ingmur procedeu, então, com a maior violência contra a população que se havia submetido a Al-Wuhaybi, violência que lhe havia de custar, pouco depois, a destituição.

Tomada de Trancoso pelo governador de Sevilha, e Beja por D. Afonso Henriques

Em 1155 Abd Al-Mu'men nomeou para governador de Córdoba Abu Zaid Abd Ar-Rahman Ben Igit e para governador de Sevilha Abd Allah ben Abi Hafis ben Ali, filho de Abu Hafis Omar ben Ali. Supomos que era irmão deste Abd Allah Ibn Abi Hafis ben Ali aquele Issá Ibn Abi Hafis ben Ali que em

E o que diz a isso a Direcção-Geral dos Serviços Florestais?

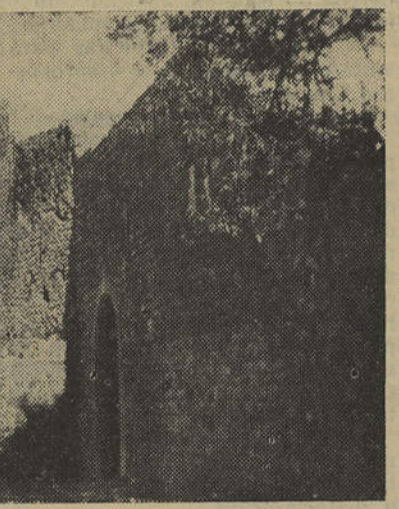
(Conclusão da 1.ª página)

caso gravíssimo, dado que a mata serviu e serve para a consolidação das areias outrora movediças e constitui hoje uma extensa mancha verde de inegável valor e aproveitamento turístico.

Em face da gravidade do caso, chamamos a atenção do sr. eng. Mendes Frázão, director-geral dos Serviços Florestais, certos de que, mesmo com sacrifício, ordenará as medidas imediatas para defender a linda e útil mancha de pinhal que tanto valoriza a zona litoral do concelho de Vila Real de Santo António.

1189 perderia Silves quando do ataque de D. Sancho I e dos Cruzados. Ben Igit, governador de Córdoba, fez, então, uma campanha vitoriosa contra os castelhanos; Abd Allah Ibn Hafis ben Ali, governador de Sevilha, quis imitá-lo e atacou e tomou Trancoso. Por essa altura, ano de 1155, segundo a «Crónica dos Reis de Portugal», D. Afonso Henriques tomou Beja.

Huici pôe em dúvida esta tomada mas nós admitimo-la perfeitamente, porque se trata de uma zona de há muito ameaçada e em que as operações eram fáceis pois Mértola e Tavira se encontravam revoltadas contra os almóadas. Quem sabe, até, se no ataque a Beja, D. Afonso Henriques não teria tido o apoio dos senhores de Mértola e Tavira, de certo modo continuado-



A entrada para o castelo de Tavira

Tavira cercada por Yussuf, príncipe herdeiro do califa almóada

No ano seguinte, 1156, foi nomeado governador de Sevilha nada menos do que o príncipe herdeiro dos almóadas, o Saiyid Yussuf, filho de Abd Al-Mu'men. Em virtude da sua pouca idade, seu pai deu-lhe como conselheiro Ibn Atiya, velho general e político de grande envergadura.

Yussuf pôde, então, dedicar-se, durante algum tempo, em Sevilha, a estudos literários, históricos e filosóficos. Mas em breve era retirado desses estudos pelos deveres da guerra. Al-Wuhaybi, em Tavira, continuava revoltado e estava causando grandes estragos, pois mantinha, no mar, uma esquadra dirigida por aventureiros e piratas que atacavam constantemente, não só os navios no alto mar, mas até as costas do Andaluz e de Marrocos, espalhando a inquietação por toda a parte. Era preciso meter na ordem o velho rebelde e dar-lhe uma lição mestra.

Ibn Atiya preparou então uma expedição que se dirigiu sobre Tavira, à frente da qual ia o Saiyid Yussuf mas o seu verdadeiro comandante era Ibn Atiya. Este estabeleceu o cerco a Tavira em 13 de Fevereiro desse ano de 1157 e manteve-o enérgicamente.

No seu castelo e na sua alcáçova (cujas torres e panos de muralha são ainda hoje testemunho dessa luta) Al-Wuhaybi defendeu-se com a coragem do desespero, e foi resistindo sempre.

Passou-se o primeiro mês e ia cumprir-se o segundo de luta quando Ibn Atiya teve graves notícias de Marrocos. Diziam-lhe que estava a ser acusado de alta traição junto do califa.

Com o desejo de concluir a campanha de Almeria e de se apresentar o mais depressa possível em Marrocos para desfazer atoardas mentirosas, Ibn Atiya procurou entrar em negociações com Al-Wuhaybi. Este, esgotado pela dureza e duração do cerco, teve também que transigir um pouco.

Chegou-se a um acordo pelo qual Al-Wuhaybi reconheceria a autoridade do califa almóada mas este teria que concordar em que ele ficasse à frente do governo de Tavira. Feito o acordo e resolvida, pelo menos aparentemente, a questão, Ibn Atiya levantou o cerco de Tavira em 11 de Abril de 1157. Havia durado quase dois meses.

No mês seguinte, Junho, Taxufim Al-Lamtuni que se encontrava revoltado em Mértola, submeteu-se também aos almóadas, mediante certas garantias.

Os novos governadores do Garbe Extremo e a derrota dos muçulmanos em Yagubula

Por esta altura e por motivos que ainda desconhecemos, Sidra Ibn Wazir perdeu o domínio das suas cidades de Évora, Beja e Silves, no Garbe Extremo. Foi nomeado para governador de Silves e de todo o Garbe, Yacub ben Yanun Al-Khazraj. Mas não se manteve este por muito tempo à frente de Silves, pois logo no ano seguinte, 1158, se encontrava como governa-

dor de Silves, Beja e Évora, Maymun Ibn Hamdun.

Quem era este Maymun Ibn Hamdun? Se não estamos em erro, o vizir de Yahya ben Abd Al-Aziz, senhor de Bugia, o qual, como seu parente, Abu Mohamede Maymun ben Ali ben Hamdun, que se passou para os almóadas, veio a gozar de uma protecção especial de Abd Al-Mu'men.

Os Maymuns, grandes almirantes e senhores do mar, nas duas costas do Andaluz, a mediterrânica e a atlântica, vieram a dispor de importantes funções em Cádiis e Faro.

Sucedeu, porém, que em 1158, os castelhanos atacaram a região de Garbe. Compareceram, entre muitos outros, Abu'l Gamr Ibn Azzun, senhor de Xeres e Ronda; Ali Ibn Hajjam, senhor de Badajoz; Maymun Ibn Hamdun, senhor de Silves e do Garbe e Sidra Ibn Wazir que se encontrava ao serviço dos almóadas, apesar de ter sido privado dos seus estados. (Supõe-se que Ibn Wazir neste tempo entrara ao serviço da corte de Yussuf).

A batalha principal travou-se em torno do castelo de Zagabula ou Za'abuqa. Foi uma tremenda derrota para os muçulmanos. Morreram ali, pela fé muçulmana, Ibn Azzun, Ibn Al-Hajjam, Maymun Ibn Hamdun, além de muitos outros. Ibn Wazir escapou porque um seu parente, à última hora, lhe deu um cavalo para fugir. O próprio Saiyid Yussuf esteve em perigo de morte e salvou-se quase por milagre.

Segundo cerco de Tavira pelo Saiyid Yussuf

Entre os que acorreram ao apelo de Yussuf para a batalha de Zagabula não figuram nem Al-Wuhaybi, de Tavira, nem Taxufim Al-Lamtuni, de Mértola. Ter-se-iam eles afastado precisamente nessa altura?

O que sabemos é que o Saiyid Yussuf fez, muito naturalmente por essa época, um segundo cerco a Tavira. Al-Wuhaybi que havia chegado a um acordo quase que apenas simbólico, pouco tempo depois estava de novo em revolta declarada. O Saiyid Yussuf cercou-na sua cidade de Tavira, mas, como da primeira vez, sem qualquer êxito.

Submissão definitiva de Wuhaybi e reentrada de Tavira no domínio almóada

Os anos passavam e Al-Wuhaybi continuava revoltado em Tavira, afirmando sempre a sua independência. Esta situação tinha de ser modificada pois tornava-se escandalosa.

Em 1167, sendo já califa Yussuf, I, e governador de Sevilha seu irmão o Saiyid Ismail, os almóadas acabaram, finalmente, com a revolta de Abd Allah Ibn Ubayd Al-Wuhaybi que em Tavira se mantinha independente desde 1151.

Um exército almóada instalou-se em Castalla — Caecla — e dispôs o cerco de Tavira por terra. Ao mesmo tempo, uma esquadra bloqueou a cidade por mar.

Al-Wuhaybi, velho, cansado e sem aliados poderosos, não teve outro remédio senão render-se. O seu nome apagou-se para sempre. Tavira voltou ao domínio dos almóadas de que se afastara durante 16 anos, devido à aventura de Al-Wuhaybi.

Zakariya Ibn Yahya Sinan governador almóada de Tavira

Dois anos depois da tomada de Tavira pelos almóadas, em 1169, foi escolhido para seu governador Zakariya Ibn Yahya Ibn Sinan, filho de Yahya Ibn Sinan um dos cinquenta xeques que acompanhavam sempre o mahdi dos almóadas Ibn Tumarta.

Zakariya desde jovem tornou-se célebre pela ilustração. Dizia-se que sabia a «Al-Muwatta» de Málique toda de cor e que a comentava nas sessões teológicas a que presidia o califa Abd Al-Mu'men. Viera a primeira vez para o Andaluz, no ano de 1166 como vizir do novo governador de Sevilha Abu Abd Allah Ibn Isma'il Al-Khazraj. Foi a África nos princípios do ano de 1169 e voltou nos fins desse ano com os saiyides governadores de Córdoba e Sevilha, já então nomeado governador de Tavira, cidade para onde se dirigiu e cujo governo exerceu.

Não viria porém a ser muito feliz este Zakariya Ibn Yahya Ibn Sinan. Com efeito sabe-se que em 1191, quando das devastadoras campanhas de Yacub Almansor contra Torres Novas e Tomar para vingar a tomada de Silves por D. Sancho I (1189), ele se portou covardemente. Yacub Almansor ordenou que fosse preso e toda a sua fortuna confiscada. Verificara-se que na batalha de Tomar contra as tropas do Templo, fora o primeiro a fugir, descera do cavalo, escondera-se numa cova e tapara a sua entrada com ramos de árvores. Não foi o único chefe almóada que então se portou mal e se deixou vencer pelo medo, mas foi considerado como o mais responsável por ter sido o primeiro a iniciar a fuga perante o inimigo português e daí o ter sofrido um castigo severo.

José D. Garcia Domingues

(Fotos do mesmo autor)

Ensino no Algarve

Técnico

A seu pedido foi exonerado do cargo de professor efectivo do 3.º grupo da Escola Industrial e Comercial de Faro, o sr. eng. Hernâni Ernesto Aguiar Seabra da Cruz.

Primário

Por 3.ª diuturnidade, foi concedido aumento de vencimento às sr.ªs D. Laura dos Santos Ribeiro e D. Maria Adeline Xavier, respectivamente professoras das escolas masculina de Pargal (Lagos) e feminina da sede do concelho de Olhão.

Foram extintos os postos mistos de Ferragudo (Lagos), Fuseta (Olhão), Armazém de Pera (Silves), feminino de Algos (Silves) e a escola mista de S. Marcos da Serra (Silves).

A sr.ª D. Maria Adelaide Soares foi transferida do posto escolar de Furnazinhas (Castro Marim) para o de Lutão (Alcoutim).

A sr.ª D. Maria Isabel Pato Nunes foi nomeada regente do curso masculino de educação de adultos de Vila Nova de Cacela (Vila Real de Santo António).

Foram aprovados os estatutos da cantina escolar Comandante Henrique Tenreiro da sede do concelho de Olhão.

Foi nomeada regente do posto escolar de Santa Marta (Alcoutim), a sr.ª D. Benvidina Maria Bento.

A sr.ª D. Maria do Carmo Vicente Pinto, professora do quadro de agregados, foi autorizada a contrair matrimónio com o sr. Fernando da Conceição Elias.

A seu pedido, foi exonerada do lugar de regente do posto escolar de Chinicato (Lagos), a sr.ª D. Maria Augusta Amores.

Foi convertida em mista a escola feminina de Vale Carro (Albufeira) e extintos os postos escolares mistos de Marmeleira, Nave (Monchique) e Livramento (Tavira).

D'AQUI, RIO ARADE...

E o Liceu de Portimão?

O Emissor Regional deu a notícia em primeira mão e o nosso colega «Correio do Sul» confirmou-a, depois: — Faro vai ter um novo liceu, um liceu feminino.

Alegrou-se o cronista, por duas razões, a saber: — primeira, por se dar inteira solução a uma necessidade de que carecia a capital da Província, tão premente, que as panaceias arranjadas não conseguiram remediar e, segunda, porque, possível e finalmente, irá restituir-se ao primitivo e actual liceu o seu nome de baptismo: «João de Deus». Alegrem-se, pois, também, todos os antigos alunos daquele estabelecimento de ensino, por se lhes dar inteira satisfação aos anseios expressados pelos mais variados meios, escritos e falados — o nome do grande poeta voltará para o frontispício da nossa escola secundária, e digo «nossa», porque por lá também andámos «meninos e moços», num tempo que a vida vai levando de nós sempre para mais longe. Manhãs de Abril da nossa juventude, como ides ficando para trás, cada vez mais distantes na penumbra rósea da mocidade que passou!

Desculpai... mas o rabiscador destas linhas, ser humano como é, também tem direito à evocação daquelas horas que ninguém no Mundo lhe restituirá.

Bem, passados estes minutos de saudade, ficou-nos a bailar na mente a seguinte pergunta: — Para quando, o liceu de Portimão? Sim, para quando?

Nós não invejamos a justiça que se fez à cidade de Faro; nós apenas pedimos para que nesta capital do barlavento seja construído um edifício próprio, com os requisitos modernos e indispensáveis à boa administração das matérias que constituem o curso liceal.

O edifício existente é exíguo e inadequado ao fim para que foi aproveitado numa altura em que a população escolar era quase diminuta, e sóouvamos a muita dedicação de quem tem de administrar saber aos cérebros jovens que o povoam. Porque só com muito amor ao trabalho se pode ali exercer a mais belas das missões: — ensinar.

Se o local para a implantação do imóvel já foi escolhido, por que se espera, para que se comecem a abrir as fundações do edifício?

A continuarmos assim, em cada ano que passa, mais se aumenta a fogueira do desespero com as achas da demora.

Entretanto, a pergunta aqui fica: — Para quando, a construção do novo liceu de Portimão?

MARIO LEPPPO



FILETES DE ANCHOVAS AREMANY-OS GATOS

satisfaz gostosamente o mais exigente paladar

COM AS SUAS MARCAS REGISTRADAS

Arménio Cardoso & Filhos, L. da FÁBRICA DE CONSERVAS

IMPORT. E EXPORT.

Telegramas: ARCAFIL Telef. { Fábrica 119 Partic. 102, 174 e 255

Vila Real de Santo António — Portugal

ADUBOS

SUPERFOSFATOS 15%, 18% e 42% — em pó e granulados
SUPERDRINE — adubo insecticida
SUPERBOR — adubo fosfatado com boro
SULFATO DE AMÓNIO — do Amoniaco Português
NITROCALCIAMON CONCENTRADO — com 26% de azote (metade amoniacal e metade nítrico), contendo cal — em sacos de 100 ou de 50 quilos
NITROCALCIAMON — com 20,5% de azote (metade nítrico e metade amoniacal) contendo cal
SULFONITRATO DE AMÓNIO «COBELAZ» — com 26% de azote (7% nítrico e 19% amoniacal)
NITRATO DE CAL — com 15,5% de azote nítrico
CIANAMIDA CÁLCICA — SULFATO DE POTÁSSIO E CLORETO DE POTÁSSIO
ADUBOS QUÍMICOS MISTOS — em pó e granulados
ADUBOS MISTOS CONCENTRADOS
ADUBOS MISTOS INSECTICIDAS

★★

DEPÓSITOS E REVENDEDORES NO PAÍS ILHAS E ULTRAMAR

S. A. P. E. C.

Grandes fábricas em Setúbal

LISBOA R. Vitor Cordon, 19-1.º ALGARVE Agência em FARO Largo de Camões, 10 Telef. 253



AUTOMÓVEIS

Compra, vende e troca. Pneus novos e usados. Visite sempre que vá a Lisboa ANICA & RAMIRO FILIPE, Rua D. Filipa de Vilhena, 14-B, Telef. 761645 (junto à Casa da Moeda).

Para quando a Escola Técnica de Olhão?

(Conclusão da 1.ª página)

lacional, parece-nos não poder classificar-se de impertinência, e essa convicção nos leva a entrar em novas considerações sobre o problema da preparação técnica dos olhanenses.

Não faltam já muitos dias para perfazer um ano que tivemos a alegria de sófregamente devorar no *Jornal do Algarve* a leitura da entrevista que o então presidente da Câmara Municipal, sr. Lourenço Baptista Lopes de Mendonça concedeu a este jornal, e que nos esclarecia que finalmente ia ser um facto a Escola Técnica de Olhão que «provavelmente entrará em funcionamento em Janeiro do próximo ano», isto é, em Janeiro de 1961.

Se bem que a notícia nos surpreendesse por antever para uma data breve a abertura da escola cuja construção ainda não começara, não rejeitámos a ideia que nos sobreveio, do ensino técnico ser ministrado provisoriamente noutro edifício, até que o novo, passados anos, se apresentasse pronto a desempenhar a sua relevante função. Certo porém é que apesar da atenção que o assunto tem merecido das entidades competentes, parece-nos ainda estar longe o dia em que possamos gozar a satisfação de ver a concretização deste legítimo anseio da laboriosa população de Olhão.

Como a solução do problema reside, ao que nos parece, na dificuldade de instalação em edifício que reúna as condições mínimas que um estabelecimento de ensino exige, atrevemo-nos a sugerir o funcionamento dum ciclo preparatório no edifício escolar que o Ministério da Educação mandou construir em Olhão, e que está na fase de acabamentos, visto este dispor de oito amplas salas que podem alojar cerca de 300 alunos, deixando ainda espaço para secretaria e arquivo. Esta alternativa seria apreciada pela população como uma prova do alto interesse que o Município põe na resolução deste magno problema, sendo superfluo acrescentar que o facto se revestiria da maior importância sob todos os aspectos, particularmente sob o ponto de vista do futuro da terra e vitalidade da sua gente.

O edifício em apreço destina-se a receber os alunos que actualmente, devido à grande massa escolar, estudam em duas escolas que funcionam em regime de desdobramento. É claro que este regime de emergência força à adopção de horários diferentes dos normais, pois enquanto com estes as crianças entram às 9 e saem às 15 horas, com 1,15 horas para almoço, naqueles entra o 1.º turno às 9, saindo às 12,35 e o 2.º turno às 13,15 com saída às 16,50. Não se notam grandes inconvenientes neste regime escolar em Olhão, pois que outras escolas teriam que prosseguir ainda naquele regime. Parece-nos por outro lado que não é só em Olhão que semelhante regime vigora, pelo

que esse por menor não deve assumir inconvenientes de maior.

Se a afluência de candidatos ao ciclo preparatório da escola fosse tão grande que se não comportasse na lotação do edifício, surgiria outro problema, mas que o mero bom-senso resolveria. Adoptar-se-ia o critério da melhor classificação no exame de admissão, no da situação económica dos interessados, ou no das duas modalidades simultaneamente. Ao fim dos dois anos do ciclo, se já pudesse funcionar uma parte do edifício próprio a construir, para ali transitaríamos os alunos destinados aos cursos de formação. Se na altura o edifício não pudesse ser ainda utilizado, teriam então os alunos que sacrificar-se ainda à deslocação a Faro.

Os números parece fundamentarem bem a questão, pois que em 1960 foram matriculadas no concelho de Olhão na instrução primária, 3.000 crianças, e os saídos com a 4.ª classe no mesmo ano totalizaram 460. A maioria destes não têm possibilidade de frequentar a Escola Técnica de Faro, mas frequentariam certamente a de Olhão, porque isso exigiria menor dispêndio. Não frequentando mais a escola e até que os rapazes pudessem ingressar numa oficina, escritório ou outra lida, consumir-se-iam pelo menos quatro anos de vida livre, sujeita aos maiores prejuízos para a formação desses jovens. Quantos destes se desviariam para maus caminhos? Talvez seja bem pensosa a resposta!

Olhão é a terra algarvia de maior população escolar e com mais escolas primárias: 63 salas de aula, em 24 edifícios, regidas por 80 agentes de ensino. Concluímos que a solução proposta não traria prejuízos, mas sim incalculáveis benefícios, porquanto, imediatamente começariam a preparar-se rapazes para um futuro melhor, o que moralizaria em grau elevado os pais de fracos recursos que viam seus filhos encaminhar-se para uma instrução que antes lhes não podiam dar e que os valorizaria para a vida.

Julgamos, pois, do maior interesse que se abrevie o funcionamento da Escola Técnica de Olhão, visto, além de outras razões, ser flagrante a inferiorização deste importante centro industrial, em relação a Lagos, Silves, Loulé, Portimão, Vila Real de Santo António, Tavira e Faro. Evidentemente que aplaudimos com sinceridade a criação recente das escolas de Vila Real de Santo António e de Tavira, terras importantes e bastante afastadas de Faro. Mas porque é Olhão a terra mais importante que resta satisfazer, ousamos pedir os sacrifícios a que essa satisfação obriga.

Manuel Domingos Terramoto

BRINDES ÚTEIS dá a FARINHA 33
Vende-se em toda a parte

FELIZMENTE VEIO A CHUVA!

Depois de um longo período de seca que prejudicou gravemente as culturas e fez temer a perda total destas, o que agravaria a situação pouco tranquilizadora da agricultura algarvia, veio, finalmente, a tão desejada chuva. Uma depressão centrada a sudoeste do cabo de S. Vicente e que já provocara também chuva na ilha da Madeira, ocasionou precipitações torrenciais na nossa Província, acompanhadas de pavoroso ruído trovejante e de raios e coriscos.

O povo, que nunca viu com bons olhos o mal-afamado Março, mês em que no geral são vulgares os caprichos atmosféricos, chuvas, ventos e trovoadas, ficou radiante com os salvadores aguaceiros. Vamos lá a ver se comeremos os griseus mais baratos!

MERCEARIA FREIRE

Completo sortido de mercearias e pastelaria

Rua Cândido dos Reis, 37 a 40

LAGOS

Manuel de Sousa FUSETA

IMPORTADOR E EXPORTADOR

DE PEIXE E POLVOS

Telefone 12 - Apartado 1

Salão «Eleone»

Armação de Pera

Abriu nesta localidade uma casa de **Cabeleireiro de Senhoras**, propriedade de **Eleone dos Santos Gonçalves**, diplomada, dispondo da mais moderna aparelhagem alemã para permanentes a quente, morno e frio. Executa todos os penteados modernos. Trabalhos de manicura.

Visitai o **Salão Eleone** donde saireis mais fresca e atraente.

A unidade «modesta» não produz mais caro que a unidade «grande»

(Conclusão da 1.ª página)

o que quer e o que faz. Ei-lo, a contos com o «repórter», curioso.

A entrevista realizou-se na sala de uma biblioteca pública. Isto quer dizer que os interlocutores estiveram bem à vontade, sem receio de perturbar o ripanso silente do mosqueado, adormecido.

Dez traineiras para vinte e uma fábricas

Agora, pacientemente, corajosamente, João Hugo Estrela Pestana aguarda o chorrilho das minhas perguntas. Prepara-se para suportar a impertinência do jornalista.

— Começemos... pelo princípio — digo-lhe. Interessa-me saber alguma coisa sobre pesca. A frota olhanense — quanto ao número de barcos — está em relação com o número de fábricas consumidoras? — Existem dez traineiras para vinte e uma fábricas. A desproporção é notável.

— Qual a razão da disparidade? — Os pesqueiros habituais, despovoaram-se. Sob a pressão de uma exploração ruínosa, alguns armadores desfizeram-se das suas unidades. Mas, devo dizer-lhe: O pior mal não é o reduzido número de artes; é a falta da sardinha, na costa. Aparecesse! e logo ocorreriam barcos de outros portos. Os próprios armadores olhanenses, se a abundância se mantivesse e justificasse, não deixariam de completar as suas frotas.

— Então, se as artes de Olhão não acudiram às necessidades da indústria local onde foi ela buscar a matéria-prima?

— Durante os primeiros meses, até ao fim de Setembro, a maior parte da sardinha fabricada, veio, em caminhetas, de Portimão; também, em menor porção, de Vila Real de Santo António. Nos meses de Outubro e seguintes a sardinha proveio, em maior quantidade, de Peniche, Matosinhos e Aveiro. Vila Real de Santo António também forneceu algum pescado.

— De Matosinhos! O peixe, oriundo de tão longe, chegou em bom estado?

— Chegou, normalmente, em boas condições. Isto é: relativamente, em virtude das viagens demoradas e do acondicionamento empírico. A importação do pescado de outros portos, tem, como é óbvio, o inconveniente do agravamento do custo, pela sobrecarga do prego do transporte.

— Em sua opinião, como poderia ser substituído o tradicional sistema de transporte?

— O peixe devia ser transportado em caminhões, equipados com caixas isotérmicas, refrigeradas, para que não estivesse em contacto com o gelo. Dizem os tratadistas que, para não haver alteração do paladar seria necessário impedir a formação de cristais de gelo sobre o peixe.

— Por que não recorre a indústria a veículos, assim preparados? — A principal razão é de ordem económica. O custo de um carro, tecnicamente bem equipado, deve atingir uns trezentos contos. Ou mais...

— E, depois do carro comprado,

a sardinha pode fazer partida!...

— Justamente. A euforia, causada pelo reaparecimento do pescado, na costa, seria toldada pela certeza do prejuízo. A viatura só poderia ser utilizada pela firma sua proprietária. Assim, ficaria inactiva. Arredada a hipótese de o carro poder ser utilizado noutros serviços, não daria rendimento. Falhava a desejada amortização do capital nele investido. No entanto, se as viaturas fossem propriedade do Instituto Português de Conservas de Peixe ou do Grémio dos Armadores da Pesca da Sardinha, a indústria estaria isenta do risco que apontei.

A necessidade de centrais frigoríficas

— Há tempo — lembrámos — falou-se na utilidade de centrais frigoríficas, para reserva e oportuna distribuição pelos centros menos favorecidos...

— ...e foi pena que não tivessem realizado esse melhoramento. As centrais frigoríficas poderiam ser propriedade do I. P. C. P., em número de três. Uma, localizada na zona Norte, outra, na zona Centro e, ainda outra, na zona Sul. As viaturas, equipadas com caixas isotérmicas prestariam serviço conjugado com o das centrais frigoríficas.

«Ainda sobre este assunto e mesmo que o transporte a utilizar fosse o de sempre, deveria ser estudado e posto em prática um sistema de compensação de fretes, que anulasse por completo o sobrepreço que ele representa para o industrial do Sul e do Norte que por falta de peixe nos portos regionais fosse obrigado a fazê-lo transportar. O sistema de compensação de fretes é já de há muito usado no transporte de arroz, para todo o País. Portanto, não é novidade...

— O que me diz sobre a política dos preços, nas lotas?

— Referindo-me a um assunto tão importante não posso deixar de focar, em primeiro lugar, a diversidade de sistemas, de lota para lota. Entendo que, como norma primordial a estabelecer, se impõe a uniformização do sistema de vendas. A medida — digamos — o padrão, poderia ser o cabaz, com o peso, aproximado, de vinte e dois quilos, líquido, e o processo de venda, descendente. O preço, seria livre, sujeito, como está, à lei da procura e da oferta, em conformidade com a quantidade da pesca.

Há que atender, também, o estado de frescura, tamanho e, até, as horas a que chega à lota. Deveria ser dada a prioridade de aquisição à indústria de conservas, visto que a mesma representa trabalho para milhares de operários e consumo de matérias-primas nacionais, cuja produção emprega também muitas centenas de trabalhadores.

— A sua impressão, sr. Estrela Pestana, sobre a aplicação de aparelhagem eléctrica, detectora dos cardumes de sardinhas? Bons resultados?

— Sim. Satisfaz. Melhores resultados se obteriam — creio — se os mestres de pesca conhecessem a teoria do funcionamento dos aparelhos detectores. Alguns, dizem que os aparelhos afugentam o peixe. O assunto carece da atenção dos técnicos do Instituto de Biologia Marítima. Conviria que se manifestassem acerca das reacções do peixe, sob a acção da aparelhagem.

— Quanto à produção fabril? Equilibrou-se com a procura? Quais as espécies fabricadas?

— A produção, em conjunto com algumas existências da safra anterior, equilibrou-se com a procura. Devo observar que os preços não foram compensadores. As fábricas trabalharam com sardinhas e com carapaus, pequenos.

É indispensável reduzir o número de vendedores de conservas

— Quais os melhores mercados importadores? Inglaterra? Itália? Norte-América?

— Para a Norte-América, Olhão, vendeu, principalmente, filetes de biqueirão. Quanto à exportação de sardinhas, o melhor mercado foi a Alemanha Ocidental.

— Boa política de preços?

— Eu lhe digo... A política de preços não poderá ser boa enquanto as praças produtoras estiverem dominadas por centenas de vendedores! É de aconselhar a redução do número destes. Entretanto, não se sairá de uma situação anómala, ruínosa. As entidades responsáveis reconheceram essa necessidade, tanto assim que, em 1956, no decreto n.º 40787, de 27 de Setembro desse ano, preceituou-se a criação de sociedades exportadoras constituídas por produtores e vendedores.

— Resultados práticos?

— De facto, foram criadas sociedades, baseadas na letra desse decreto. No Algarve constituíram-se a Sul Exportador, Limitada e a Serv Algarve, Conservas de Peixe, Limitada. Nesta, foram abrangidas vinte e seis fábricas, de Vila Real de Santo António, Olhão, Por-

timão e Lagos. Resultados? Praticamente, nulos. Suponho que o insucesso foi motivado por as sociedades não terem conseguido as facilidades previstas no decreto. Afinal, elas ficaram em pé de igualdade com os outros exportadores. Sujeitas à concorrência dos seus próprios associados!

— Lamentável!

— Lamentável...

— Quais os países produtores e exportadores que concorreram com Portugal e, por reflexo, com Olhão?

— Estrela Pestana, retorquiu, com veemência:

— ...O concorrente, mais perigoso, é o próprio industrial português! As nossas conservas não temem o confronto; não têm rival. É justo frisar que a actuação do I. P. C. P. muito contribui para a excelente qualidade do produto nacional.

A organização da indústria deve revestir-se de cautelas

— Falemos, agora, da organização da indústria...

O meu entrevistado, fita-me. Tira os óculos, limpa os óculos, põe os óculos, volta a fitar-me e diz-me vagarosamente, intencionalmente: — Esse, é um tema muito delicado...

— Preconizou-se — disse-lhe — a redução do número das fábricas, e, por consequência, o predomínio de grandes e poderosas unidades industriais...

O assunto está em estudo. As comissões nomeadas pelo Governo apresentarão o resultado dos seus trabalhos. Há que aguardar...

— Certamente. Mas, o Estrela Pestana tem a sua opinião formada. Convirà a organização de fortes blocos industriais?

— Para desenvolvimento do tema, teríamos de ocupar muitas colunas do seu jornal! Resumindo, dir-lhe-ei que estou convencido de que as empresas pequenas têm mais probabilidades de defesa, desde que o seu capital seja suficiente para uma exploração racional. O capital, e o crédito...

A unidade modesta não produz mais caro que a unidade grande além de que, na laboração da pequena fábrica o próprio industrial intervém, pessoalmente, vigiando todas as operações, desde a compra do peixe, à venda das conservas. Ninguém melhor do que ele poderá influir para que se produza melhor e mais barato. Refiro-me a industriais bem orientados... não serei um deles...

— Portanto, preconiza que, a par das grandes, coexistam as pequenas unidades. Isto, no sector da fabricação. Quanto a comércio...

— Quanto a comércio, o agrupamento será a medida de salvação: duas sociedades no Sul, duas no Centro e duas no Norte. Limitação do número de marcas, etc.

— Vai ser instalada, nesta vila, uma escola técnica. Crê que ela influirá, eficazmente, na preparação dos empregados da indústria de conservas?

— Aqueles que se destinam às secções administrativas, com os seus cursos, completos, de comércio, virão a ser óptimos auxiliares, nos escritórios das fábricas.

«Quanto aos funcionários técnicos, não é de prever que se instituem cursos especiais, preparatórios; todavia, é de esperar que, nas cadeiras de físico-química, sejam devidamente tratados os assuntos concernentes a salmouras, cozedura e esterilização e, nas cadeiras de ciências naturais, sejam estudadas, especialmente as características, o habitat e o desenvolvimento das espécies piscícolas, que particularmente interessam a nossa indústria.

— A situação financeira das empresas é desafogada?

Estrela Pestana, chocado pela audácia da pergunta, tira os óculos, limpa os óculos, põe os óculos, fita-me e responde cautelosamente:

— Qual é a empresa, grande ou pequena, que não tem problemas financeiros, na época decorrente? A indústria movimenta bastante capital. Quanto maior for a nau, maior será a tormenta. O capital de uma empresa industrial conserveira, só em casos muito excepcionais será suficiente para a aquisição da matéria-prima, dos materiais, para pagamento da mão-de-obra e constituição dos stocks, inevitável no intuito de defesa dos preços. E os stocks são, em geral, da ordem de muitos milhares de caixas. Quando assim acontece, o industrial recorre ao crédito bancário que lhe é facultado, mas a juro normal. O juro é elevado dado o fim a que se destina o montante dessas transacções de crédito: movimento do comércio interno do nosso País, manutensão do operariado e aquisição de divisas estrangeiras, tão necessárias a uma nação fortemente importadora, como a nossa.

«Concluindo, meu caro jornalista: penso que a indústria de conservas não é suficientemente ajudada e encorajada!... E mais não digo!

JOÃO TRIGUEIROS

— Resultados práticos? — De facto, foram criadas sociedades, baseadas na letra desse decreto. No Algarve constituíram-se a Sul Exportador, Limitada e a Serv Algarve, Conservas de Peixe, Limitada. Nesta, foram abrangidas vinte e seis fábricas, de Vila Real de Santo António, Olhão, Por-

ANTÓNIO RODRIGUES ROSA

ARMAZENISTA — GROSSISTA DE SAL

SAL TRAÇADO

SAL FINO

SAL PREPARADO

ESCRITÓRIO

ARMAZÉM

Rua Eça de Queirós, 40 | Rua D. Francisco Gomes, 39 e 41

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TELEFONE 184

APARTADO 23

TINTAS «EXCELSIOR»

CARTA DE LONDRES

por Dzeyém Syén

LOJAS DA CIDADE

CATEDRAIS e galerias de arte, parques e palácios, são os pontos principais, as jóias preciosas de um determinado lugar e não podem ser esquecidos numa visita turística; mas estamos convencidos de que o modo mais rápido de nos familiarizarmos e sentirmos o ar típico de um local é dar uma volta pelas ruas das lojas e é isso que vamos fazer.

Num artigo de poucas centenas de palavras, uma exaustiva (o termo exacto, pensamos nós) inspecção das lojas de Londres está fora de questão. Assim, vamos sugerir um «giro» o qual dar-vos-á a conhecer não só alguns dos melhores estabelecimentos desta capital mas também uma grande porção do característico ambiente da cidade.

Londres, contrastando com cidades como Paris e Nova Iorque, diz-se ser principalmente uma cidade de homens. Qualquer articulista londrino não deixaria este assunto tão facilmente, pois há na verdade mais alguma coisa para ser dita, começando ousadamente na St. James Street, a mais masculina rua desta cosmopolita cidade. Rodeada pela complacente presença das muralhas do St. James Palace, além dum clube para cavalheiros, encontramos aqui quatro característicos estabelecimentos da capital: um armazenista de vinhos e aguardentes (Barry & Rudd), um chapeleiro (Lock), uma loja de antiguidades (Lowenthal) e um restaurante de arcadas (Overton). É de assinalar que em dois destes estabelecimentos há mais de duzentos anos que não são transformados os seus interiores e frontarias.

Mórbida, discreta, conservadora, Londres é indiscutivelmente uma cidade de «gentlemen». Tentando concretizar, continuemos a subir esta rua, onde encontraremos lojas especializadas em material de pesca, tabacos e mapas antigos. À direita está o reino dos vendedores de obras de arte de St. James e ao fundo a Jeremyn Street — um lugar de camiseiros, ourives, cafés e mercearias. Londres apresenta-se absolutamente assim, misturando a qualidade e o «snobismo» com o despretenso, ao caminharmos ao longo dos seus pavimentos ásperos e não-femininos. Acolá, surpreendentemente descobrirá Floris, a mais antiga e amorosa perfumaria de Londres.

Da Jeremyn Street passando pela Piccadilly Arcade, estaremos propriamente em Piccadilly; ao atravessá-lo depara-se-nos a Burlington Arcade, que nos mostra encantadoramente a sobrevivência de um dia de compras de há 150 anos. As montras expõem ainda casacas e gravatas de seda e os mais fascinantes e bizarros coletes, mas as senhoras sabem também que esta arcada é um dos melhores lugares para encontrar artigos feitos na mais pura lã — as casimiras aqui (uma das especialidades britânicas) são um sonho. Ao sair pelo outro lado, porventura gostará de dar um golpe de vista no Savile Row, o mais importante alfaiate para homens, antes de conhecer a região de Mayfair e mais concisamente Bond Street. Além de importantes alfaiatarias encontrará aqui, tudo aquilo por que Londres é particularmente notada, incluin-

do louças da China, artigos de pele, finos tecidos vendidos à jarda, joalharia e livros; se gosta de bonitas e bem apresentadas lojas, recomendamos-lhe uma curta passagem pelas perfumarias Atkinson, e a Justerini & Brooks, comerciantes de vinhos mesmo em frente do Westbury Hotel. No sentido oposto de Bond St. — regiões de Hanover Square e Grosvenor St. — há fascinantes estabelecimentos, impondo-se entre todos, o dos alfaiates Hardy Amies, uma das sombras negras de Savile Row. Daqui alcançaremos Oxford St., passando pela South Molton Street, uma das nossas mais favoritas ruas de lojas e que não deve ser esquecida.

Depois de tudo isto não podemos ocultar uma referência a Oxford Street, uma vasta e movimentada rua de enormes armazéns e muitos negociantes ambulantes, que ainda não conhecem o significado da palavra «reforma». Oxford St. é atravessada pela majestosa Regent Street, que muita gente olha como a mais importante rua de lojas da capital britânica. Aqui entre muitos e grandes estabelecimentos, destaca-se o «Liberty's», considerado o mais bonito armazém do mundo e descendo esta enorme via pública, rotornemos para tentar inventariar Piccadilly.

Visitemos calmamente a «Baixa» de Londres e veremos que os empregados e gerentes dos estabelecimentos Fortnum e Mason, fazem um esforço final para tentar demonstrar que estamos numa cidade de moda masculina, apesar da existência de Regent St.

Ainda tem tempo? — Teremos

PENSÃO FÉLIX de Manuel Félix da Silva

Situada em pleno coração da Vila Pombalina

Esmerado serviço de mesa Óptimos quartos

Uma das melhores do Algarve

Praça Marquês de Pombal, 22
Telefone 91

Vila Real de Santo António

J. T. Mascarenhas Pacheco MÉDICO-ESPECIALISTA

Doenças do Coração

Ex-interno do Serviço de Cardiologia do Hospital de Santa Maria

Consultas das 15 às 19 horas

T. Ivens, 3-1.º — FARO

nós espaço para mais três sugestões? Arranjemo-lo com um pouco de boa vontade, porque vamos descrever-vos «surpresas» que são bem típicas. Primeiramente a Old Brompton Road, rua de boas lojas caracterizadas pela sua pequenez e onde se nos depara o Harrod's, o maior estabelecimento da Grã-Bretanha. Depois na Curzon Street, a rua principal, na antiga e mundialmente conhecida região do Mayfair, onde inesperadamente somos chicoteados pela presença da mais rural azáfama, num autêntico labirinto de ruas estreitas, conhecidas pelo nome genérico de Sheperd Market (Mercado do Pastor). E finalmente na Kensington High Street, onde aconselhamos uma visita especial ao estabelecimento Derry & Toms, que oferece a «última» das surpresas. Tome o elevador para o último piso, onde está o jardim coberto mais bonito que conhecemos e que até tem arbustos e árvores — sim, árvores reais!

Leia o JORNAL DO ALGARVE e saberá o que se passa no Algarve

Sociedade de Conservas Aliança, L.^{da}

Avenida 24 de Julho, 4-2.º E. — LISBOA

Conservas de peixe nas acreditadas marcas:

BON APPETIT — GNOMOS

TARECO — DOIS IRMÃOS — SOTA VENTO

Fábrica em

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

IMPORT-EXPORT



TELEG.: JORITTA

JOSÉ ANTÓNIO RITTA

Vila Real de Santo António - Olhão - Matosinhos

PESCA E CONSERVAS

Fabricante de conservas de peixe nas acreditadas marcas:

Jar • Jorita • Tamar • Porvir • Sardinheira • Monte Douro • Les Jumelles • Broadway

ARMADOR DE PESCA

Traineiras: *Brisa, Flora, Leste, Lestia, Nicete, Norte, Refrega, Senhora da Encarnação, Suestada, Temporal e Tutão*

Fábricas em: Vila Real de Santo António, Olhão e Matosinhos

CÓD. ABC 5.ª E 6.ª ED.

Telefones Vila R. S. António, 13, 111 e 224
Olhão, 428
Matosinhos, 93055-Porto



Fornecimento económico de água com

Bombas submersíveis

«PLEUGER»

As bombas alemãs de maior reputação mundial

Para todas as alturas
Para todos os caudais
Para todos os preços

ENTREGAS IMEDIATAS OU MUITO RÁPIDAS

Representantes exclusivos:

MINASTELA, LDA.

Rua D. Filipa de Vilhena, 12 — LISBOA Rua do Bolhão, 61-65 — PORTO

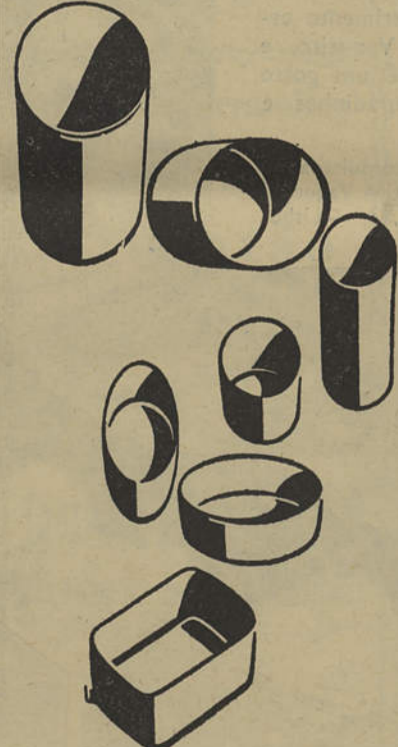
Soliva

CONFECCÃO DE

LATAS

PARA CONSERVAS DE PEIXE E OUTROS PRODUTOS

ILUSTRAÇÃO DE FOLHA DE FLANDRES



Sociedade DE LITOGRAFIA E VAZIO, LIMITADA

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO ALGARVE

JORNAL do ALGARVE lê-se em todo o Algarve

O Jornal do Algarve

está à venda nos seguintes locais:

Albufeira — João de Veiga.

Loulé — Jose Isidro Barreto Lamy.

Olhão — Tabacaria Moderna, Avenida da República, 46.

Portimão — Casa Inglesa.

Lagos — Papelaria Paula, Praça Luís de Camões.

Faro — Tabacaria Farracha, Rua de Santo António, 14.

Lisboa — Tabacaria Mónaco, no Rossio.

Silves — Livraria e Papelaria Serrano, Rua João de Deus.

Vila Real de Santo António — Havaneza, Rua Teófilo Braga.

A CONFIDENTE

COMPRA

A CONFIDENTE

VENDE

A CONFIDENTE

HIPOTECA



PROPRIEDADES

A CONFIDENTE

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS

ROSSIO, 3-2.º

Telef. 29384-5-6 — LISBOA

Máquinas de Calcular «FACIT»

Manuais ou Eléctricas

Máquinas de Somar «DIXI»

Manuais ou Eléctricas

Máquinas de Escrever «ÓPTIMA»

Não compre qualquer máquina de calcular, de somar ou de escrever sem consultar

Máquinas Durand

HENRIQUE PASSOS DURAND, LDA.

Rua do Salitre, 33 Telefones 5 07 95-5 07 98

LISBOA - 2

Quando for a FARO VISITE A CASA VERDE

onde encontrará a maior variedade de tecidos dos mais recentes padrões e em qualidades e preços que não temem a concorrência.

PRISÃO DE VENTRE e males de estômago

Tratam-se com bons resultados obtidos com o **Chá Laxativo Reis**, puramente vegetal e de sabor agradável.

Não exige dieta

Pacotes de 5\$00 e 10\$50

Envio à cobrança

FARMÁCIA REIS

FUSETA

CASA ANDRADE AMIGA DO POVO FUSETA

Grande sortido de
Mercearia e Confeitaria

Secção de Papelaria com Biblioteca

Secção de vinhos e derivados

Deposítaria de tabacos da TABAQUEIRA

LOTARIAS

MILHOS HÍBRIDOS SELECTAL

Classificados em PRIMEIRO LUGAR no
Conjunto dos ENSAIOS OFICIAIS
realizados em três anos sucessivos em todo o País.

DISTRIBUIDORES

VIVEIROS DO FALCÃO

SOLAGRO

Carnide — LISBOA

R. da Boa-Vista, 180 — LISBOA

Expressiva homenagem ao sr. major Mateus Moreno

(Conclusão da 1.ª página)

lista. Todos foram unânimes nestas verdades: drs. Mauricio Monteiro, José António Madeira, Jaime Lopes Dias, beirão que tanto aprecia e estremece o Algarve e os algarvios; Amadeu Ferreira de Almeida, Júlio Gonçalves, Virgílio de Passos, Alberto Iria, Humberto Pacheco, Sousa Carrusca e Sousa Pontes; Hermenegildo Neves Franco, general Santos Correia, Albertino Ferreira, Arnaldo Martins de Brito,

João Feliciano Marques Pereira, Alberto de Sousa Oliva e Jerónimo Gregório Marcos e os representantes das diversas casas regionais. Focou o aspecto poético do homenagem a ilustre professora, calorosa entusiasta do regionalismo, e nossa prezada colaboradora sr.ª dr.ª Maria Odete Leonardo da Fonseca, que declamou alguns poemas do homenageado. O sr. conselheiro Sousa Carvalho entregou ao sr. major Mateus Moreno o diploma de presidente honorário da nossa Casa e o sr. dr. Francisco Matos Gomes, da Casa da Sertã, definiu o regionalismo tal como nós também o entendemos: respeitar-se as características de cada região, deixar que cada um, independentemente dos seus conceitos políticos e religiosos, trabalhe com entusiasmo pela sua terra e procure valorizá-la, contribuindo assim para o engrandecimento da pátria comum. O mesmo orador, como outros, não algarvios, já o tinham feito, lembrou o papel grande que nos coube no devassar dos mundos desconhecidos e prestou a sua homenagem à bondade da esposa do sr. major Mateus Moreno. O sr. dr. Jaime Lopes Dias, como sempre, foi generoso para os algarvios e o sr. Arnaldo Martins de Brito sugeriu que a Câmara Municipal de Lagos adquiri-se a casa onde nasceu o dr. Júlio Dantas para nela se recolher a biblioteca do ilustre escritor algarvio.

Prédio

Vende-se em Vila Real de Santo António, na Rua D. Pedro V, N.º 4.

Informa esta Redacção (694).

DE LAGOS

Comemoração do 1.º aniversário da morte do dr. José Formosinho

EM sessão do Grupo de Amigos do Museu, em 11 deste mês, foi resolvido comemorar o 1.º aniversário do falecimento do seu fundador dr. José Formosinho, com missa de sufrágio, na igreja de Santo António, amanhã, às 10 horas, seguida de romagem ao cemitério, e sessão solene, na tarde, na sala das sessões do Museu, em que usará da palavra o sr. dr. João Maldonado Centeno, um dos grandes admiradores da obra do dr. Formosinho, que, estou convencido atestará a presentes e vindouros que não é em vão que se trabalha por amor à causa colectiva.

Assistência técnica do S. N. I. — Viver os problemas por amor às causas, eis o que permite avaliar a acção desenvolvida pelos que superintendem para que as mesmas causas triunfem.

A assistência técnica do S. N. I. é, de facto, proveitosa, pois as pessoas que, regra geral, assistem, têm noção das responsabilidades e orientam de forma a que a indústria hoteleira prospere, pormenorizando sobre o que convém fazer para vencer.

Depois de presenciar, um tanto por alto, uma vistoria a determinado estabelecimento, em Lagos, feita por funcionário com bastante experiência, fiquei absolutamente convencido de que a assistência técnica do S. N. I. é de molde a conseguir-se mais e melhor. Não estou, porém, menos convencido de que os hoteleiros, por dificuldades financeiras, nem sempre cumprem à risca o que lhes é prescrito por quem de direito, e, assim, fogem de certo modo ao que a prática aconselha, com manifesto prejuízo para o desenvolvimento turístico, não só de Lagos, como do Algarve e até mesmo do País.

Afigura-se-me que aproveitando-se os ensinamentos do S. N. I. e com prudente administração, poder-se-á conseguir melhor, até, através de financiamentos da repartição competente, que decerto procura compensar os que melhor cumprem, auxiliando-os na medida do possível.

A Volta ao Algarve em Bicicleta — Li há pouco o itinerário da Volta ao Algarve em Bicicleta, organiza-

da pelo Ginásio Clube de Tavira, verificando com pesar que Lagos não figura nele. Sendo Lagos, Algarve e «de gema» como é hábito dizer, haverá má vontade dos organizadores, ou receio de fatigar os concorrentes?

Seja como for, o itinerário não corresponde ao rótulo da corrida.

Se os organizadores não desejam que a corrida vá além de Portimão, e estão no seu direito, porque poderiam mesmo não ter ultrapassado Tavira, deveriam procurar-lhe outra designação, mais de harmonia com o que têm em vista realizar.

Uma união de poucos em prejuízo de muitos — Lagos não conta uma dezena de panificadores, e os seus habitantes atingem alguns milhares. Seria pois de esperar que a união entre os poucos padeiros, resultasse vantajosa para os milhares de consumidores, o que entretanto não se verifica.

O preço do pão ao domicílio aumentou e assim ou o consumidor vai à padaria adquiri-lo, para evitar a sobretaxa, ou paga esta, que só beneficia os panificadores, visto manter-se igual, o salário ao distribuidor.

As vendas ao domicílio diminuiram, mas no conjunto harmonizaram-se para os panificadores, não ficando bem servido o público, porque aos distribuidores mais uns quilos de pão não afectavam o seu serviço, sendo até natural que, como o signatário, se sintam aborrecidos por constatar o prejuízo de muitos em favor de poucos.

Joaquim de Sousa Piscarreta

"Simple
mas delicioso..."

...porque tudo é cozinhado com Vaqueiro. Frito com Vaqueiro, o peixe fica muito mais gostoso. E depois, a acompanhar, aquele molho suculento e bem preparado (também com Vaqueiro, é claro!) faz um prato estupendo.*



ESCREVE-NOS a Ex.ª Sr.ª

D. Maria de Lourdes Leal, B.ª de S. João à Estrada da Luz, 4-2.ª, Esq. — Lisboa.

Com a Vaqueiro, qualquer prato fica uma delícia. Experimente estrelar os ovos com Vaqueiro, e verá que maravilha! É um gosto saboreá-los assim douradinhos e gostosos.

* Esta carta pode ser consultada no Inst. Culinário da Margarina Vaqueiro, R. dos Fanqueiros, 278, 3.ª — Lisboa



Vaqueiro torna tudo
mais apetitoso



CASA DO RÁDIO

ANTÓNIO DIAS RODRIGUES

Rua Vasco da Gama, 8 e 10 — FARO

— TELEFONE 630 —

AGENTE NO ALGARVE

DOS RÁDIOS E TELEVISORES

MEDIATOR

Camião

Vende-se «THAMES», série 17, equipado com motor «Perkins», novo.

Dirigir a Américo Gualberto Matias — OLHAO.

CASA

Vende-se uma casa, composta de 6 peças, cozinha, casa de banho e quintal, no sítio do Farol. Trata: José dos Santos Campinas — Mercado 1.º de Maio — Vila Real de Santo António.

CRONISTAS E CONTISTAS

A NOTA DE VINTE ESCUDOS

Policarpo arranhou trabalho depois de ter calculado toda a vida.

— Podes vir amanhã, disse-lhe Dona Rosinha.

— A senhora é uma santa. Deus lhe pague.

Regressou a casa satisfeito. Se todas as pessoas fossem como Dona Rosinha, ia ruminando Policarpo pelo caminho, a miséria acabaria. Amiga dos pobres. Já podia estar servido há mais tempo, se mais cedo tivesse batido à porta de Dona Rosinha. A mulher ultimamente dera-lhe para adoecer, e ele, é claro, é que teve de suportar toda a carga. E certo que não atrava as culpas para cima dela. Ninguém está doente porque quer. Quem dera a um doente nunca adoecer. Mas já foi ter pouca sorte: a mulher ter adoecido quando ele se desempregou. Se tivesse adivinhado que a mulher adoecia não tinha mandado o patrão à java, não. Bem caro lhe custou. E certo que o pior aguentou a mulher: doente, sem remédios, sem nada. Felizmente que melhorara. Daqui em diante as coisas mudariam, Policarpo ia trabalhar, pagaria as dívidas e se possível juntaria algum dinheiro. O sonho de sempre. Nunca deixara de sonhar apesar de tudo. O sonhar, aliás, fazia parte da sua vida. Já em solteiro sonhava que um dia havia de ter uma casa e um ou dois filhos. Mais não. Os filhos davam muito trabalho a criar. Por ora ainda não tinha nenhum. Até nisso o sonho não se realizara. Mas estava certo que viria a ter. Em boa verdade até fora um bem não ter filhos. Se os tivesse teria sido mais complicada a sua vida. O que teria feito? Nem era bom lembrar-se. Morrem de fome é que eles não morreriam. Roubaria. Não era pecado num caso destes. Ele é que não podia deixar os meninos morrerem com fome. Lá que ele e a mulher passassem sem comer, ainda era como o outro, mas os filhos não. Isso nunca. Tivessem uma santa paciência. Assaltaria as casas ricas, se lá fosse pedir e lhe batassem com a porta na cara. Isso mesmo ele diria na polícia se fosse preso. Bem. O melhor de tudo é que ainda não tinha filhos, embora desejasse vir a tê-los. Morava retirado da vila um bom pedaço, mas nem dera pelo tempo que levou no caminho. Ia satisfeito, pensando na vida.

— Os pobres passam mal, mas também têm as suas alegrias.

Mal chegou a casa foi à beira da mulher, que estava na cama, dar a novidade.

— Maria, amanhã vou trabalhar no figo. Vou para o armazém de Dona Rosinha.

— Até que enfim, homem!

— Também digo. Havemos de passar melhor.

Policarpo no dia seguinte lá estava agarrado ao trabalho. Dona Rosinha, um dos donos do armazém, indicou-lhe o que tinha a fazer. Ficou na balança. O movimento era enorme: constantemente chegava figo. Policarpo descarregava os sacos dos carros para a balança e desta para as tuihas. Trabalho pesado. Chegou ao fim do dia moído, pisado, como se tivesse levado uma tarefa. Mas andava satisfeito.

— Bons patrões. Pagam bem — dizia Policarpo aos colegas que com ele se juntavam na venda.

A mulher melhorou a olhos vistos desde que Policarpo começara a trabalhar. Alimentava-se melhor. Era restabelecido o crédito na loja do Carvalhinho e eles já não passavam fome. Dentro de pouco tempo estaria boa e iria trabalhar, eram as contas de Policarpo.

— Então mulher, essa saúde — perguntava Policarpo ao chegar a casa — Vê se arribas!

O sonho de juntar alguns cobres para fazer a casa não lhe saía da cabeça. Era o seu maior desejo.

De princípio ressentiu-se do esforço das cargas e descargas e chegou a ter medo de não aguentar. Depois habituou-se e o trabalho pouco lhe custava.

Os companheiros que faziam serviços mais leves comentavam o assunto: a exploração de que estava sendo vítima Policarpo.

O serviço de Policarpo era mais pesado, devia portanto ganhar mais. Mas não. Recebia o mesmo que eles. Todos tinham fugido da balança embora Dona Rosinha estivesse disposta a pagar-lhes mais...

— Quanto ganhas, Policarpo?

— Vinte.

— Vinte? É pouco. Estão-te a roubar.

— Nem que me pagassem trinta eu fazia o teu serviço — disse-lhe uma vez o Zé de Sousa.

Policarpo nesse dia nem jantou a lembrar-se do que lhe tinham dito. Dar-se-ia o caso de estar a ser roubado? Não. Não era possível. Dona Rosinha era tão sua amiga! Todos os dias lhe perguntava pela mulher. Se estava melhor, se já tinha forças. Chegara até a dizer-lhe que quando estivesse boa que a mandasse por lá, sempre se havia de arranjar qualquer coisa para ela fazer. Não! Os companheiros não tinham razão. O que eles tinham era inveja. Não podiam ver um pobre com uma camisa lavada. Gasta-

vam tudo na venda; só tinham dívidas, e, é claro, como ele não os acompanhava, tinham-lhe raiva. Era o que era. Mas não tinha culpa. Não fossem parvos. É certo que o que ganhava mal dava para as despesas. Ia tudo na comida. Mas a sua vida havia de melhorar quando a mulher fosse trabalhar. Nessa altura é que eles haviam de falar, é que haviam de dizer que ele era um parvo, um anjinho, que se deixava roubar escandalosamente. E assim foi. Policarpo, porém não dava ouvidos. Chegou até a zangar-se com alguns colegas. Cortou relações. A mulher, em proporção, ainda era mais mal paga do que ele. Trabalhava que nem uma moira e ganhava uma ridícula.

Como eram os dois a trabalhar a custo de muito sacrifício, de muita economia, conseguiam no fim da semana juntar umas migalhas. A mais pequena aragem levar-lhes-ia o peculozito, mas Policarpo como nunca na vida tivera um tostão de sobra, vivia satisfeito, feliz. Em oposição aos colegas achava que os patrões eram boas pessoas, em especial Dona Rosinha. Daria a vida por ela se fosse preciso. E ela sabia-o.

— Andas muito enganado, Policarpo — disse-lhe um dia um amigo. Olha que isto de patrões é má raça. São todos os mesmos. Vivem à nossa custa.

— Não é bem assim, Zeferino. Se não fosse Dona Rosinha o que teria sido feito de mim e da mulher? Já tínhamos morrido de fome.

— Bem, tu lá sabes!

Pouco tempo depois Policarpo dava razão a Zeferino: Assistira a um roubo praticado por Dona Rosinha. Prova autêntica, real.

Policarpo perdeu a cabeça e insultou a patroa. O que esta fez, apesar dele ser pobre, envergonhou-o de ser seu empregado. Só então começou a compreender que os companheiros tinham razão. Policarpo ariscou a sua sorte. Dona Rosinha era mulher sem coração. Quem rouba uma nota de vinte escudos da maneira que Dona Rosinha roubou é capaz de tudo. E o pior é que a atrevida, a descarada ainda o acusou a ele. Dizia que não tinha visto nenhuma nota. Só se fosse ele que tivesse visto cair o dinheiro.

— Tens o dinheiro, Policarpo?

A mulherzinha que veio vender a novidade deixou cair uma nota de vinte escudos ainda dentro do armazém. Dera por falta do dinheiro mal pôs o pé na rua. Bem procurou por todo o lado. Mas nada. Não viu nota nenhuma.

— Tens o dinheiro, Policarpo?

— Eu não senhora, Dona Rosinha.

— Vê lá bem — insistiu ela.

Temperamento de ladra, sem dúvida.

Policarpo sentiu-se ferido, humilhado. Pobre mas honrado. Incapaz de pegar no que não fosse seu. Por que fazia Dona Rosinha aquelas alusões? Não era ele sério? Tinha alguma razão de queixa? O certo é que a mulherzinha que perdeu o dinheiro olhou para ele desconfiada.

— Veja lá, senhor Policarpo, se está na dobra das calças.

Nada. Qual dobra das calças! Policarpo não viu dinheiro nenhum. Quem dera que o visse. Era sinal que a mulher podia contar com ele. Homem sério.

A mulher depois de procurar inutilmente o dinheiro por todos os cantos, recorreu à autoridade de Dona Rosinha. Quis que ela mandasse revistar todas as pessoas presentes. O dinheiro fora perdido ali, afirmava a mulher. Alguém o teria achado. E só podiam ser as pessoas que trabalhavam na balança. Dona Rosinha achou bem. Encostada ao escritório, mandou que um rapazinho revistasse os bolsos dos trabalhadores. Uma onda de indignação, uma vontade enorme de resistir apareceu em todos. Porém, todos se acobardaram. Passada a revista a dona do dinheiro destemperou.

— Ladrões. Gatunos. Que o dinheiro lhes sirva de remédios de farmácia!

— Oh, mulher, veja lá o que diz. Aqui é gente séria.

— Ladrões. Gatunos!

Dona Rosinha sentiu necessidade de intervir. Ameaçou a mulher. Ou ela se calava ou punha-a na rua. O dinheiro se não estava ali é porque não fora ali perdido. O melhor era pôr-se a andar.

— Que lhes sirva de remédios de farmácia — gritava a mulher pela rua fora.

Dona Rosinha alteando a voz dispersou os trabalhadores e as pessoas que se tinham juntado à entrada do armazém.

Foi então que Policarpo, que ficara só com Dona Rosinha, viu onde estava o dinheiro.

— Está aqui. E para ela não se armar em esperta!

Dona Rosinha levantara o pé e apanhou do chão a nota de vinte escudos.

Uma onda de raiva inundou Policarpo. Apeteceu-lhe bater em Dona Rosinha. Não o fez, mas não se conteve:

— Grandessíssima ladra!

J O S É G U E R R E I R O

ALCAPARRAS

e restantes materiais para as indústrias de Conservas e Pesca

PEDIDOS À

Sociedade SOTALGARVE, Lda.

Vila Real de Santo António

Tapetes Arraiollos

Novos padrões

Magnífico sortido

Quintão

CASA ESPECIALIZADA

30, Rua Ivens, 34

LISBOA

Conceição & Conceição, L. da

(Ex-Firma V.ª de Manuel Francisco)

SAPATARIA

E

CHAPELARIA

Rua Teófilo Braga, 36

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Hotel Vasco da Gama

Monte Gordo

ABERTO TODO O ANO

RESTAURANTE — BOITE — BAR — PISCINA

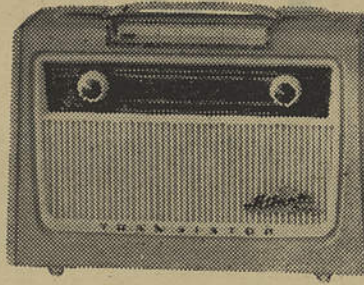
TELEF. 821-822-823

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Atlante Rádio

APRESENTA O MELHOR E MAIS COMPLETO APARELHO PORTÁTIL ATÉ HOJE PRODUZIDO

Turist
COM
SUPERSOM
HI-FI



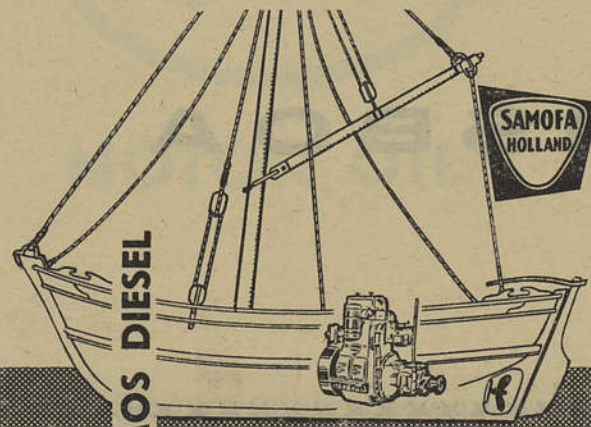
TOTALMENTE TRANSISTORIZADO
PARA TODAS AS ONDAS
INCLUINDO AS MARÍTIMAS

DE QUALIDADES SONORAS INIGUALÁVEIS, COM SUPERSOM HI-FI, ESTE EXCELENTE RECEPTOR PODE FUNCIONAR EM CASA, NO AUTOMÓVEL, NO CAMPO, NA PRAIA OU NA MONTANHA. GRANDE POTÊNCIA E SENSIBILIDADE. EXTREMAMENTE ECONÓMICO E DE MODELAR APRESENTAÇÃO.

QUEIRA PEDIR INFORMES AOS AGENTES GERAIS

Electronia, Lda

RUA SANTO ANTÓNIO, 71 — TELEF. 25800 — PORTO



MOTORES MARÍTIMOS DIESEL

SAMOFA

PARA EQUIPAR PEQUENAS EMBARCAÇÕES.

ECONÓMICOS E DE FÁCIL CONDUÇÃO.

DE 8-10-15 E 30 HP.

C. SANTOS LDA. LISBOA · PORTO · COIMBRA

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO

CAFÉ PORTUGAL

JÚLIO MATEUS

Importador e Exportador

FRUTOS VERDES



MARISCOS

Rua Geófilo Braga, 65 Telefone 19
Vila Real de Santo António

VISITE...

Lucilio Matos Toupa

onde encontrará o mais vasto sortido de material usado em óptimo estado para qualquer auto (automóvel, camioneta ou camion, etc.). Resolva os seus problemas tornando-se cliente da casa que mais barato vende e nas melhores condições.

Rua do Alvito, 31-A, 33, 33-A
LISBOA, 3

Telefone P. B. X. { 637024
633537

GRANDE FEIRA DA PRIMAVERA DE CALÇADO

para Senhoras, Homens e Crianças

a Casa MARSILVA

participa aos seus prezados clientes, amigos e ao público, em geral, que acaba de inaugurar a Grande Feira de Calçado da Primavera, a preços verdadeiramente excepcionais!

— ÚLTIMAS CRIAÇÕES —

A proprietária agradece a vossa visita a esta grande exposição de calçado

MARIA LOPES

Rua Matias Sanches, 24 e 26 Vila Real de Santo António

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

PORTO

LISBOA

Afiliado em Angola:

BANCO COMERCIAL DE ANGOLA

LISBOA

LUANDA

ALBUERA

Estab. Comerc. de Frutos do Algarve, Lda.

ALBUFEIRA — TELEFONE 6

Preparadores e Exportadores de:

Figos secos, Pasta de figo,

Amêndoas, Alfarroba tritu-

rada, Sementes de alfarroba

MOTORES MARÍTIMOS SUECOS DE ALTA QUALIDADE

VOLVO-PENTA

VOLVO-PENTA

PESCA

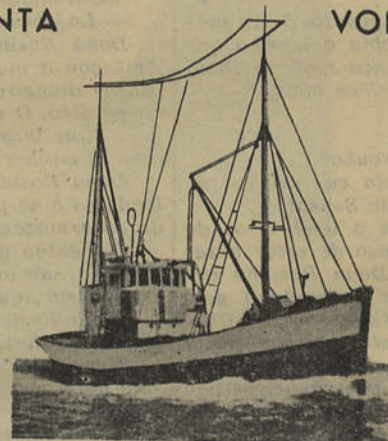
RECREIO

TRANSPORTE

SPORT

EXISTE SEMPRE
UM MODELO PARA
OS VOSSOS DESEJOS

ENTREGAS
IMEDIATAS
NOS NOSSOS
ARMAZENS
OU NA FÁBRICA



REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

JAYME DA COSTA, L.ª

LISBOA
RUA DOS CORREIROS, 14

PORTO
PRAÇA DA BATALHA, 12

Joaquim Ribeiro

IMPORTADOR
DE FRUTOS E MARISCOS

— Telefone 87 —
Vila Real de Santo António

Terreno

Vende-se para moradias muito próximo da Praia da Sr.ª da Rocha. Panorama agradável. Tratar com Bento Alves Duarte. — Armação de Pera.

FIOS DE LÃ PARA TRICOT

NOVAS QUALIDADES (AOS PREÇOS DE FÁBRICA)

ESCOCESA desde Esc. 150\$00 cada quilo
A L E M Ã, Esc. 200\$00, cada quilo

Peçam amostras para
J. P. ÁLVARES FERREIRA, LDA.
Rua da Madalena, 78 (junto à Rua dos Retrosellos) Telef. 27652

— LISBOA —

Envia-se à cobrança

SR. AUTOMOBILISTA

Confie no êxito da reparação do seu carro, montando no motor os segmentos de lâmina e mola da já consagrada marca

DEVES

Repres.: **F. PEREIRA HERDEIROS, LDA.**
R. da Conceição da Glória, 22-24-Telef. 29763 - LISBOA
Agente no Algarve **E. V. A. - FARO**

RECOMENDAÇÃO

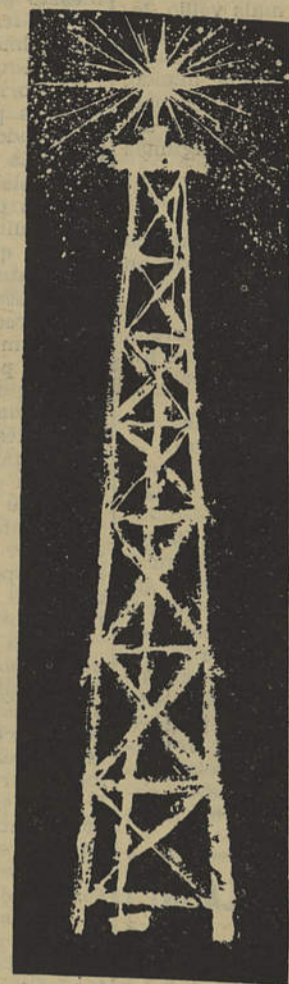


UNÂNIME !

NA VERDADE,
TODOS OS
CONHECEDORES
USAM E
RECOMENDAM



MOTOR OIL



60/179-B

O preço da água em Mértola

(Conclusão da 1.ª página)

tola, fez-se, como no resto do País, mediante prévio projecto e estudo económico.

Quer um quer outro, foram elaborados por técnicos responsáveis e de competência comprovada. Foram fixados mínimos de acordo com o resultado desses estudos, como no resto do País e esses variam consoante a categoria do prédio. No nosso caso, esse escalão de mínimos varia de 2 a 13 m3. Se a um prédio cabe o escalão de máximo significa que, segundo a matriz predial urbana, esse prédio tem umas certas condições.

Daqui a deduzir-se que os habitantes desse imóvel a que tecnicamente foram atribuídos 13 m3. de água e só gastaram 1, ou tiveram a casa fechada ou gastam muito abaixo do normal e do que seria lógico esperar...

Informa-se que o escalão máximo paga a esta Câmara 65\$00, acrescido de 2\$50 de aluguer de contador e de \$10 devido pelo selo de contadores, totalizando 67\$60 consignada na notícia publicada. Se este consumidor, não gastasse um litro sequer, teria de pagar os mesmos 67\$60.

Esclarece-se que a abundância de água no rio Guadiana não veio embaratecer a distribuição domiciliária, pois que, foi necessário instalar uma das melhores centrais de tratamento de águas do País, cujo encargo até esta data está em 2.800 contos. Para fazer face a esta despesa, dados os poucos recursos da Câmara, esta foi obrigada a recorrer a um empréstimo na C. G. D., cuja amortização está ainda a menos de metade e custa 65.000\$ anuais.

Se atendermos a que são 170 consumidores de água os existentes nesta vila cabe-lhes uma quota individual de 165 contos não contando com qualquer despesa de exploração.

Será pequeno o sacrifício do concelho?

É conveniente, por outro lado que o público se aperceba que este serviço traz encargos à Câmara, pois a sua exploração é deficitária. Isto significa que esse deficit é coberto não por aqueles que usufruem os benefícios da água, mas por todos os contribuintes do concelho.

Quer isto significar, que mesmo assim, para que o autor dessa notícia possa ter essa água é necessário que os outros contribuintes,

por não morarem em Mértola e não terem, por conseguinte, rio Guadiana, embora bebam água de poços de mergulho, venham contribuir com os seus impostos.

Mas, a maior admiração que nos causou a notícia foi a de o autor da nota que diz e muito bem que o rio Guadiana tem um caudal de muitos metros cúbicos por minuto, não ir buscar a esse rio em condições mais económicas essa água, mas, porque o rio ainda fica longe e essa água não está devidamente higienizada, pasma-se se se pensar que no centro da vila há um chariz com água precisamente igual à distribuída pela Câmara, proveniente da mesma rede e que esse munícipe não a vá buscar pois que, na ansia de acabar com qualquer reclamação justa a Câmara até hoje não pôs em vigor, como a lei lhe exige, o regulamento definitivo de distribuição de água, pelo qual todos os habitantes de prédios com certo rendimento, são obrigados a utilizar a água da rede de distribuição.

Na vila de Mértola, só gasta água quem quer, e enquanto quer, mas uma vez que fez contrato com a Câmara obriga-se a cumprir as cláusulas do mesmo que exige o cumprimento do estudo económico a que atrás se faz referência.

A comparação entre o açúcar do comerciante e a água da Câmara é de uma grande infelicidade, porquanto o comerciante nunca vende mercadoria mais barata do que lhe custa e a água referida na notícia é, como acima fica exposto por preço inferior ao seu custo.

Vamos agora dizer algumas palavras sobre o plano de urbanização que igualmente vem focado na notícia a que já fiz referência.

Com o pedido de esclarecimento feito através do jornal o munícipe teve certamente em mente diminuir aos olhos do público a boa vontade que a Câmara sempre tem posto em abreviar a solução e a aprovação final do antepiano de urbanização desta vila, elaborado há três anos e enviado às instâncias superiores nessa data.

Mais uma vez se lembra que em Mértola tudo deve correr em condições iguais ao resto do País, sendo do conhecimento de todos que esses planos onde quer que estejam aprovados levaram sempre vários anos entre a elaboração e a aprovação final dos mesmos.

Neste meio tempo as dificuldades

de construção são sempre grandes mas, devo esclarecer, que para o concelho de Mértola, as construções urbanas requeridas antes da elaboração do plano não atingiram uma por ano.

Verdade seja que os cinco interessados que neste meio tempo mostraram desejo de construir em Mértola, se o não fizeram, foi mais por terem pretendido essas construções fora da área do plano do que por outras questões burocráticas.

A Câmara proprietária de muitos terrenos em redor da vila suspendeu as vendas até que as instâncias superiores se pronunciem a favor do plano elaborado.

Uma vez que tal aconteça serão postos à venda tantos talhões quantos os necessários para satisfazer todos os pedidos.

Aproveita-se a oportunidade para esclarecer o autor da nota que nesta Câmara são prestadas todas as informações que lhe forem solicitadas por qualquer munícipe interessado nos problemas da administração, pelo que futuramente quando qualquer dúvida atormente o seu espírito não tem mais do que dirigir-se à Câmara, expor as suas dúvidas que, qualquer funcionário, prontamente o atenderá e resolverá os problemas que lhe forem presentes.

Esta forma de proceder parece-me mais consentânea com a orientação seguida na Câmara de Mértola, além de que evitará a ocupação do precioso espaço do semanário de Vila Real de Santo António.

Muito grato pela atenção dispensada a este meu pedido de publicação, aproveito a oportunidade para apresentar a v. as minhas sinceras desculpas pelo precioso tempo que ocupei a esse jornal.

Apresento a v. os meus melhores cumprimentos.

A bem da Nação
Paços do Concelho de Mértola
aos 16 de Março de 1961

O presidente da Câmara,
Eduardo José Raposo

N. da R. — Apenas um esclarecimento: não tem o sr. presidente da Câmara de Mértola que nos pedir desculpas pelo espaço e tempo que se ocupa e gasta em assuntos de interesse público? É para zelar, agitar, defender e esclarecer o interesse público que devem existir os jornais, além da sua função informativa indispensável e fundamental.

O ajardinamento de Olhão

OLHÃO — No vasto plano de melhoramentos que vai ser levado a efeito nesta vila há que destacar o interesse posto pelo vereador do pelouro dos jardins no embelezamento de alguns recantos de jardins e avenidas com árvores e plantas ornamentais. Já foram postas novas árvores nos passeios da Rua 18 de Junho e também nos arruamentos da nova zona industrial da doca onde vão ser construídos o edifício da Capitania do Porto e outras repartições do Estado.

Também o extenso canteiro do Largo da Alfândega, onde vão ser postas árvores, vai sofrer melhoramentos entre elas a abertura de um passeio ao centro, a fim de ligar as ruas próximas, o qual será murado para evitar que os transeuntes «distraídos» danifiquem as plantas.

Mas em contrapartida, temos a lamentar que muito em breve vai ser mutilado o aprazível Jardim João Serra, nome que recorda um valente olhanense que morreu na Grande Guerra, em 1918, para naquele local ser construído o Palácio da Justiça. Com o desaparecimento deste jardim fica a população privada de um cantinho florido

Pedro Bento de Azevedo, Sucrs., Lda.

AGENTES DE NAVEGAÇÃO—LINHAS REGULARES PARA U. S. A., FRANÇA, ITÁLIA E INGLATERRA REDES /// SEGUROS /// CARVÕES

Telefones: 31, 297 e 409 Apartado 11

PORTIMÃO

COZINHEIRA

Precisa-se, de 25 a 35 anos.

Informa-se nesta Redacção.

Vasilhame

Vendem-se barris, cascos, tonéis e diverso material de adega.

Dirigir a Marcelino Inácio Teixeira — Avenida Dr. Bernardino da Silva — Olhão.

Prédios

Vendem-se, situados em Olhão, na Rua Vasco da Gama, n.º 1 e 2 a 6.

Dirigir a Vitoriano de Brito Barrote — Olhão.

VIÚVA VASQUES AZEVEDO, MARTIN NAVARRO & C.A, L.DA

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

Agências, Comissões, Consignações, Conta Própria, Seguros e

SUBAGENTES DE NAVEGAÇÃO

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Telefs. { Residência 192 • Telegramas: ODEVEZA • Apartado 29 } Escritório 69

O ASTUCIOSO

Por ATAÍDE DE OLIVEIRA

Havia em tempos antigos um casal com três filhos do sexo masculino. O mais velho destes era um homem valente e destemido; o do meio não era tão valente como o seu irmão mais velho, mas muito mais forte do que o seu irmão mais novo, que não passava dum rapaz franzino e débil, embora dotado de muita astúcia e manha.

Como o pai fosse muito pobre, pois que apenas possuía uma cabana junto do mar, no local que hoje se acha ocupado pela Fuseta, que, nesses tempos, ainda não existia, resolveu o filho mais velho, logo que chegou à maioridade sair da casa paterna em procura de trabalho. Saiu pois e foi correr mundo, chegando a um palácio a cuja porta bateu por intermédio de um argolão de ferro, que pesava algumas arrobas.

Apareceu-lhe um gigante e perguntou ao rapaz o que queria.

— Ando em procura de trabalho e venho saber se me tomam ao serviço.

— Sim, podes entrar, mas vais guardar porcos. Lembra-te, porém, de que se deixares que os lobos me comam alguns, pagarás com a cabeça.

— Mas eu não trago armas comigo para me livrar das feras — observou o rapaz.

— Dou-te as armas que quizeses — respondeu o gigante.

Entrou o rapaz ao serviço do gigante e no dia seguinte levou a pastar oito porcos, indo ele bem armado. Ao escurecer desse dia e quando o criado acompanhava os suínos para casa, saíram-lhe ao caminho três lobos, que o rapaz diligenciou matar, como realmente matou, mas, enquanto ele brigava com os três lobos, outros roubaram-lhe e mataram-lhe dois porcos, de forma que apenas levou para casa seis. O gigante contou os

porcos e dando pela falta de dois, matou o criado e dependurou a roupa, que ele vestia, num cabide.

Tempos depois chegou o filho do meio à maioridade e pediu ao pai licença de ir em procura de trabalho, na esperança de encontrar o irmão. Obtida a licença, foi dar ao mesmo palácio, onde teve a sorte do seu irmão mais velho.

Finalmente quando o filho mais novo atingiu a maioridade, foi também correr mundo, não obstante os seus pais o dissuadirem disso, atendendo ao estado sempre melindroso da sua saúde.

Foi ele dar ao mesmo palácio e bateu à porta, erguendo o argolão com muita dificuldade.

— O que queres? — perguntou o gigante abrindo a porta.

— Saber se precisas dum criado.

— Preciso de um para guardar porcos, mas é preciso que sejas cuidadoso, porque, se os lobos roubarem algum, mato-te.

— Nunca tive medo dos lobos, antes eles me temem.

O gigante ficou pasmado desta resposta e mandou entrar o rapaz.

Entrou ele e pôs-se logo a observar o interior do palácio. Viu que a mulher do gigante tinha as mesmas proporções do marido e notou que num cabide estavam dependurados dois fatos de seus irmãos.

No dia seguinte saiu ele com os porcos ao pasto junto de uma ribeira, colheu um ramo de aloandro e dele fez uma gaita em que tocou todo o dia. À noite, quando recolhia, saíram-lhe ao encontro dois lobos e roubaram-lhe dois porcos. O rapaz pouco se importou com isso e continuou a tocar a sua gaita até entrar no palácio. Chegou o gigante e achou falta de dois porcos. Encolerizou-se e gritou:

— Vais morrer que deixaste roubar dois porcos.

— Para que são tamanhos gritos? Os porcos saíram com minha licença e não tardarão a voltar.

O gigante menos irado disse: — Pois os lobos não os comeram?

— Qual comer nem qual história! Os lobos já me conhecem e nenhum se atreveria a aproximar-se de mim.

O gigante calou-se e foi contar à mulher a resposta do criado, acrescentando: ou o rapaz é um grande valentão ou um grande intrujão. É necessário que o espreitemos. Começo a ter receio dele. Nessa noite a mulher do gigante pôs-se de espreita ao rapaz e este que ouvira o que o gigante dissera à mulher, durante a noite, fingindo-se a sonhar, não fazia mais do que arrotar pos-

tas de pescada, gabando-se de proezas que nunca praticara.

Foi a mulher estar com o marido e disse: Tens razão, o criado é muito valente. Tenho-lhe medo.

No dia seguinte foi o criado guardar os porcos; os lobos papararam-lhe mais dois. O gigante enfureceu-se, mas o rapaz deixando de tocar, pôs-se a manganar com o gigante dizendo que os porcos tinham-se afastado com sua licença e em breve voltariam. Ora no dia seguinte era domingo, dia em que marido e mulher se divertiam em atirar à barra. Colocados ambos num ponto elevado atiravam a barra, excessivamente pesada, pela praia fora, pois que o palácio estava situado junto do mar.

Enquanto o gigante atirava à barra estava o criado a rir.

— Do que te ris? És capaz de atirar esta barra de ouro mais longe?

— Sou — respondeu o criado.

O rapaz dirigiu-se ao lugar em que os dois estavam e antes de pegar na barra, voltou-se para o mar e pôs-se a manobrar o braço para a direita e para a esquerda.

— O que fazes tu?

— Estou a fazer sinais às embarcações para que se retirem, porque a barra de ouro vai cair-lhes sobre a tolda ou no meio do mar.

— Isso é que não! Minha bela barra de ouro! — exclamou a mulher do gigante agarrando-se à barra.

Desta saiu-se bem o criado.

Na semana seguinte não saiu o criado com os porcos, dando por desculpa que estes não queriam

sair sem que chegassem os seus colegas ausentes. No sábado saiu o nosso manhoso, apanhou uma perdidiz viva e levou-a às ocultas para o palácio, escondendo-a num lugar oculto.

No domingo quando os gigantes se puseram a brincar no jogo da barra de ouro, podes mostrar as tuas forças, experimentando qual de nós atira uma pedra mais longe.

— Atire você a pedra lá de cima, que eu a atiro cá de baixo. O partido é a seu favor — respondeu o rapaz.

O gigante atirou uma pedra que pesava mais de dois quilos e atirou com ela muito longe.

O rapaz pegou cá de baixo na perdidiz que estava coberta de pó das estradas e atirou com ela ao ar. A uma certa altura a perdidiz sacudiu o pó que veio cair nos olhos do gigante, e voou até desaparecer.

Então disse o gigante para a mulher atônita: A pedra foi com tanta força que até fez fumo no ar; ninguém mais a viu.

— Ela se desfez, porque a terra caiu-me nos olhos — observou ela cheia de terror.

Daí em diante andava o gigante com medo do rapaz e este espreitava-o constantemente.

Em uma noite disse o gigante para a mulher:

— É necessário que o criado morra esta noite.

— De que modo? Vê lá no que te metes!

O criado dorme debaixo do alcapão que fica no sobrado. Fiz no sobrado um grande buraco por onde podem passar ao mesmo tempo duas grandes pedras de moer farinha nos moinhos.

«Quando sejam horas de ele estar adormecido, lança cá de cima sobre ele as duas pedras.

A mulher aprovou o plano, que o criado ouvira.

Nessa noite, ao deitar-se, deixou a cama no mesmo sítio mas ele foi deitar-se a um canto. Já noite alta foram as duas pedras atiradas ao mesmo tempo sobre a cama do rapaz. As pedras encontraram-se e formaram como uma abóbada sobre a cama: uma inclinada à outra.

O rapaz notou que as pedras estavam bem seguras e deitou-se na cama sob as pedras em arco.

No dia seguinte de manhã cedo foi o gigante espreitar o que tinha sucedido ao criado. Abriu a porta do alcapão e disse:

— Rapaz!

— O que quer, patrão?

— Sucedeu-te alguma coisa?

— Cairam lá de cima duas pedrinhas que apanhei no ar e fiz delas uma cabanita sobre a cama. Ao menos já não me cai sobre a cara o pó do sobrado.

O gigante ficou espantado com a resposta. Saiu e foi contar tudo à mulher.

A mulher respondeu:

— Estamos em grande perigo. Parece-me que é melhor despedirmos o criado, embora tenhamos de lhe pagar bem.

— Faz-lhe a proposta — disse o marido.

Nesse dia disse a mulher do gigante ao criado:

— Saímos qualquer dia e tu não podes acompanhar-nos. Por isso prepara-te para sair.

— Eu só saio se me der três machos carregados de ouro — respondeu o rapaz.

— Foi essa a nossa tenção.

Carregaram três machos de dinheiro em ouro e o bom do rapaz saiu do palácio maldito. Haveria uma hora que ele saíra com os machos, disse o gigante para a mulher:

— Sair aquele mariola com grande parte das nossas riquezas sem com ele experimentar as minhas forças!... Vou em sua perseguição.

— Não faças isso homem; pois

já te esqueceste das pedras que ele apanhou no ar, estando deitado?

— Seja como for. Se ele me matar é o mesmo. Vou.

E o gigante saiu a correr, não se importando com as lágrimas da sua cara-metade.

Lá adiante viu o rapaz que o gigante vinha atrás dele, embora a grande distância. Meteu imediatamente as três cavalgaduras num mato muito espesso, e ele saltou para a estrada, cruzou os braços e pôs-se a fitar o céu.

O gigante chegou a um ponto de onde avistou o rapaz. Sentiu-se estremecer e logo perguntou:

— O que fazes aí parado a olhar para o céu?

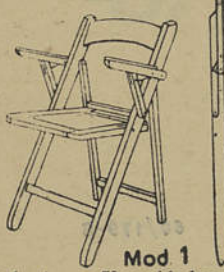
O rapaz respondeu muito naturalmente:

— Estou à espera dos machos. Andavam pouco, atirei a cada um com a ponta do pé, e lá andam pelos ares. Naturalmente há-de chegar o que primeiro apanhou a pancada.

O gigante não quis ouvir mais nada. Voltou a correr para o palácio. O rapaz chegou com as cavalgaduras carregadas de ouro para casa do pai, que foi o tronco da colónia que fundou a Fuseta. E por isso que a lenda diz que a origem da riqueza da Fuseta consiste nos três machos de ouro do célebre gigante.

CADEIRAS ARTICULADAS

Para praia, campo, cafés, esplanadas, sociedades de recreio, circos, etc. — Comodidade aliada à elegância e simplicidade — Fabricadas com madeiras secas e de boa qualidade — Acabamento perfeito — Fácil arrumação: as cadeiras do mod. 1, empilhadas a 2 m 50, equivale a 50 unidades, ocupam somente a área de 1/2 m².



Mod 1

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

Av. da República, 119

Vila Real de Santo António

Mário S. Vargas & C., L.^{da}

Cortiças em:

Pranchas,

Refugos,

Aparas

e Virgem

TELEFONE 15

S. MARCOS DA SERRA

GANHE MAIS DINHEIRO NAS SUAS COLHEITAS

UTILIZE O
SULFATO DE AMÓNIO



QUE SENDO BEM RETIDO NO SOLO,
NÃO É ARRASTADO POR LAVAGEM
E, NITRIFICANDO-SE GRADUALMENTE,
FORNECE ÀS PLANTAS UMA ALIMENTAÇÃO AZOTADA PERMANENTE.

C.

L.

C.

Visado pela delegação
de Censura

O Grupo de Teatro do Circulo Cultural do Algarve

(Conclusão da 9.ª página)

tulu um dos maiores êxitos dos amadores farenenses. Tendo como cenário a fronteira sul da Sé Catedral e com uma encenação bastante original, aliando a estes elementos um excelente nível interpretativo do conjunto, os milhares de pessoas que no local assistiam a tão singular realização, aplaudiram justamente o encenador, actores e colaboradores. Tomando parte no I Concurso de Arte Dramática do S. N. I., escolheu o Grupo de Teatro do Circulo Cultural do Algarve a clássica tragédia de António Ferreira, «Castro». O espectáculo desse ano (1959) desenrolou-se no claustro dum antigo convento (no Largo Afonso III), atingindo grande beleza e levando o grupo às finais do concurso, no Teatro da Trindade, em Lisboa. Lutando com dificuldades, provenientes da adaptação ao palco dum espectáculo representado pela primeira vez ao ar livre, mereceu da crítica da Imprensa diária o elogio do seu valor tendo o juri atribuído o Prémio Ferreira da Silva ao Grupo e o Prémio António Pinheiro ao seu encenador dr. Emilio Coroa.

Em 1960, levou à cena a peça do conhecido dramaturgo John Steinbeck — «Ratos e Homens», representada no Cinema Santo António e que viva controvérsia então suscitou. Alguns novos elementos foram chamados a actuar, marcando a agradável presença. Nesse mesmo ano, o Grupo de Teatro do Circulo apresentou-se no Concurso do S. N. I. com o original de Bernardo Santareno, um dos nomes mais válidos da moderna dramaturgia portuguesa, «O crime de Aldeia Velha», que então nestas mesmas colunas referenciámos. Apurado para a fase final, aí foi atribuída uma menção honrosa ao conjunto e outra ao jovem amador João Capela Coelho.

É interessante frisar que de há longo tempo vem este elenco trabalhando na montagem da peça «A cotovia», a que factores vários ainda não permitiram a primeira apresentação, marcada para a próxima temporada, em que está pre-

visto também um Festival Tchekov. Para o próximo Concurso de Arte Dramática, vai o Grupo ensaiar a Trilogia das Barcas, de Gil Vicente. A toda esta louvável actividade, há a acrescentar uma série de oito conferências sobre temas teatrais, que o Grupo de Teatro do Circulo promoveu e a activa participação no filme, entre nós realizado, e a que oportunamente nos referiremos, «Infante de Sagres», realização do director artístico do conjunto, sr. dr. Emilio Coroa, com a parte técnica confiada ao sr. António Matos Cartuxo e o papel de Infante ao amador Aurélio Madeira. A película, cuja primeira projecção está prevista para Maio próximo, terá a duração de 40 a 50 minutos e foi realizada em «eastman-color».

Por tudo o que a favor do teatro em Faro tem feito e muito tem sido, bem haja o Grupo de Teatro do Circulo Cultural do Algarve.

JOÃO LEAL



As pilhas mais feitas e de maior durabilidade

Para Rádios caseiros, individuais e de bordo, iluminação, etc.

Distribuidores:

RÁDIO STAR
Rua de S. Nicolau, 56—LISBOA
Telefone 369637

VENDE-SE

Automóvel Peugeot 202, em bom estado.

Dirigir a João Gomes Carlota — Avenida da República — Vila Real de Santo António.

EM DIA DE ANOS

EM dia de anos, passada bem a casa a pano, limpos os amarelos, cheirando bem as paredes a cal fresca, colocadas flores nos recantos estratégicos a engrinaldar de graça o asseio que ressuma e entra nos sentidos, convidam-se os amigos para o jantar da festa.

Tomado assento no mais humilde lugar que me pertenceu neste dia invulgar da Imprensa regionalista e esperando a minha vez de saudar o homenageado, eis que ousou arengar pela forma seguinte: Jamais o oco das palavras traz o efeito dos actos, porque este repercutindo-se continuamente por lugares nunca imaginados, a todos esses esquecidos leva um sopro de auxílio, ao passo que as palavras, circunscrevendo-se directamente aos factos mais próximos, descobrindo assim a profundidade do bem ocasionado, são injustas por insuficiência e vulgares.

Atrás de mim ponho então toda a provincia do Algarve, nesta hora, a alardear, com verdade e com orgulho, quanto sangue novo lhe foi insuflado nas veias, quanto progresso hoje ajuda a erguer as ruínas em que se derrocava a mais linda Provincia de Portugal, desde que este impetuoso e desassombrado Jornal do Algarve veio para a luta pelo lugar a que temos direito, agitando o charco onde velhas e barrigudas rãs, com barbas de Adamastor, já se encontravam cansadas e roucas de dizer que tudo estava bem.

Ele chegou e disse que tudo estava mal.

Bem se sabe que foi atrevimento inqualificável lançar tal nota discordante no ranceiro coro, clássico de medievalismo. Mas se foi caso de uma mirada desprezante de soláio, por parte desses decrépitos cantores, a nota discordante no acorde eterno em que se afundava a Provincia, essa dissonância fez agitar discrepantemente a superfície do charco e acordar um perdido

sentido de amor e de dignidade em todos os algarvios de boa cepa.

A nota por estridula acabou sendo ouvida pelos directores superiores que franziram as sobrancelhas em face do insólito pio. Porém confrontado este com as linhas mestras da partitura e verificado que estava certo, eis que as velhas rãs agastadas tratam, embora roucas, de afinar pela nota do intruso, rápida e de qualquer maneira, pois que era afinal a única coisa a fazer.

Mas quem lhes encomendou tal esforço? Bem podiam continuar incensando e salmodiando os seus eternos amuletos, limpando os interstícios de seus talheres, que a Provincia acordaria na mesma.

A nota do Jornal do Algarve a Provincia agita-se, respira, os empreendimentos assomam, direitos são defendidos, regalias conquistam-se, as lindas mouras despertam nos encantos e iniciam a cantar embelezadamente uma prosperidade que começa de se concretizar e definir.

Isto que se fez foi jornalismo. Geram os prelos do Jornal do Algarve mas geram também e caíram quebrados os velhos moldes em que se tirariam iguais todos os dias do mundo desta linda Provincia.

Geram esses prelos e a Imprensa viveu de facto, e deu seus benfazejos frutos.

Parabéns amigos.

Sebastião Leiria

A Fuseta flagelada por uma tromba de água

Uma tromba de água desabou sobre a Fuseta e imediações, destruindo alguns barcos de pesca e causando outros danos. O local foi visitado pelo sr. comandante Carlos Pacheco Pinto, capitão do porto de Olhão, que prometeu auxiliar os sinistrados.

Apresentamos a melhor colecção de Verão em tecidos estampados para senhora.

TRINDADE COELHO, HERDEIROS, L. DA

Telef. 8

Vila Real de Santo António

ECONOMIA

OS NOSSOS VINHOS

NO ano findo a exportação dos vinhos portugueses totalizou 157.434 milhares de litros, no valor de 687.496 contos. Os principais compradores foram: Angola, 164.783 contos; Reino Unido, 115.993; Moçambique, 81.267; França, 60.708; Bélgica-Luxemburgo, 42.131 e República Federal da Alemanha, 39.104 contos. Os maiores compradores de vinhos do Porto foram o Reino Unido (109.696 contos) e a França (59.880 contos); de vinhos comuns, tintos, Angola (112.202 contos), brancos, Moçambique (41.056 contos) e de vinhos licorosos não especificados, o Canadá (4.034 contos) e Angola (3.841 contos).

O principal comprador de aguardentes preparadas vnicas foram os Estados Unidos que adquiriram 520.000 litros, no valor de 4.820 contos.

Alguns curiosos números

estatísticos

No ano findo entraram no País 274.214 relógios, no valor de 45.256 contos, não figurando na estatística evidentemente, os que transpuseram a fronteira por processos ilegais. Apesar de todos gritarem que somos um país cerealífero, importámos o ano passado 117.056 toneladas de trigo pelas quais pagámos 226.992 contos. Quanto a pastas para o fabrico de papéis estamos a ganhar porque pagámos pelas que importámos 133.418 contos e vendemos 145.368 contos, tendo sido o nosso principal fornecedor a Suécia e o nosso maior comprador a velha aliada. Em folha de flandres (que será feito dos capitais investidos na projectada fábrica de Matosinhos?) gastámos 222.085 contos, cabendo a parte de leão à França, com 116.800 contos. Em aparelhos receptores de radiodifusão dependemos 128.781 contos, correspondentes a 153.565 aparelhos, o que demonstra que cada vez somos mais curiosos do que se passa para além-fronteiras porque certamente não foi para ouvir chorrilhos de anúncios que alguém desembolsou um vintém. Em veículos automóveis, incluindo os de carga, gastámos apenas 627.068 contos, o que dá a ideia das possibilidades das nossas bolsas que ainda se alargaram para despendem em receptores de televisão 57.655 contos.

E já agora para animar a paisagem económica, diremos que a nossa importação somou, no ano findo, 15.636.162 contos e a exportação 9.353.766 pelo que registamos o saldo negativo de 6.282.396 contos. Não será animador o resultado do exercício, como se diz em linguagem comercial, mas o nosso optimismo chega para colmatar todas as frestas da crosta económica do País. O que é preciso é não deixar esfriar o optimismo!

Situação do mercado conserveiro

Em Trapani (Sicília) o atum em azeite de importação, transaccionase a Lit. 540/560, o quilo; idem de produção local, Lit. 850/890 o quilo, estando o mercado activo. As anchovas salgadas, vendem-se a Lit. 335/400 o quilo, mercado regular; e os filetes de cavala em azeite, Lit. 600, o quilo, mercado activo. Foram desembarcadas mais de cem toneladas de atum pescado por barcos japoneses.

No mercado de Bruxelas as ofertas de sardinha portuguesa são raras, regulando os preços entre 490 e 500 frs. b. a caixa de 1/4 club 30 mm. C & F Antuérpia. Da ilha da Madeira foram recebidos filetes de cavala que se transaccionam a cerca de 780 frs. b., a caixa de 1/4 club 30 mm. C & F. Antuérpia.

Como obter

Juntando aveia germinada na ração alimentícia das aves, na proporção de 20 por cento do peso habitual que se dá às poedeiras, verifica-se um aumento na postura, especialmente no período hibernal, quando a mesma diminui. A preparação é simples: todas as noites colocar-se-á num saco a quantidade de aveia para a ração de um dia e submerge-se a mesma em água quente para favorecer a germinação. No dia seguinte a aveia, inchada, espalha-se num lugar quente, cozinha ou estábulo e ao terceiro dia, germinada, está em condições de ser dada às aves. Uns dois quilos de aveia por dia bastam para umas cem galinhas.

Indústria de conservas grega

A indústria de conservas grega tornou-se, no após-guerra, um importante ramo de actividade do país. A par de algumas empresas trabalhando na base de cooperativas, existem na Grécia presente-mente 16 grandes fábricas de conservas, particulares, equipadas com instalações modernas e empregando um total de mais de 5.000 operários. Avalia-se a produção anual de conservas em mais de 18.000 toneladas, das quais cerca de 50% são de pasta de tomate. Segundo as estatísticas do Ministério do Comércio, a Grécia exportou em 1959 um total de 2.842 toneladas de conservas de legumes e de polpa de tomate, assim como de conservas de frutas e polpa, no valor de cerca de 24,25 milhões de drámas, contra 2.212 toneladas, no valor de cerca de 18,78 milhões em 1958. A exportação de conservas de peixe é ainda pequena mas pensa-se que dentro em pouco será ampliada e desenvolvida. Neste sentido, nota-se por parte dos exportadores o pedido de medidas apropriadas, a fim de verem melhoradas as suas condições de concorrência, tais como a eliminação dos direitos alfandegários de exportação, e, também, a produção nacional de materiais acessórios, principalmente de lata branca. Segundo a nova pauta alfandegária grega, a importação de peixe congelado é aplicado um direito protecção de 20% do valor CIF, e a importação de peixe fresco, um direito entre 15 e 30%. E, também, pedido que para o peixe, quer fresco quer congelado, destinado à fabricação de conservas, haja isenção daqueles direitos.

Produção turca de figo

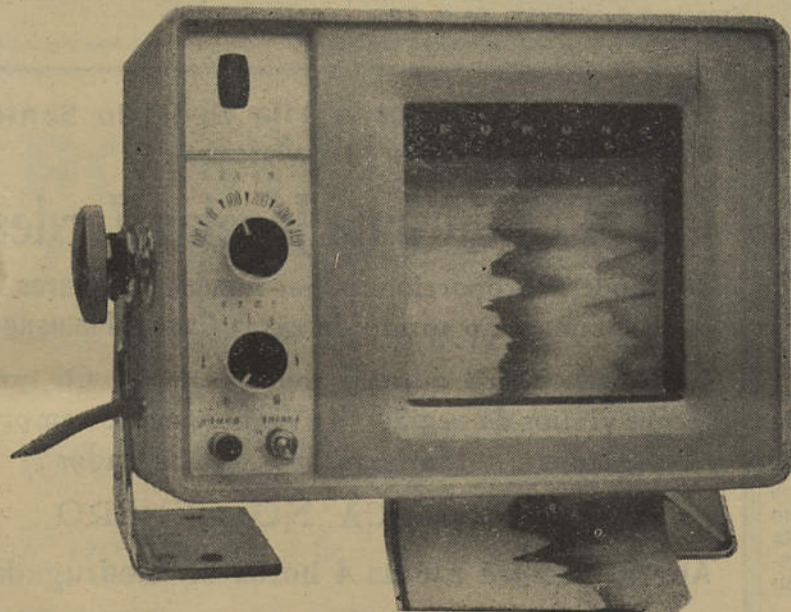
Como no ano passado, a colheita de figos turca atingiu o montante de 40.000 toneladas de figos de boa qualidade, própria para a exportação. Subtraindo a quantidade de figos destinados ao consumo nacional, sobram para a exportação, quando muito, 30.000 ton. de figos secos (inclusive figos para a indústria de conservas e pasta). Desde o início da campanha de fomento de exportação, em Agosto do ano findo, registaram-se, até Outubro passado, negócios sobre 18.102 ton. de figos secos, 4.857 ton. de pasta e 2.575 ton. de figos para a indústria de conservas, no valor global de 4,74 milhões de dólares, principalmente com países da CEE e da área do dólar. A seguir à França, a República Federal ocupa o segundo lugar entre os países compradores de figos secos. Até agora, os negócios no mercado de figos têm sido extremamente bons. A grande procura nacional de figos, determinada pelo preço elevado do açúcar, levou os compradores estrangeiros a cobrirem muito cedo as suas necessidades. As sobras de figos secos atingem cerca de 5.000 ton. e serão vendidas sem dificuldade até ao fim da campanha. Caso se consiga exportar a maior parte da colheita de figos, as divisas corresponderão mais ou menos às da exportação do último ano (30.500 ton. no valor de 5,5 milhões de dólares).

Diversas

No dia 1 de Janeiro do ano corrente a frota holandesa de pesca do alto mar compunha-se de 772 unidades, com 74.159 ton. brutas. Na mesma data a frota de pesca do lago de Yssel contava 472 unidades, com 7.594 toneladas e a frota de pesca costeira 1.743 barcos, com 21.973 ton.

FURUNO

SONDAS JAPONESAS DE QUALIDADE SUPERIOR



SONDA FURUNO TIPO «F-701

APRESENTA A SONDA «F-701» ESPECIALMENTE CONCEBIDA PARA A PESCA DA SARDINHA

3 MODELOS À ESCOLHA POR BAIXO PREÇO ESC. 20.000\$00

MODELO	ALCANCES	SONDAGENS POR MINUTO
F-701 A	0-200 metros	900
	0-50, 50-100, 100-150, 150-200 metros	225
F-701 B	0-400 metros	450
	0-100, 100-200, 200-300, 300-400 metros	112
F-701 C	0-200 braças	500
	0-50, 50-100, 100-150, 150-200 braças	125

CONSULTE OS DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

Soc. de Reparações de Navios, Lda.
GINJAL, 33 ♦ CACILHAS ♦ Telefones: 07 00 45 / 07 00 97 / 07 06 77

AGENTES NO ALGARVE: AGÊNCIA COMERCIAL E MARÍTIMA DO SUL

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — Telef. 76



TRIUMPH

uma maravilha da indústria alemã

AJ Mecanográfica

Máquinas de escrever
Somadoras
Calculadoras
Contabilisadoras

OFICINAS DE REPARAÇÕES

Artigos de Menage e de Pesca Desportiva

ANTÓNIO GONZALEZ

Rua Dr. Oliveira Salazar, 15

Telefone 119

FARO

A OBRA DOS Jardins-Escolas João de Deus

Recebemos o relatório e contas da gerência do ano findo da benemérita Associação dos Jardins-Escolas João de Deus no qual se circunstança a actividade desenvolvida por esta instituição. As suas 14 escolas, duas das quais na Figueira da Foz, tiveram a frequência, durante o ano lectivo, de 1.072 alunos dos quais prestaram provas 915. O número de sócios é de 524. Espera-se que este ano comecem as obras do segundo Jardim-Escola de Lisboa para o qual a benemérita Fundação Calouste Gulbenkian concedeu um avultado subsídio, esperando-se também a inauguração no corrente ano do segundo Jardim-Escola de Tomar.

«Na questão financeira — diz o relatório — foi-nos grato verificar que o saldo negativo de 124.328\$25 registado entre as despesas que ascenderam a 2.868.127\$71 e as receitas que totalizaram 2.743.799\$46, é largamente compensado, tendo em conta que foram aplicados 600.151\$56 em construções e obras novas, 24.651\$00 na aquisição de mobiliário, 41.315\$50 na aquisição de utensílios e 6.847\$40 em livros, valores que, transitando em activo nas contas de exploração, resultam no enriquecimento do Património da Associação, por forma sensivelmente superior ao saldo já aludido, o que dá a imagem perfeita da zelosidade e inteligente administração realizada».

Câmara Municipal de Olhão EDITAL N.º 60

Domingos Reis Honrado, Presidente da Câmara Municipal de Olhão:

Faço saber que, de harmonia com a deliberação tomada em reunião de 1 de Março de 1961, no dia 12 de Abril do ano em curso, pelas 15 horas, se procederá, na sala das reuniões do edifício dos Paços do Concelho, à arrematação, em hasta pública, do exclusivo de exploração da estrumeira municipal durante um ano.

A base de licitação é de . . . 40 000\$00

E para conhecimento geral se publicou o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do costume.

Paços do Concelho de Olhão, aos 18 de Março de 1961.

O Presidente da Câmara,

Domingos Reis Honrado

Cine-Foz

Vila Real de Santo António

Domingo, *Os irmãos Kará-mazov*, com Yul Brinner, Maria Schel, Claire Bloom e Lee J. Cobb. Um filme magistral extraído da obra-prima do célebre escritor russo Dostoyewsky. (Para 17 anos).

Terça-feira, *Fuga desesperada*, com Richard Widmark, Lee J. Cobb e Tina Louise. Um filme de emocionante intriga e palpitante suspense. (Para 17 anos).

José Isidro Vieira Construtor civil em Armação de Pera

Informa que se encarregará de todas as obras de construção civil com esmerado acabamento

Fornecer orçamentos grátis e tem em depósito todos os materiais de construção.

Preços sem competência

Funcionários da «Sonap» receberam emblemas de serviço

Durante um jantar na sede do Grupo Desportivo da «Sonap», foram entregues emblemas comemorativos a vários empregados e assalariados que no ano findo completaram 25, 20, 15 e 10 anos de serviço.

Presidiu o administrador daquela empresa, sr. Manuel Boulosa, ladeado pelos administradores srs. dr. Francisco de Castro Caldas e eng. Albano Homem de Melo, todos os directores, o secretário-geral da empresa, e ainda pelos colaboradores que desde a primeira hora ali trabalham. Aos brindes falaram o sr. Manuel Boulosa e, por si e pelos colegas distinguidos, o sr. Bernardino Franco.

Os funcionários que completaram 25 anos receberam, ainda, um relógio de ouro, lembrança da administração da «Sonap».

José Nobre Ruivo

— Telefone 20 —

S. Bartolomeu de Messines

Solas, cabedais e grande sortido de artigos de sapateiro. Ferragens agrícolas e grande stock de ferramentas. Tintas e vernizes. Vasilhas de madeira. Parafusos, pregos, arames, arcos, chapas, etc. —

GAZCIDLA - Fogões e esquentadores

— Artigos de caça —

MOBILADORA MODERNA

DE

Luis do Carmo Lima Armação de Pera

Tem em exposição na sua casa, Rua Dr. Manuel de Arriaga, ao dispor de V. Ex.ª, todo o sortido de mobiliário moderno e do melhor acabamento. Executa todos os trabalhos de carpintaria e marcenaria. Visitai esta casa.

ALFREDO DE CAMPOS FAÍSCA

Carros de Mão Metálicos
Foices, Verdugos e tipo R. S.
Móveis de Ferro
Machadinhas
Traçadores p/ Verde
Sachos
Martelos

Ferragens, Drogas, Tintas
Ferro, Aço, Solas e Cabedais
Agente da
Oliva e Robbialac
Rua Sousa Martins, 78

— Telefone 143 —



FÁBRICA — Telefone 13
CASTRO MARIM

CARAVELA

Casa de Novidades

Grande sortido de utilidades, artigos regionais, ferros forja — dos artísticos —

AGENTE DOS RELÓGIOS «RODINES»

Rua Teófilo Braga, 56

— Telefone 139 —

Vila Real de Santo António

A pesca japonesa de tuni-deos e os processos usados

○ Japão é o país que mais progressos tem feito na pesca do atum, à qual deu extraordinário incremento a partir de 1930. A pesca do bonito e da albacora é praticada por meio de cana, linha e anzol com isco vivo. Este é constituído por «sardinhita» que se conserva em viveiros. As embarcações estão apetrechadas com bombas de grande pressão que agitam constantemente a superfície da água, impedindo os peixes de ver o engano do anzol. É uma pesca muito rendosa, obtendo-se maiores capturas quando o céu está nublado, o que limita a visão do bonito ou do atum.

Na pesca de profundidade empregam os japoneses o palangre, processo que devia dar bons resultados na costa algarvia para a captura do atum de revés. A construção do palangre e a profundidade a que se lançam os anzóis diferem, segundo a espécie de atum que se deseja capturar e também conforme as condições oceanográficas, as épocas, os lugares, a temperatura das águas, etc.

Os barcos dispõem muitas vezes de 300 a 400 palangres que medem cada um 300 a 500 metros de comprimento. Cada palangre tem cinco a sete ramais e aqueles são ligados uns aos outros, formando um dispositivo que totaliza às vezes mais de 50 unidades. Quando a espécie de atum exige que os anzóis se afundem a 80 metros, os ramais são apenas três ou quatro. Para as albacoras o número de ramais é maior, chegando nalguns casos a vinte, isto porque a albacora é um peixe mais pequeno e os ramais são mais curtos, não excedendo às vezes 30 metros. Os anzóis são iscados com lulas e sardinhas salgadas. Os anzóis postiços só podem utilizar-se na pesca do bonito e com águas correntes que facilitam a atracção e captura do peixe, mas não servem para o atum.

Os cordéis usados nos palangres são fios de nylon de três cabos com a grossura de 2,5 mm. para a albacora e de 4 a 5 mm. para os grandes atuns. Nos palangres modernos emprega-se uma anilha de bronze que elimina o perigo que se verificava anteriormente dos ramais se engancharem nas ligações de arame que guiavam em volta do cordão ou linha-mãe quando era içada, pois algumas vezes não guiavam bem, partindo-se algumas linhas quando o atum era grande. A anilha gira sempre e desaparece a torsião da linha-mãe.

Quando o barco chega aos sitios apropriados começa a estender os palangres. Decorridas horas emprende o seu levantamento pela extremidade que foi lançada primeiramente. Recoem-se os atuns pescados e volta a lançar-se ao mar o aparelho, repetindo-se esta operação por vários dias até considerar-se conveniente procurar outras zonas.

A pesca realiza-se em águas de grande profundidade, sem correntes de importância prática para as operações, pelo que não é costume fundear os palangres.

A temperatura da água tem grande influência pois todos sabem que o atum procura sempre águas cálidas ou temperadas que influem nas suas deslocações. São peixes estenotermes e não suportam mudanças de temperatura, dependendo a sua abundância de variações térmicas. É um factor básico para regular o comprimento do palangre e o número de ramais. Os anzóis afundam-se entre 25 e 80 metros.

Os japoneses estudaram as temperaturas das águas onde trabalham, as correntes quentes e frias e por meio de gráficos chegaram a determinar as temperaturas mais apropriadas para calar os palangres. Consideram que o atum se captura entre os 13° e 31° de temperatura, sendo as águas mais favoráveis aquelas que têm a média térmica de 20,5 a 26,5 graus centígrados. Na região de Tohoku têm pescado com ramais de 100 metros e com a água à temperatura de 10° a 15° centígrados.

Os atuns capturados no Pacífico regulam entre 120 e 200 quilos e no Atlântico (onde o peixe é maior) já se pescaram alguns com 1.000 quilos.



Câmara Municipal de Silves

Foi nomeado vice-presidente da Câmara Municipal de Silves o sr. Francisco de Almeida Lima Elias.

Quando V. Ex.ª vier a Vila Real de Santo António, não deixe de visitar o

Café Restaurante Janelas Verdes

que poderá proporcionar-lhe: Almoços, Jantares e Ceias e tem como «prato da casa» Ovos à Flamengo

Cerveja de barril durante todo o ano // Os melhores vinhos da região // Vinhos verdes sempre gelados // Mariscos dos mais variados

A CASA ÚNICA NO GÉNERO

Aberto sempre até às 4 horas da madrugada

FÁBRICA DE REDES DE PESCA MARINA, LDA.

Est. Circunvalação, 13975

(Cruzamento da Via Marechal Carmona)

Telefone 60979

PORTO

TODOS OS TIPOS DE REDES DE ALGODÃO E NYLON PARA OS VÁRIOS SISTEMAS DE PESCA

Marcas **ROSÁRIO** - Redes de algodão
SINDON - Redes de nylon

A mais recente unidade fabril ao serviço da indústria piscatória

Representante em Vila Real de Santo António

António Guerreiro Ritta

TELEFONE 104

Manuel do Carmo Gonçalves

com estabelecimento na

Rua Dr. Manuel de Arriaga
ARMAÇÃO DE PERA

Único fornecedor dos afamados vinhos «Regalão», «Lagoa» e das areias de Porches e de Armação de Pera. Mercearias, conservas, licores, cervejas, etc. Saborosos petiscos.

Visitai esta casa donde saíreis bem dispostos

CASA DUARTE APRESENTA

os mais lindos e modernos tecidos de Primavera

Rua Teófilo Braga

TELEFONE 288

Vila Real de Santo António

José de Aragão Barros

Escritório: Av. da República, 86-88 / Armazéns: R. do Caminho de Ferro, 24-26

Telef. 66 P. B. X. 4 linhas / Teleg.: José Barros

Apartado n.º 28 — OLHÃO — (Portugal)

MATERIAIS
PARA AS
INDÚSTRIAS
DE PESCA E
CONSERVAS



CONSERVAS
DE PEIXE
EM AZEITE
E
SALMOURA

Teófilo Fontainhas Neto

MESSINES
TELEFONE 8

Exportador de Frutos secos

Figos, Amêndoas e Alfarrobas

Agente no Algarve do Cimento Secil

Armazém de Mercerias

Aduos da C. U. Fabril

CEREAIS

Agente da Tabaqueira

COBREZIN

75 % de oxicloreto de Cobre
25 % de Zinebe

O fungicida de resultados seguros contra o mildio da vinha, da batateira e do tomateiro, contra o pedrado da pereira e da macieira e contra o crivado do pessegueiro, cerejeira e damasqueiro, etc.

Pedidos a:

Estabelecimentos de Importação
ERNESTO F. DE OLIVEIRA
S. A. R. L.

LISBOA

PORTO

R. dos Sapateiros, 115-1.º, Dto.
Telefones 22484 e 22478

R. Mouzinho da Silveira, 195-1.º
Telefone 22031

PONTO AZUL

PONTO POR PONTO O MELHOR!

Apresenta uma nova e grandiosa gama de:

Rádios de mesa

Portáteis

Móveis estereofónicos

Televisores automáticos
com ecran 43, 53 e 59

AGENTE EM FARO

F I A L

Fomento Industrial e Agrícola do Algarve, Lda.

Telef. 382 — Largo do Mercado

Dilatar o começo dos trabalhos de limpeza da barra da Fuseta é lesar a economia daquele porto piscatório e encarar com indiferença a ameaça que impende sobre os seus pescadores

QUANDO se fala da Fuseta, fala-se da pesca. E, falando-se da pesca, incontestavelmente ter-se-á que falar da fatídica barra, da qual tanto já se tem dito. E, não só da barra, como do interior do pequeno porto, que se apresenta num perfeito caos.

Lamas, areias, limos, cobre de toda a extensão compreendida entre a pseudo-entrada da barra e o cais. A este, uma embarcação só pode acostar quando das grandes marés. Fora destas sujeita-se a ficar retida pelas lamas, donde só sairá quando toda a tripulação munida de pás e enxadas, consiga abrir uma profunda vala, que a leve até à parte mais baixa. Claro que, para que tal não aconteça, os barcos ficam fundeados junto à pseudo-entrada da barra, e, os seus tripulantes, terão que percorrer cerca de um quilómetro, a pé, com o peixe às costas, se o quiserem vender na lota!

Tal estado de coisas não poderá continuar. Daí só resultará a saturação. E esses bons trabalhadores do mar, que são os pescadores da Fuseta, não têm o direito de ser sacrificados quotidianamente, na sua luta pela vida!

Bastante se arriscam já, durante os seis meses que passam nas regiões gélidas do Norte, pescando o bacalhau; longe da Pátria, da família, isolados do Mundo; arrostando algumas vezes com monstros como baleias e «ice-bergs». Se depois de tudo isto, ao chegar à sua terra, ao convívio dos seus, ainda têm de defrontar o terrível monstro que é o porto de pesca da Fuseta, esses homens, inegavelmente, deixarão de ser simples pescadores, para se tornarem verdadeiros heróis! Dirão eles: «desejamos mais ser homens vivos, do que heróis mortos!... Porque esta heroicidade não é compensada!» Essa é a verdade!...

E o que fazem as entidades competentes para minorar o sofrimento destes sacrificados? Mistério. Podem estar mesmo estudando o caso... que se arrasta há tantos anos. No entanto, se esses estudos levam assim tanto tempo, com toda a certeza ao ficarem concluídos, já o porto apresentará um novo aspecto! Voltar-se-ão a fazer novos estudos? Por favor, não brincemos com a vida humana!...

Há todavia, na Fuseta, um organismo que presta serviços relevantes à classe marítima. E não só nesta localidade como em todo o País. Trata-se da Junta Central das Casas dos Pescadores.

Por que não seguir o seu exemplo transcendente, na bela missão de proteger os trabalhadores do mar? Construiu já, na Fuseta, um dos maiores bairros, com moradias para pescadores; um centro de assistência e uma maternidade, com a colaboração do dr. Assis Chateaubriand; e por último um edifício para a lota, onde funcionam os serviços de venda, e que, no seu género deve ser dos melhores do País! Estes últimos, bastos auxílios já têm prestado aos pescadores portugueses, dos mais diversos locais.

Se são os 2% que a Junta Central das Casas dos Pescadores usufrui da venda do peixe, que dão para tudo isso, nesse caso que dizer de todos os organismos que cobram percentagens mais elevadas e não apresentam benefício algum? Não. Não são os 2% que dão para isso; mas sim o desejo de bem servir, a exactidão dos serviços guiados pelo intelecto dum homem bom, esclarecido e dinâmico, que é o caso do seu presidente, o sr. almirante Henrique Tenreiro. Talvez poucos homens tenham sentido e vivido tão de perto, os problemas dos pescadores, como ele. Por isso, trabalha, para que os mesmos sejam resolvidos num mínimo espaço de tempo; contribuindo assim para o bem-estar duma classe, já de si tão desprotegida.

Entretanto, que fazem os outros? Não sabemos. Talvez continuem a estudar o tal projecto do porto!

E, a muito custo, uns dias vendendo o peixe em Olhão, outros dias na Fuseta, os marítimos desta terra branquinha, enamorada do mar, lá vão pescando a bordo das embarcações, o melhor que podem, tristes, resignados.

Mas mesmo assim, conseguem fazer coisas maravilhosas. Eis o movimento na lota da Fuseta, no ano de 1960:

Pescadas	10.683.705\$00
Polvos	760.140\$00
Peixe-espada	467.208\$00
Cações	225.287\$00
Linguados	129.091\$00
Outras espécies	1.001.516\$00
Amêijoas	201.507\$00
Total	13.468.455\$00

Neste ano, andaram na captura da pescada, largando os seus aparelhos umas vezes na Beirinha, outras no Charnal, para cima de cinquenta caçadeiras.

TINTAS «EXCELSIOR»

As que mais peixe venderam na Fuseta, foram:

Novo Navegador	898.435\$00
Senhora da Orada	864.862\$00
Oriente	701.572\$00
Benvinda Maria	654.918\$00
Alto Mar	636.321\$00
Nova Maria Alice	610.214\$00
Dois Irmãos Unidos	608.173\$00
Novo Albano Marques	605.755\$00
Novo Pardalinho	516.759\$00
Lurreerminia	463.102\$00
Gasparinho	455.601\$00
Sr.º do Carmo da Fuseta	450.997\$00
Seis de Maio	439.608\$00
Cinco Manas	391.814\$00
St.ª Rita da Fuseta	371.368\$00
São João da Fuseta	350.363\$00
Isabel Teresa	329.861\$00
Petinga	190.325\$00
Rui António	178.760\$00
Deus bem sabe	153.257\$00
Justino	152.052\$00
Tenho fé em Deus	146.974\$00
Dora Francisca	132.907\$00
Universal	128.290\$00
Fusetense	99.368\$00
St.º António me ajude	88.202\$00
Senhora da Paz	81.333\$00
Boa sorte	75.603\$00
Cabo da Roca	57.803\$00
Dois Manas	70.540\$00
São Salvador	64.521\$00
Novo Mito	62.843\$00
Joaquim Luis	61.325\$00
Pitô	55.657\$00
Estrela da noite	60.516\$00
Sulador	57.803\$00
Fernanda Aurora	54.331\$00
José Joaquim	54.302\$00
Flausina	51.361\$00
Total	11.486.905\$00

Todas as outras, venderam importâncias menores de Esc. 50.000\$00.

É de salientar que os barcos de pesca da Fuseta, venderam ainda na lota de Olhão, por não poderem entrar no porto da sua localidade, uma quantidade de peixe avaliada em cerca de dois mil contos!...

Como é do conhecimento geral, o fulcro da pesca na Fuseta, continua a ser originado pelas caçadeiras. No entanto, outras lidas, mormente a pesca do polvo por alcatruzes, cujo nível já é bastante aceitável, também dão certo rendimento. Porém, devido às restrições das áreas, impostas pelas capitães de porto e pelas delegações marítimas, esta modalidade está condenada a nunca sobressair, porquanto não se faculta a licença para ela senão a meia dúzia de pescadores, ficando os restantes impossibilitados de exercer o seu mister, por falta de autorização.

No entender da classe marítima (e essa classe deve perceber dos seus problemas) essas áreas, a existirem, deveriam ser compatíveis com a quantidade de indivíduos que exercessem tal actividade. Exemplo: «Na Fuseta, há cerca de quarenta embarcações que se dedicam à pesca do polvo por alcatruzes. Em Olhão o seu número não excede vinte. Por conseguinte, a área de pesca da Fuseta teria que ser mais vasta». Está muito bem visto! Pois sucede precisamente o contrário. A área da Fuseta é a mais pequena do litoral algarvio!...

Já não bastam os esforços que os homens fazem, para trazer os polvos enfiados em remos, às costas, desde a pseudo-entrada da barra, como já atrás se frisou, senão ainda as dificuldades que lhes são impostas para os apanhar. E eles, heróicos, sublimes, resignados, aguardam com ansiedade, o dia em que para o seu bem, para o bem da Nação, se resolvam os problemas relativos ao seu porto de pesca. Porque a Fuseta bem merece tudo quanto façam por ela.

Que os demais organismos sigam o exemplo dado pela Junta Central das Casas dos Pescadores, é o desejo veemente de todos os pescadores desta terra.

João de Deus

O que tem sido a acção do Banco de Fomento Nacional

Inaugurado há pouco mais de um ano, o Banco de Fomento Nacional aprovou até Outubro de 1960, 34 operações de financiamento directo, no total de 680.232 contos, das quais 18 na Metrópole e 16 no Ultramar (142.167 contos em Moçambique; 57.515 em Angola; e sete mil contos em Timor). Esses financiamentos interessaram principalmente a agricultura e silvicultura (7.515 contos); as indústrias extractivas (6.150); as indústrias transformadoras (175.400); a construção e obras públicas (143.167); a electricidade (298.000) e os transportes (50.000). Foi também firmado um acordo sobre a concessão de crédito agro-pecuário entre o Banco e a Junta de Colonização Interna e a verba atribuída a Angola não inclui os financiamentos que transitaram do departamento de fomento do Banco de Angola e que ainda não estavam totalmente utilizados quando esse departamento foi integrado no Banco de Fomento Nacional.

Com mais 68 mil contos de operações de antecipação, os financiamentos aprovados pelo Banco nos dez primeiros meses da sua actividade totalizaram 748.232 contos. No mesmo espaço de tempo, efectuou financiamentos no valor global de 520.526 contos, sendo 336.852 na Metrópole e 183.674 no Ultramar. Incluem-se neles quer as operações aprovadas pelo Banco, quer os financiamentos por ele efectuados e relativos a operações que transitaram do departamento de fomento do Banco de Angola. Esses investimentos dizem respeito às seguintes actividades: agricultura e silvicultura (37.142 contos); indústrias extractivas (3.490); indústrias transformadoras (135.988); construção e obras públicas (13.400); electricidade (280.506); e transportes (50.000). Dentro das indústrias transformadoras metropolitanas e ultramarinas, foram

principalmente financiadas a do papel (61.050 contos); as metalúrgicas (27.400); as metalomecânicas e de material eléctrico (24.962); e as químicas (12.500). Foram ainda financiados mais 63 mil contos relativos a operações de antecipação, o que dá um total efectivo de operações de financiamento no valor de 583.526 contos.

Por outro lado, nos mesmos dez meses de actividade, o Banco de Fomento Nacional tomou firme 10.833 contos de acções e 42.266 de obrigações de grandes empresas nacionais como a União Fabril do Azoto, Nitratos de Portugal, Metropolitano de Lisboa, SONEFE, Empresa Termoelétrica Portuguesa, Sociedade Portuguesa de Petroquímica, Companhia Nacional de Electricidade, Hidroelétrica Portuguesa e SOREFAME.

Por fim, regista-se a participação do Banco no financiamento do Plano de Fomento que atingiu, até fins de Outubro de 1960, 293.006 contos, dos quais 268.000 sob a forma de financiamentos directos (adubos azotados, electricidade e transportes) e os restantes 25.006 contos em acções e obrigações. Além destas operações, o Banco participou ainda na tomada firme de 53.258 contos de títulos emitidos por empresas consideradas no Plano de Fomento.

Este o resumo, da notável actividade já desenvolvida por este Banco de investimento, instituição nova no nosso País, na sua dupla função de fornecedora de crédito e orientadora da sua aplicação e que vem cumprindo cabalmente o objectivo com que foi criada e se pode sintetizar nestas palavras do sr. ministro das Finanças: «instituição nova na concepção, nova nos métodos, nova nas operações, nova nos recursos que utiliza, nova na atitude para com aqueles que demandam os seus serviços, nova, sobretudo, no espírito que a domina».

Em Vila Real de Santo António

Frequente e prefira sempre o

PIQUENIQUE

CAFÉ-BAR RECENTEMENTE INAUGURADO

de José Joaquim Paulo Viegas

Esmerado serviço de café, bar, pasteleria, doçaria, etc.

O PIQUENIQUE SATISFAZ O MAIS EXIGENTE

AMBIENTE DISTINTO

Amêndoas, Nozes, Miolo de Amêndoa, Miolo de Pinhão, Avelãs, Figos em calda, Figos com Nozes e Amêndoas, Estrelas de Figo, Conservas de vegetais, Batatas de consumo, Ceiras para pregos, etc., etc.

Fornecem os Exportadores-Preparadores

VASCO & IRMÃO, L.ª

PORTIMÃO — PORTUGAL

Concedemos Agências para a Beira, Guiné, S. Tomé, Macau, Goa, Funchal, Venezuela e Canadá.

Pinhol, Gomes & Gomes, Lda.

Rua Vieira da Silva, 6 a 10

TELEFONE 660410

LISBOA 3

Máquinas para todas as indústrias

Chumaceiras em bronze e de rolamentos; veios de aço polido e calibrado de 5 a 120mm; varão de aço macio de 50 a 400mm; chapas de ferro de 2 a 130mm de espessura; e tubos de aço sem costura de 5 a 350mm com paredes de 1 a 40mm.

Castro Marim vai ter um bairro para trabalhadores

O sr. João Celorico Drago ofereceu à Câmara Municipal de Castro Marim um terreno para construção de um bairro de casas económicas para trabalhadores.

No mesmo local, o sr. José Afonso Henriques adquiriu uma parcela de terreno com quatrocentos metros quadrados para a construção do novo edifício dos C. T. T.



FAMOSAS TINTAS PARA TINGIR EM CASA. Depósito Geral: CASA ARTI, LDA. Avenida Manuel da Maia, 19-A. Telefone 49512. LISBOA.

Uma carta do capitão-de-mar-e-guerra José Salvador Mendes

(Conclusão da 10.ª página)

as poderem conceber para as emitir e divulgar. E, por isso, arvoram-se em ardorosos derrotistas das ideias alheias, quando é bem certo que, ao menos por um dever de cortesia, lhes cumpria patrocinar aquelas ideias, pelo menos enquanto elas não fossem contrariadas por factos positivos.

Se tantas e tantas ideias se têm aventado sobre este importante assunto em todos os tempos e com o patronato de todos de forma geral, por que será que sobre ele não poderão, com esse amparo, ser emitidas ideias da minha modesta autoria, quando é bem certo que elas parecem sobrelevar todas as outras?

No que se refere às nossas ideias, alguns despeitados pelas mesmas afirmaram que eu tinha tido a ousadia de pretender instalar girobússolas na cabeça dos atuns; outros, porém, sem ao menos procurarem compreender o que tão clara e nitidamente havia escrito, estranhamente conceberam que, segundo a minha teoria, os atuns andariam à roda, acompanhando assim o movimento solar diurno; e outros, ainda, que a minha hipótese não pas-

sava de uma atrevida e arrojada fantasia, pelo que não teria ponta por onde se lhe pegar. Ao que chega a ignorância de certa gente!... Ou, melhor, o despeito e inveja dessa gente que, julgando-se em posição de desvendarem os enigmas da Natureza mais do que os outros, não admitem de forma nenhuma que estes outrosousem divulgar o que eles, por falta de iniciativa ou destunho para isso, não foram capazes de fazer.

Por que me julgo bom algarvio e, nomeadamente, português de lei, estou pronto — e mui gostosamente, repito — a coadjuvar por escrito, e não apenas por palavras, todos aqueles que de boa fé e com educação recebam as minhas despretensiosas ideias, para deste modo se tentar a sobrevivência das antiquíssimas e simpáticas armadilhas fixas para a pesca do atum na costa algarvia, as quais urge a todo o transe salvaguardar, pois não admito que haja motivo justificativo para que venham a socobrar irremediavelmente, embora se encontrem sob capa rigorosa debaixo de um grande temporal, mas antes razões fortes para que futuramente floresçam e progridam, mediante as alterações adequadas, a bem da economia da Província respectiva.

Convém todavia esclarecer que, relativamente às armadilhas marroquinas e nomeadamente às espanholas, as artes similares portuguesas são de muito mais fraco rendimento piscatório e de capturas mais contingentes pelo que, a tal respeito, nunca deveremos tentar estabelecer paralelo entre estas e aquelas.

Mas, essa desinteressada coadjuvação da minha parte, não ficaria certamente por aí. Será, sem dúvida, extensiva também a quaisquer empresas atuneiras que de momento surjam, visto que se trata, a meu ver, de fazer surgir em toda a

sua plenitude a «grande e eterna pesca do futuro»: a pesca do atum exercida em todos os mares e oceanos por meio de processos de pesca moderníssimos.

As principais pescas actuais, tais como a da sardinha na faixa costeira e a do bacalhau por meio de aparelhos de anzóis, tendem, a meu ver, para uma lenta e progressiva decadência. Lá virá o tempo — que não parece estar longe — em que a pesca do arrasto do bacalhau venha também a declinar lenta e progressivamente.

E que os pesqueiros, de áreas limitadas, já muito envelhecidos e depauperados são quase sempre os mesmos a serem intensamente explorados; os barcos de pesca são cada vez mais perfeitos e numerosos; e os aparelhos de pesca de que dispõem vão-se aperfeiçoando cada vez mais, provocando assim um maior rendimento piscatório e, deste modo, um maior despovoamento desses pesqueiros, o que, de certo modo, virá provocar de futuro nesses o inevitável fenómeno da «sobrepesca», com o seu cortejo de dolorosas consequências.

Só a «grande e eterna pesca do futuro», a do atum no alto mar, e a pesca da sardinha, executada por fora da zona costeira com barcos adequados a esse efeito, poderão compensar sobejamente aquele lamentável estado de coisas que se avizinha e logo que ele surja, se é que já não despontou.

E que a pesca científica do atum não é susceptível de provocar o fenómeno da «sobrepesca» por mais intensamente explorados que sejam os pesqueiros respectivos, a meu ver praticamente inesgotáveis. E que esses pesqueiros, disseminados por todo o Atlântico e Mediterrâneo, mares que preferentemente nos interessam por estarem mais à mão, são inumeráveis e quase todos eles se mantêm ainda inexplorados por ignorados.

Cada «campo de actividade, de uma dada população de atuns compreende três pesqueiros, a saber: o «domicílio de Inverno», a «zona de corridas» e, finalmente, a «área de postura ou desova», e, daqueles, o mais rendoso, por serem nele mais acessíveis as capturas, deverá ser esta «área de postura ou desova».

Imagine-se, pois, quantas populações de tuniões não haverá em toda a vasta extensão do Atlântico e Mediterrâneo; serão inúmeras certamente; assim o número de pesqueiros que haverá ao longo de ambos esses mares será quase infinito.

Se alguns deles (muito poucos) estão já designados pela iniciativa particular apenas, quase todos estão ainda por localizar e definir, infelizmente, pelo que a pesca exercida com atuneiros se anda a exercitar ao acaso, presentemente, o que não parece de boa norma económica. O que lhes vale é o atum muito abundar em cada um dos pesqueiros por eles explorados.

Salvo o genial aperfeiçoamento de alguns atuneiros, dos instrumentos e processos de pesca por eles usados, o que também vem de certo modo obstar aos inconvenientes de uma pesca executada ao acaso, é meu parecer que em matéria de pesca do atum, e no que respeita à investigação e descoberta de pesqueiros, está quase tudo por fazer.

Porque em ambos os mares supracitados deverá haver milhares de «áreas de postura ou desova», contendo tuniões de todos os tamanhos em número quase inesgotável na época própria, fertilíssimo deverá ser nelas, certamente, o exercício da pesca do atum, logo que esses inúmeros pesqueiros estejam convenientemente localizados, definidos e explorados, ponderado o rendimento importante dos aperfeiçoados sistemas de pesca actualmente em uso, tais como os moderníssimos atuneiros, operando no exercício da captura do atum (e outros peixes graúdos e muito apreciados) com «palangres» (long-lines) de quase 60 milhas marítimas de extensão; com redes de cercar para bordo manobradas por duas embarcações de alumínio, embarcando cada uma delas metade do aparelho de pesca de cercar, coadjuvadas por uma outra embarcação similar servindo de viveiro do isco vivo e que tem por missão especial o engodamento do atum, para que assim este se deixe cercar na maior quantidade e no mais curto espaço de tempo possíveis; e, finalmente, com canas de pesca, quando a bordo do atuneiro se entender por melhor este exercício de captura dos tuniões. E que, para efeito de um maior rendimento piscatório, convirá que cada atuneiro exerça a sua actividade com estes três sistemas de pesca, usando cada um deles de harmonia com as circunstâncias que no mar se apresentem.

E há vantagem em que assim seja para que o produto da pescaria colhida nas experiências cubra em curto espaço de tempo o capital investido na construção e no armamento do referido barco e, depois, os pesados encargos resultantes das suas sucessivas missões experimentais.

Igualmente nada feito, se porventura o pessoal que o tripular não for bem idóneo para a complicada missão que incumbirá ao barco pesquisador. E a breve trecho o saldo será provavelmente positivo. E estas firmes ideias que parecem representar a realidade das coisas, embora desdenhadas pelos despeitados e ignorantes, armados em grandes sabedores, não de vingar, custe o que custar, a despeito do derrotismo e desdém que injustificadamente lhes movem. O tempo, que é o grande mestre, o dirá... De resto, e por isso, não estou a escrever para esta geração, mas sim para as vindouras. E é nessas que tenho esperanças de que me venham a compreender.

Desculpe-me este arrazoado, prezado sr. doutor, mas terminei. Com os meus melhores cumprimentos e protestos da mais elevada consideração, me subscrevo com toda a veneração.

AGORA AINDA MAIS BARATOS! BOSCH Apresenta a sua nova linha de frigoríficos Capacidades desde 110 a 240 litros Três tipos de congelador Preferidos pelo seu alto rendimento Agente em Faro F I A L Fomento Industrial e Agrícola do Algarve, Lda. Telefone 382 LARGO DO MERCADO

Papelaria e Tipografia Paula EXECUTA A PREÇOS SEM COMPETÊNCIA TODOS OS TRABALHOS TIPOGRÁFICOS Vende, em boas condições, artigos de papelaria, brinquedos e artigos de novidade Praça Luís de Camões LAGOS

A expansão que vai ter a siderurgia portuguesa

Se ainda há uma dezena de anos não se podia falar numa industrialização do País, uma vez que a instalação de indústrias no século dezanove e na primeira metade do século actual não implicara uma modificação das nossas estruturas económicas e sociais, certo é estarmos a viver, agora, a promoção do nosso país à categoria dos países economicamente adultos.

Processo económico que tende a acelerar-se de ano para ano, poderíamos dizer de mês para mês, implicará a multiplicação de novas iniciativas industriais, uma vasta e aprofundada exploração dos nossos recursos, a qualificação da nossa mão-de-obra. Mas falar em desenvolvimento económico é falar em aço, tão intimamente se encontra o ferro associado à agricultura e à indústria como verdadeira infraestrutura das nações.

A criação da nossa primeira indústria siderúrgica surgiu, assim, no momento próprio para que a expansão portuguesa assente em ferro fabricado com as nossas matérias-primas e utilizando mão-de-obra portuguesa. Inicialmente a Siderurgia Nacional a sua laboração ainda este ano, com um alto forno e uma produção orgada em duzentas mil toneladas anuais; prevê-se, porém, que aquele alto-forno se juntem outros três, elevando a produção para cerca de um milhão de toneladas de gusa. A indústria siderúrgica está, assim, projectada para corresponder ao surto de progresso que assinalará os anos futuros do nosso País.

Mas as perspectivas da siderurgia não podem circunscrever-se aos limites do continente. Haverá que entrar em linha de conta com as crescentes necessidades das nossas províncias ultramarinas, cujo progresso económico será poderosamente estimulado pelos planos de fomento em curso e pela rápida evolução de outros territórios vizinhos. E haverá, muito especialmente, que prever as consequências das reivindicações de desenvolvimento económico formuladas por todos os territórios que recentemente ascenderam à independência.

A indústria siderúrgica portuguesa tem, assim, assegurado não só um mercado nacional em expansão, como ainda uma ávida procura por parte dos países sub-desenvolvidos da América Latina, da África e da Ásia. Procura que parece igualmente certa para as iniciativas industriais que utilizarão o nosso ferro, transformando-o em máquinas ou em bens de consumo, uns e outros ostentando, como verdadeiro título de nobreza dos nossos trabalhadores, um orgulhoso «made in Portugal».

QUADRO N.º 3

Actividades piscatórias e conserveiras do Algarve, em comparação com as de todo o Continente, no triénio de 1957/59

Table with 10 columns: Regiões, População existente em 1958 (a), Pesca (b) (Toneladas, Contos), Conservas (b) (Unidades industriais, Pessoal empregado, Capacidade de produção, Capacidade não utilizada).

- (a) — Números obtidos por extrapolação linear, a partir do aumento médio anual de 1940/50. (b) — Estatística Industrial do Instituto Nacional de Estatística. (c) — No triénio de 1950/2, as 11.178 toneladas de sardinha para conserva desembarcadas no Algarve, representavam 32,9% do continente. (d) — Compreende, além das unidades de conservas em azeite e molhos, as das outras modalidades. Porém, a capacidade de produção total é apenas referida à da conserva em azeite e molhos.

QUADRO N.º 4

Tuniões pescados em todo o Mundo no triénio de 1957/9

Table with 2 columns: Países, Milhares de toneladas. Lists countries like Japão, U.S.A., Índia, Peru, França, Espanha, etc.

QUADRO N.º 5

Grandes pescas nacionais, efectuadas no continente no triénio de 1955/9, em toneladas

Table with 3 columns: Espécie de pescarias, Tonelagem, %. Lists Sardinha e similares, Bacalhau, Arrasto do alto e da costa, Tuniões do Algarve, etc.

Origem: Estatística das Pescas Marítimas

«Jornal do Algarve»

Condições de assinatura Continente e Ilhas Série de 10 números... Ultramar, Brasil e Espanha Série de 50 números... Estrangeiro Série de 50 números...

Funcionalismo público

Foi nomeado proposto da Fazenda Pública, de 2.ª classe, em Portimão, o sr. Inácio Marcelo da Conceição Grade. Foi transferida de Portimão para Alcobaça, a sr.ª dr.ª Isabel Pereira Mendes, conservadora do Registo Predial. Está aberto concurso para provimento do lugar de conservador do Registo Predial de Portimão (3.ª classe).

QUADRO N.º 6

Evolução mundial da pesca dos tuniões nos anos de 1948 a 1959

Table with 5 columns: Anos, Pesca mundial em milhares de toneladas (a), Pesca do Algarve em toneladas (Total, Só cavala e sarda, Sem cavala e sarda).

Nota: A média anual de pesca de atuns e similares no Algarve (sem a cavala e a sarda), no período de 1953/9, são 2.249 toneladas.

Origem: (a) — Year Book of Fishery Statistics — F A O (b) — Estatística das Pescas Marítimas.

QUADRO N.º 7

Atum fresco ou conservado pelo frio ou pelo sal, em toneladas, importado nos anos de 1957/59

Table with 4 columns: Atum, 1957, 1958, 1959. Lists Fresco ou conservado pelo frio, importado de Setembro a Janeiro do Ultramar, etc.

Origem: Estatística do Comércio Externo, I Vol.

CINECLUBISMO

FARO — Pedem-nos a direcção do Cine-Clube de Faro para que informemos de que por razões especiais foi antecipada para terça-feira a sessão cinematográfica, inicialmente anunciada para quarta-feira.

CICLISMO

Começa hoje a Volta ao Algarve em Bicicleta

Com a participação dos maiores estradistas portugueses e organizada pelo Ginásio Clube de Tavira, com o patrocínio das marcas comerciais: «Refrigerantes Jaguar», «Atum Bom Petisco» e «Tintas Robbialac», inicia-se hoje em Tavira a Volta ao Algarve em Bicicleta.

A concentração da caravana far-se-á na Praça da República, partindo os ciclistas às 11 horas para a primeira etapa da prova.

As equipas serão constituídas pelos seguintes corredores:

Ginásio de Tavira: Jorge Corvo, Sérgio Páscoa, João Bárbara, Alcide Neto, Virgílio Nunes, Vitor Lourenço, José Pedro e José Libânio.

F. C. do Porto: Sousa Cardoso, Carlos Carvalho, Azevedo Maia, Sousa Santos e José Pacheco.

Sporting C. Portugal: José Pedro Carvalho, Pedro Júnior, Manuel Graça, Ventura Cristóvão e Agostinho Braz.

Sangalhos: Alves Barbosa, António Baptista, Fernando Henriques da Silva, Américo Castanheira e Antero Elias.

Benfica: Henrique Castro, Manuel Simões, Ildio do Rosário, José Anastácio e Peixoto Alves.

Académico: Alberto Carvalho, António Santos, Francisco Marinho, Manuel Castro e Martins de Almeida.

Águias de Alpiarça: António Pisco, Lima Fernandes, Agostinho Correia e Joaquim Casimiro.

Louletano: Vitor Tenazinha, Manuel Perna Coelho, Valério Clara e João de Deus.

Ovarense: Laurentino Mendes. Farense: Inácio Ramos.

OFIR CHAGAS

ACTUALIDADES DESPORTIVAS

FUTEBOL

Farense e Sporting sustentaram duelo equilibrado... (1-2)

Comentário por A. ENCARNÇÃO VIEGAS

Aproveitando a interrupção das provas oficiais, o Farense promoveu a vinda ao Algarve da equipa dos «leões» da capital, 2.ª classificada no «Nacional» da 1.ª Divisão.

Foi uma partida interessante de seguir pela forma surpreendentemente nivelada em que decorreu. Poderia dizer-se até que cada um dos contendores — cada qual a seu modo — foi uma surpresa para os espectadores: o Farense porque se exibiu em grande plano numa altura em que a equipa parecia longe da boa «forma» (terá passado o mau tempo?) e o Sporting porque, inversamente, não adregou exibição nem de longe compatível com a fama dos seus elementos.

O grupo algarvio desfrutou assim de largos períodos de domínio, especialmente na 2.ª parte, que lhe pertenceu quase por completo. A falta de eficácia dos seus dianteiros (o médio Sosa foi o mais perigoso rematador e o golo da equipa marcou-o o defesa Reina no seguimento de um livre...) tirou-lhe no

entanto possibilidades de conseguir melhor resultado.

Excelentes actuações de José Maria, que depois de longa ausência reapareceu em forma admirável, Reina, que perfilhou o melhor sistema de marcação a Seminário, «ballando-lhe» na frente sem ir à «queima» das fintas desconcertantes do peruano, Sosa, o melhor de todos, e Queimado, o mais positivo dos dianteiros.

No Sporting, a falta da sua excelente linha média (já que o lugar de Lino foi bem preenchido por Moraes) pode ser levada em conta para atenuante da sua péssima actuação. Anibal, excelente entre os postes mas demasiado preso a eles, o já citado Moraes, Monteiro, um grande jogador em embrião, e Seminário, embora sem o brilhantismo de outras partidas, foram os melhores da turma leonina.

Campeonato Distrital de Reservas

Lusitano, 3 — Portimonense, 3

No prosseguimento do campeonato distrital de reservas defrontaram-se no sábado passado, conforme noticiámos, as equipas do Lusitano e Portimonense, que se apresentaram muito reforçadas com vários titulares, desenvolvendo jogo movimentado.

No primeiro tempo a ligeira superioridade técnica do Portimonense possibilitou-lhe atingir no marcador a vantagem de dois golos.

Após o reatamento, o Lusitano, começou a procurar com maior insistência a baliza adversária. Dos seus ataques sucessivos resultou a igualdade primeiro, e a vantagem de 3-2 depois, alcançada com um golo monumental, marcado por Ludgero, que dificilmente se nos apagará da retina. Os barlaventinos conseguiram ainda empatar, resultado que lhes é lisonjeiro se atendermos ao magnífico segundo tempo dos locais, que só não alcançaram a vitória devido à grande exibição do guarda-redes contrário.

Grupo Desportivo «Os Gráficos»

Entre os clubes inscritos para o torneio popular de futebol que se vai realizar em Vila Real de Santo António figura o Grupo Desportivo Os Gráficos.

Certamente que poucos conhecem este grupo. A sua existência deve-se à feliz ideia de alguns profissionais da indústria gráfica que, a exemplo do que acontece em muitas outras localidades, pretendiam e conseguiram formar um grupo exclusivamente com elementos da sua classe. Tal iniciativa é de louvar e de amparar.

Não contam os seus dirigentes com qualquer auxílio que não seja o seu próprio sacrifício, limitando-se, desta maneira, a apelar para todos os que ligados a esta arte os desejem ajudar.

CASA DIAS

Rua Miguel Bombarda, 14

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Livros das Editoriais Século e Notícias

Máquinas fotográficas «BALDA»



A MÁQUINA PARA TODOS Equipada com a objectiva de fantástica abertura 2,9 permitindo fotografar em péssimas condições de luz onde quaisquer outras fracassam. DISPARADOR AUTOMÁTICO Preço excepcional est. 590\$00

TINTAS «EXCELSIOR»

Campeonato Nacional da III Divisão

O Silves continua firme no primeiro lugar

Aljustrelense - Silves

Mais um obstáculo foi ultrapassado pela equipa de Silves neste difícil campeonato da Terceira Divisão.

Não conseguiram, porém, desta vez, averbar os silvenses o triunfo, mas apenas arrancar um ponto em Aljustrel, o que é de felicitar pois o Aljustrelense apresenta-se como sério candidato à passagem à «poule» seguinte.

Ao intervalo, os algarvios venciam por 1-0 mas no segundo tempo a boa réplica do Aljustrelense levou-o a igualar o marcador.

A indiscutível superioridade técnica do Silves não foi devidamente expressa em golos, o que é tanto mais de admirar, se atentarmos em que os alentejanos jogaram desfalcados do seu excelente guarda-redes titular — Ramires.

Esperança - Moura

Não foi possível aos lacobrigenses vingar a derrota que haviam sofrido a quando da sua deslocação à ridente vila de Moura.

Os alentejanos, que fazem parte do primeiro «pelotão», tiveram no Esperança um adversário que lhes soube contrariar todos os sistemas para evitar ser vencido, acabando por impor um empate, o resultado mais de acordo com o desenrolar do jogo desenvolvido pelos contendores.

Equipas e marcadores

III Divisão

SILVES: Inácio; Maurício e Lóia; Albertino, Alves e Silvério; Lourenço, Pacheco, Grilo, Hélder e Domingos (1).

ESPERANÇA: Afonso; Rego e Amílcar; Diamantino, Ricardo e Júlio; Eduardo, Gorgulho (1), Reis, Constantino e Duarte (1).

RESULTADOS DOS JOGOS.

Aljustrelense, 1 — SILVES, 1
ESPERANÇA, 2 — Moura, 2

Classificação da 8.ª série

Table with 2 columns: Team and Points. Silves: 12, Unidos: 10, Aljustrelense: 10, Moura: 10, S. Domingos: 8, Ferreirense: 6, Esperança: 4.

Jogos e árbitros PARA AMANHÃ

Taça de Portugal

Benfica-OLHANENSE
Marcos Lobato, de Setúbal
Sacavenense-FARENSE
Manuel Fragata, de Setúbal

III Divisão

SILVES - ESPERANÇA
César D. Correia, de Faro
UNIDOS - Moura
Manuel Gonçalves, de Faro

Os C. T. T. no Algarve

A administração dos C. T. T. elevou a classe do posto de correio instalado em Portela da Corcha (Tavira)

A administração-geral dos C. T. T. elevou a classe do posto de correio instalado em Portela da Corcha, do concelho de Tavira, dando possibilidade à respectiva população de, no local, beneficiar do serviço de registos de correspondências, bem como do de valores declarados, único meio de transferência de fundos em localidades onde não existem estações dos C. T. T.

ATENÇÃO

V. Ex.ª deseja comprar um aparelho de Rádio? Não hesite. Compre um

GRUNDIG

Agente no concelho de Vila Real de Santo António

Fernando José Serra Vargas

Rua D. Pedro V, 74

se fuma... experimente

Advertisement for AYIZ cigarettes. Includes image of a pack and a person smoking. Text: 'O NOVO', 'um cigarro melhor', 'NOVA MISTURA DE TABACOS EXCELENTES', '3\$10', 'COMPANHIA PORTUGUESA DE TABACOS'.

PISTOLAS STAR CHEGOU NOVA REMESSA



Construída com material especial, leve e resistente — Muito portátil — Dois carregadores

A pistola diferente do que até hoje se apresentou

Calibre 6,35 m/m — 9 tiros

Em stock: Pistolas das acreditadas marcas PIETRO BERETTA — F. N. (Baby e Standard) — WALMANN WALTER — MAUZER — etc.

Revólveres de cal. 32 das marcas SMITH & WESSON RUBY EXTRA e outros

Grande sortido de armas novas e de ocasião Munições de calibre 6,35 e 32 das marcas F. N. — Fiochi — Seller & Belot — Winchester — Remington

Encarregamo-nos de renovar e tirar licenças de porte de arma Oficina especializada na reparação de todos os tipos de armas

A. M. SILVA

ARMEIRO

Rua da Betesga, 1 — LISBOA — Telef. PBX 31313/31314

Armas — Munições:

VENDEMOS AS MELHORES DESDE HÁ MUITOS ANOS

Joaquim Barbosa de Macedo ARMAÇÃO DE PERA

Fabrica e exporta para os Estados Unidos da América, aonde têm grande aceitação devido ao esmerado asseio e confecção do seu fabrico, a pasta e passas dos saborosos figos do Algarve.

Agente geral no Algarve da

Companhia Portuguesa de Congelação de Peixe

Indústria de Licores «Dois Amigos», Lda. Telefone 293

Vila Real de Santo António

Fabrico por destilação de Triple, Aniz Refinado, Aguardente Paloma (Tipo Cazalla), etc.

Torrefacção Electromecânica de café

Recomendamos o nosso lote moído "BELAROMA"

Alfaiataria GONÇALVES

Rua Dr. Martinho Simões ARMAÇÃO DE PERA

JOSÉ BERNARDINO GONÇALVES, alfaiate diplomado executa todos os trabalhos de fatos de homem e de criança, com o mais esmerado acabamento, a preços módicos. Possui grande sortido de cortes de fatos ao gosto de todos os fregueses. Bem servir, para melhor vestir

Leia o JORNAL DO ALGARVE e saberá o que se passa no Algarve

CASA NICOLAU

de José Nicolau Chagas FUSETA

GRANDE SORTIDO DE FAZENDAS, ALGODÕES E LÃS EM LINHO

Secções de

RETROZARIA
CHAPELARIA
CAMISARIA
E SAPATARIA

PERSIANAS de plástico (para exteriores)

«ROPLASTO»

MESAS E CADEIRAS de fibrocimento (para o ar livre)

«LUSALITE»

Centenas de peças vendidas para o Hotel Vasco da Gama de Monte Gordo AGENTES NO ALGARVE:

LUSALGARVE, LDA. Telefone 354 FARO

Serviços Municipalizados de Vila Real de Santo António

Do sr. presidente do Conselho de Administração dos Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António recebemos a seguinte carta:

Sr. director do Jornal do Algarve

No desejo de esclarecer posições e evitar, também, que possivelmente venham a tomar vultu versões mais ou menos afastadas da verdade, sempre prejudiciais, mormente em meios pequenos, vimos solicitar de v. com antecedência desculpas pelo espaço e tempo tomados, a publicação do que se segue:

A ligação da rede eléctrica desta vila, e da de Monte Gordo, à da C. E. A. L., traz a obrigatoriedade paralisadora das Centrais térmicas destes Serviços.

Em consequência da mesma, não teríamos em que ocupar os actuais maquinistas e ajudantes, e de aí a necessidade de se prescindir dos seus serviços.

Fez-se, pois, um aviso aos interessados, em data de 29 de Junho de 1960, informando-os directamente dos factos, que aliás eram já do conhecimento geral, e para o fim de procurarem colocação em qualquer entidade ou empresa.

Como contrariamente ao previsto não foi possível fechar até ao termo do passado ano sendo uma das Centrais, fez-se ainda um novo aviso, datado de 20 de Dezembro de 1960, comunicando que seria mantido ao serviço todo o pessoal, que o solicitasse, e até ao fim do mês em que viesse a verificar-se a paralisação da outra Central, facto que deve dar-se em todo o corrente mês de Março.

Este Conselho de Administração muito lamentando a medida que é forçada a tomar, informa que manterá em serviço algum ou alguns dos actuais serventuários, que continuam sendo necessários, e ainda que deu a garantia de preencher quaisquer vagas, que venham a verificar-se, de futuro, nos Serviços, com elementos do pessoal demitido, sempre que o mesmo reúna os requisitos legais, e mediante prévia indicação, quer num caso quer noutra, dos srs. chefes de Serviços.

Muito agradecendo a atenção da publicação do que antecede e com os protestos da mais elevada consideração, subscrevemo-nos,

A bem da Nação

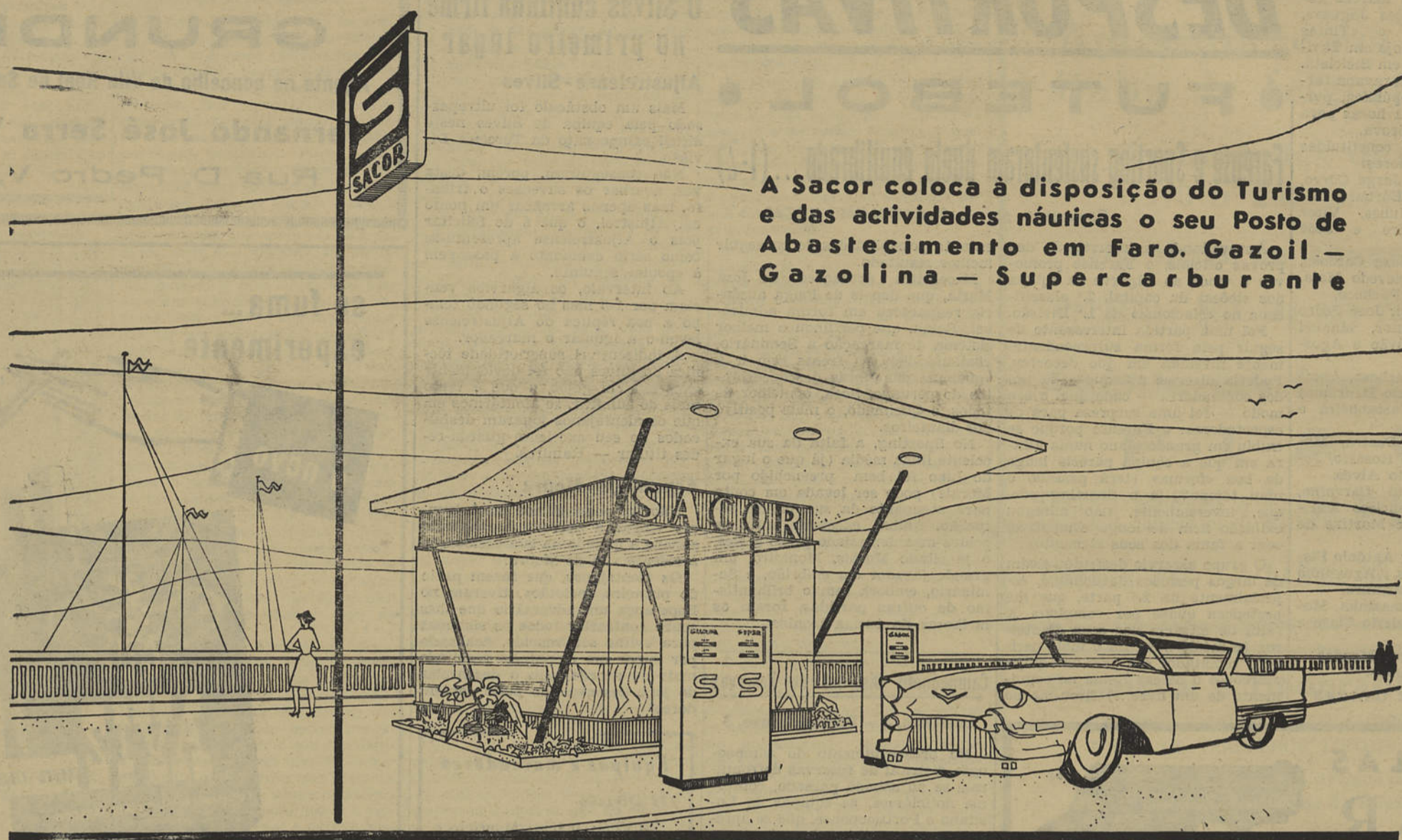
(a) Pedro Martins Socorro

Presidente do Conselho de Administração

É inaugurado na quinta-feira o novo edifício da lota de Vila Real de Santo António

As 11 horas de quinta-feira, com a presença do sr. capitão-de-fragata Eduardo Augusto Costa-Cabral Metzner, delegado da Junta Central das Casas dos Pescadores e outras individualidades, é inaugurado o nosso edifício da lota de Vila Real de Santo António, situado junto à doca de pesca.

Sem o anúncio, a grande maioria dos produtos comerciais não teria procura — ficaria nos armazéns ou nas prateleiras indefinidamente. O anúncio traz a clientela e traz lucro.



A Sacor coloca à disposição do Turismo e das actividades náuticas o seu Posto de Abastecimento em Faro. Gazoil — Gasolina — Supercarburante

FARO - Posto de Abastecimento Sacor na Praça D. Francisco-Gomes, junto à doca

SALCO

AGENTES NO ALGARVE:

- Sociedade Algarvia de Carburantes e Óleos, Limitada

Rua Dr. Oliveira Salazar — 17 e 19 — FARO

Telefones 276 e 278

VOLKSWAGEN

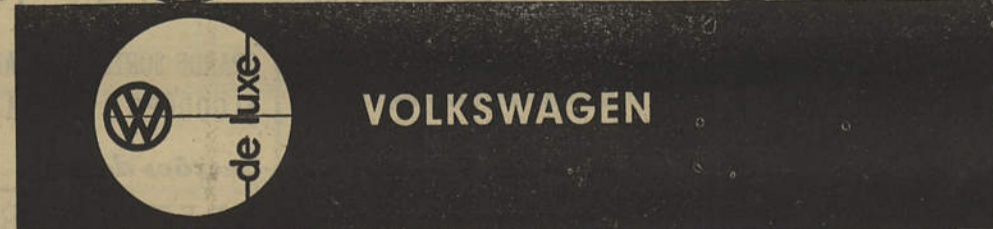
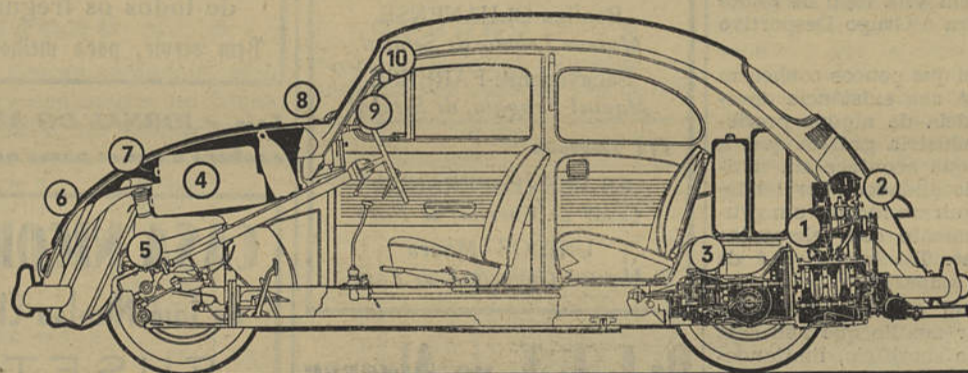
cada vez melhor!

COMBUSTÍVEIS

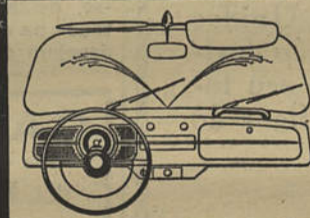
LUBRIFICANTES

GAZCIDA

PROPACIDLA



ainda
mais potente
e
totalmente
sincronizado



mantendo o mesmo preço
apresenta

10 sensacionais inovações:

- | | |
|--|---|
| 1. motor mais potente: 34 CV | 6. luz baixa assimétrica |
| 2. carburador Solex com novo dispositivo de arranque | 7. luzes pisca-pisca |
| 3. mudanças totalmente sincronizadas | 8. interruptor de dupla função para o lavador e limpadores do para-brisas |
| 4. porta-bagagens dianteiro 65% mais espaçoso | 9. pega no tablier para o passageiro da frente |
| 5. amortecedor hidráulico da direcção | 10. viseira estofada dupla |

mais
confortável
e com
maior espaço
para
bagagem

em exposição no stand em **FARO**

AUTOMÓVEIS

FURGONETAS

ACESSÓRIOS

P N E U S